

# ***GAUDIUM SCIENDI***



**NÚMERO 21  
DEZEMBRO 2021**

**ISSN 2182-7605**

**Imagem da capa *A Porta*  
Ana Mandillo, 2012**



# SUMÁRIO

## EDITORIAL

<b>EDITORIAL</b> .....	7-12
Maria Laura Bettencourt Pires	
Directora da revista <i>Gaudium Sciendi</i>	

## ARTIGOS

<b>BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?</b>	
Margarida Amaral .....	15-28
Resumo/Abstract .....	27-28
<b>A ESPERANÇA DA ESPERANÇA</b>	
Ana Luísa Vilela .....	29-54
Nota Biográfica .....	52-53
Resumo/Abstract .....	53-54
<b>COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A.M. OLIVEIRA</b>	
João Rebocho - Catarina Viegas .....	55-62
Nota Biográfica .....	62
Resumo/Abstract .....	62
<b>(EN)GENDERING TRANSLATION(S): THE LANDING ON THE MOON (1969)</b>	
Miguel Alarcão .....	63-70
Nota Biográfica .....	68
Resumo/Abstract .....	69
<b>LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS: A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.</b>	
Cláudia Sousa Pereira .....	78-98
Resumo/Abstract .....	97-98
<b>O PROGRAMA FULBRIGHT E AS OPORTUNIDADES QUE OFERECE A INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS, ESTUDANTES, PROFESSORES E INVESTIGADORES PORTUGUESES E AMERICANOS</b>	
Dora Arenga, Dorian Rosca, Sofia Wahnnon .....	99-108
Notas biográficas.....	107
Resumo/Abstract.....	108



#### ***HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?***

Américo Pereira .....	109-126
Nota biográfica.....	125
Resumo/Abstract .....	125-126

#### ***MALLARMÉ'S CHOREOGRAPHY: AN INTERPRETATION OF UN COUP DE DÉS***

Daniel Drake Cascão .....	127-138
Nota biográfica .....	138
Resumo/Abstract.....	138

#### ***NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS***

Miguel Alarcão .....	139-154
----------------------	---------

#### ***PESSIMISM AND OPTIMISM***

Maria Laura Bettencourt Pires .....	155
Nota Biográfica .....	172
Resumo/Abstract .....	173-174

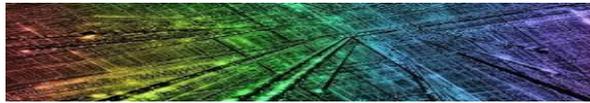
### **INFORMAÇÕES SOBRE *GAUDIUM SCIENDI***

- INFORMAÇÕES..... 177-178
- NORMAS PARA SUBMISSÃO DE ARTIGOS..... 179
- CONSELHO EDITORIAL..... 181
- CONSELHO CONSULTIVO..... 183
- CONSELHO DE AVALIAÇÃO..... 185
- ABOUT US..... 189-190
- RULES FOR THE SUBMISSION OF ARTICLES..... 191
- EDITORIAL BOARD..... 193
- ADVISORY BOARD .....
- BLIND PEER REVIEW..... 197

NOTA: O Conselho Editorial da *Gaudium Sciendi* respeita a decisão pessoal dos autores de não escreverem segundo o projecto do chamado Novo Acordo Ortográfico.







## EDITORIAL

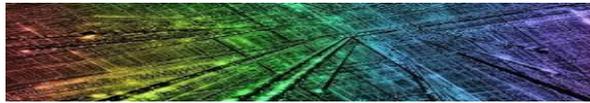
Maria Laura Bettencourt Pires



**D**e acordo com os dicionários, um editorial é um "artigo de fundo" da responsabilidade dos Editores de uma revista ou jornal e é-lhe, frequentemente, dada proeminência, sendo, por isso, publicado na primeira página. No nosso caso, apresenta o posicionamento crítico do Conselho Editorial da *Gaudium Sciendi*, que procura garantir a qualidade dos textos e a acessibilidade à leitura, tendo em vista a diversidade do tipo de leitores que constituem o público da revista electrónica da Sociedade Científica da Universidade Católica. Em princípio, inclui referências aos tópicos analisados nos vários artigos e faz uma síntese do que neles é apresentado, sendo igualmente tarefa dos editores da revista fazer a revisão dos textos e organizar o material dentro da estrutura da publicação.

É, por isso, com grande gosto que, dez anos depois ter escrito o primeiro Editorial, em 2012, volto agora a escrever um artigo inicial para o Nº 21 da *Gaudium Sciendi*. Tentando corresponder às expectativas – tal como referi acima – irei, portanto, fazer uma breve análise do conteúdo das colaborações que nos deram a honra de nos confiarem para publicarmos neste número da revista.

Penso que este exemplar da nossa publicação se caracteriza pela variedade dos temas tratados e pela riqueza estilística dos textos. Reflecte igualmente, tal como seria de esperar, preocupações inerentes à época conturbada em que vivemos, tal como é evidente tanto no primeiro artigo intitulado *Biopolítica e Pandemia: Que Futuro?* como no último, cujo título é *Pessimism and Optimism* e que são respectivamente da autoria de



## EDITORIAL

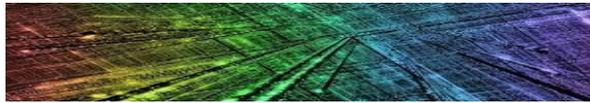
*Maria Laura Bettencourt Pires*

Margarida Amaral e de Maria Laura Bettencourt Pires, que são membros da Sociedade Científica e Professoras na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. No primeiro texto, a autora fala-nos do contexto pandémico que atravessamos e das suas consequências negativas em termos éticos e políticos. Em relação ao futuro, exprime o seu desejo de que tenhamos um mundo eticamente mais solidário e uma vida qualificada que transcenda a mera sobrevivência. No último artigo, a autora relata como o tema do pessimismo e do optimismo inspirou escritores, pintores e músicos famosos em todo o mundo. Refere também que, actualmente, os jovens, ao verem o seu futuro tão incerto, parecem ter uma visão pessimista do mundo, como é evidente nas letras das canções que eles tanto apreciam. Conclui o artigo esperando que, tanto os optimistas como os pessimistas, ao trabalharem em conjunto, contribuam para uma sociedade mais favorável.

Ana Luísa Vilela, Professora Associada do Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora, deu-nos o gosto de colaborar neste número com o artigo intitulado *Esperança da Esperança* no qual analisa a obra de Miguel Torga e se refere ao motivo da Esperança, que embora contraditório e problemático, é dominante, perpassando por todos os poemas do autor. Fala-nos também de um imaginário crístico, da erotização da vida e da eterna Natureza.

"Como entender o cinema português? Diálogo entre a cinematografia de Luís Ismael e de Paulo A. M. Oliveira" é o título do 3º artigo da autoria de João Rebocho e Catarina Viegas, ambos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que nos falam da multiplicidade conceptual que detectam na historiografia do cinema nacional e que consideram inseparável das mentalidades e da época em que cada trabalho se situa. Relatam como, com o objectivo de comprovar a existência de uma nova vaga no cinema português, entrevistaram os cineastas Luís Ismael e Paulo A. M. Oliveira.

O Professor Miguel Alarcão da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que nos dá a honra de ser nosso colaborador habitual, escreveu para este número o artigo intitulado "(En)gendering translation(s): the landing on the Moon (1969)" no qual nos relata como, passado meio século, a exploração de



## EDITORIAL

*Maria Laura Bettencourt Pires*

Marte parece anunciar uma nova "era espacial". No seu ensaio pleno de interesse visa partilhar algumas ideias inspiradas por um dos maiores e mais épicos acontecimentos científicos e tecnológicos do século XX: a chegada à Lua em Julho de 1969.

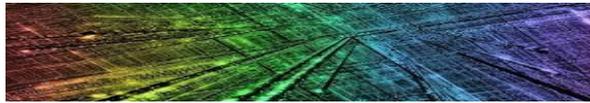
Em "Ler Literatura na Idade dos Porquês: A Importância da Investigação em Literatura para a Infância e Juventude a Partir Dos Estudos Literários" a Professora Cláudia Sousa Pereira, da Universidade de Évora, analisa casos de autores canónicos da literatura portuguesa contemporânea, tais como Vergílio Ferreira, José Saramago e António Lobo Antunes, que, ocasionalmente, escreveram textos destinados a leitores infantojuvenis. Refere que as obras neste subsistema se caracterizam pela multimodalidade, ou uso de diferentes linguagens para além da verbal, e que as suas metodologias de criação e leitura secundarizam a arte verbal que vai definindo, o que é literatura. Devido a ter escrito um dos primeiros estudos sobre literatura infantil portuguesa<sup>1</sup>, que mereceu um prefácio de Adolfo Simões Muller, fiquei muito satisfeita por incluir um artigo sobre este tema na *Gaudium Sciendi*.

O Professor Américo Pereira da Universidade Católica Portuguesa, deu-nos mais uma vez o gosto de colaborar na *Gaudium Sciendi* enriquecendo assim o conteúdo científico do Nº 21 da revista. No seu artigo intitulado "Human Rights, Why and What for?" disserta sobre a presença constante de actos bárbaros ao longo da história da humanidade, que exige o "império do estado de direito", de modo a evitar a continuação de tão trágica tradição. Afirma que a "Declaração dos Direitos Humanos", da qual inclui uma cópia em anexo, é a base para o referido império da Lei.

"Mallarmé's *Choreography: An Interpretation of Un Coup de dés*" é o título do artigo de Daniel Drake Cascão, no qual nos diz que, num ensaio sobre a dança, Mallarmé escreveu uma "écriture corporelle" embora análises do seu poema "Un Coup de Dés" sugiram que Mallarmé procurou descrever o movimento de um bailarino pelas páginas. Um trocadilho com a palavra "coreografia" sugere também possíveis interpretações ligadas à dança, à literatura e à interligação entre estas.

---

<sup>1</sup> Maria Laura Bettencourt Pires, *História da Literatura Infantil Portuguesa*, Lisboa: Vega, 1982.



## EDITORIAL

*Maria Laura Bettencourt Pires*

Dora Arenga, Dorian Rosca e Sofia Wahnnon da Comissão Fulbright deram-nos o gosto de aceitarem o nosso convite e colaboraram neste número com um artigo pleno de informação intitulado "O Programa Fulbright e as Oportunidades que Oferece a Instituições Portuguesas, Estudantes, Professores E Investigadores Portugueses E Americanos".

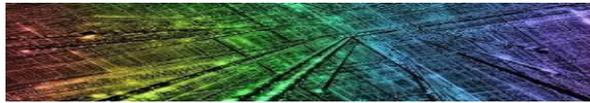
"Narrativa(s), Medicina(s), Humanidade(s): Lições de Júlio Dinis" é o título do artigo de Miguel Alarcão, Professor da Universidade Nova de Lisboa que nos relata como cento e cinquenta anos após a sua morte prematura (1871), Júlio Dinis, que foi um médico nascido romancista, continua, através da literatura, a dar-nos lições sobre uma humanidade solidária que tem capacidade de sacrifício e de reavaliação e reordenação das necessidades e prioridades correntes.

Feitas as referências aos artigos, irei seguidamente, transcrever algumas informações que escrevi no Editorial do Nº 20 da nossa revista, lamento, por isso, repetir-me mas permito-me fazê-lo por me parecer que deverão ser úteis aos nossos novos leitores.

*Gaudium Sciendi* é a revista electrónica da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, que é publicada desde 2012, com periodicidade semestral e acesso gratuito. Foi concebida para ser lida em formato digital num computador, *tablet* ou outro dispositivo móvel.

A publicação da *Gaudium Sciendi* através da *Internet*, pretende, tal como está implícito no seu título, levar a alegria (*Gaudium*) do conhecimento (*Sciendi*) a leitores em todo o mundo e tal tem, de facto, vindo a acontecer, como verificamos pelos diversos comentários que nos enviam.

A edição electrónica cria também novas oportunidades, que incluem poder ser lida a qualquer hora e local, e tanto em bibliotecas nacionais como estrangeiras, bastando para tal digitar "Revista Gaudium Sciendi-Universidade Católica" em qualquer motor de busca na *Net*, tal como o *Google*. Cada número poderá, obviamente, também - se o leitor assim preferir - ser impresso e encadernado e lido como um livro.



## **EDITORIAL**

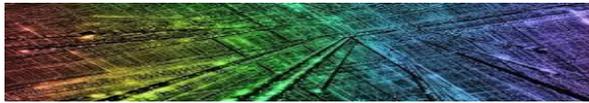
**Maria Laura Bettencourt Pires**

O Editorial é, geralmente, escrito pela Directora e, em princípio, exprime a opinião dos membros do Conselho Editorial, embora a responsabilidade da revista seja da Editora-Chefe ou Directora. Contém também, muitas vezes, um somatório dos artigos publicados. O conteúdo da revista é, previamente, aprovado pelo Conselho de Avaliação, que aprecia a clareza do estilo, os objectivos e o modo de pensar dos autores e a sua capacidade para influenciar a opinião dos leitores.

Em nome do Conselho Editorial desejo aos membros da Sociedade Científica e a todos os outros leitores da nossa revista que apreciem os textos que seleccionámos para o 21º número da *Gaudium Sciendi* e que continuem a dar-nos o gosto de colaborarem connosco.

**Maria Laura Bettencourt Pires**

**Directora da Gaudium Sciendi**



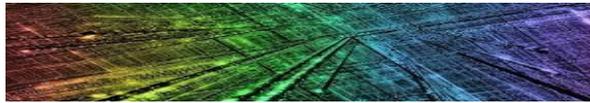
***EDITORIAL***

***Maria Laura Bettencourt Pires***

# ARTIGOS







## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

**MARGARIDA AMARAL**

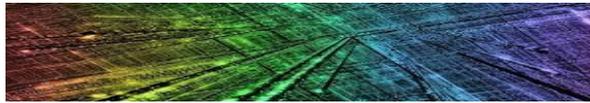
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

### **Introdução**

O contexto pandémico que atravessamos, bem como as consequentes preocupações com a vida e a saúde dominam os discursos políticos. Há mais de um ano que a política se revela claramente como a dimensão em que o foco é a vida e não as liberdades ou os direitos. Este facto é uma evidência de cada vez que acedemos aos meios de comunicação social que, a toda a hora, invadem as nossas casas com notícias sobre números avassaladores de casos positivos, situações-limite vividas nos hospitais, decretos de estados de emergência, medidas de confinamento... Será que este facto é uma novidade no contexto actual ou o culminar de uma situação que se vem alastrando? Qualquer destas opções é legítima e não entra em contradição com a outra, isto é, é possível defender que a situação que vivemos é o culminar de uma política que se vem assumindo como uma biopolítica e, simultaneamente, entrever que, num certo sentido, ela se assume como uma novidade. Por um lado, é possível recorrer a autores consagrados como Michel Foucault, Hannah Arendt e Giorgio Agamben no sentido de evidenciar que a política se tem reduzido a preocupações vitais e que, portanto, a situação actual mais não é do que a continuação desta redução que Foucault tão bem denominou "biopolítica".

Por outro lado, também é verdade que o contexto que vivemos é novo pois talvez nunca tenhamos assistido com tanta evidência ao domínio que as preocupações vitais assumem na esfera da política. Se até agora, pelo menos no contexto das nossas sociedades democráticas, os direitos e as liberdades eram muitas vezes menosprezados e os cidadãos facilmente se acomodavam à dimensão privada da sua existência, esses direitos e liberdades são agora expressamente



## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

**MARGARIDA AMARAL**

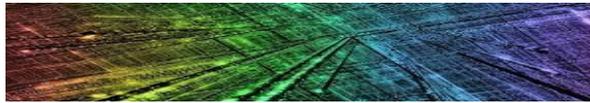
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

negados e a opinião pública é obrigada a aceitar essa negação. Afinal, a circunscrição à vida privada surge não já por comodismo ou desinteresse pela esfera pública e pela participação política, mas como uma necessidade em nome da nossa sobrevivência individual e a da própria espécie. Esta realidade tem inegáveis consequências éticas e políticas. Este artigo procura esclarecer estas consequências a partir da compreensão daquilo que se entende por biopolítica e da novidade que o contexto pandémico que atravessamos inaugurou a este respeito.

### **O conceito de biopolítica:**

Em 1976, Michel Foucault baptizou de "biopolítica" a política da modernidade, procurando traduzir a ideia de que a vida se tornou, desde o século XVIII, um "objecto político". (Foucault 1994, 147) Segundo o autor, desde Aristóteles até à modernidade considerou-se a distinção grega entre *bios* e *zôê*. Ambas as palavras remetem para a vida, mas para uma vida concebida de forma diferente. A *zôê* referia-se a uma vida entendida no seu sentido puramente biológico, a vida nua, o simples facto de estar vivo. Nesta acepção, a vida dos homens não se distingue da dos animais. Por outro lado, a *bios* remete em Aristóteles para uma vida em sentido qualificado, específica dos seres humanos, que podem desenvolvê-la pela contemplação (*bios theoretikos*) e pela política (*bios politikos*). (Aristóteles 1998, 1095b) Ora, Foucault considera que a transformação ocorrida na modernidade consiste na anulação da possibilidade de o homem desenvolver uma vida política no sentido de uma vida qualificada, vendo a sua vida reduzida a uma acepção puramente biológica no domínio da política. São suas as palavras: "O homem, durante milénios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além



## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

**MARGARIDA AMARAL**

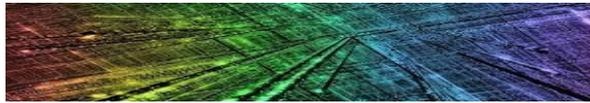
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

disso, capaz de uma existência política; o homem moderno é um animal na política do qual a sua vida de ser vivo está em causa". (Foucault 1994, 145)

O que significa exactamente esta redução? Significa que a existência política do homem, uma das dimensões da sua vida qualificada, é anulada e que o discurso político é dominado por preocupações "vitais". Foucault enumera-as: "O "direito à vida", ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades". (Foucault 1994, 147)

Giorgio Agamben recupera o neologismo proposto por Foucault, esclarecendo-o através do conceito de *homo sacer*. Trata-se de uma figura obscura do Direito Romano – um homem sagrado cuja vida era insuscetível do ponto de vista religioso, mas que era privado de quaisquer direitos civis, podendo assim a sua vida ser destruída por qualquer um. Este estatuto paradoxal do *homo sacer* corresponde, segundo o autor, àquilo que somos hoje – homens que elevam a sua vida ao mais alto estatuto, entendendo-a como insuscetível, mas que simultaneamente a vêm exposta à violência e, portanto, à morte profana, numa escala sem precedentes. Os novos "*homines sacri*", que hoje somos, assumem a sua vida como sagrada, para lá da dimensão religiosa do conceito, mas pelo menos desde o início do século XX, têm a sua vida exposta à morte como nunca. (Agamben 1998, 111). Segundo Giorgio Agamben, o conceito de "biopolítica" enquadra-se perfeitamente nesta ideia de uma vida sagrada, muito embora exposta à violência e à morte. A vida nua, a vida entendida na sua dimensão puramente biológica é elevada ao estatuto da sacralidade e domina os discursos políticos na contemporaneidade. Nas diferentes análises que este autor apresenta sobre a pandemia, nada disto se alterou.



## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

**MARGARIDA AMARAL**

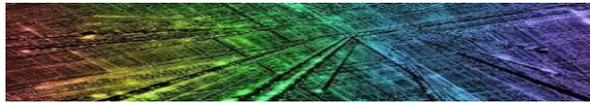
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

### **Biopolítica e pandemia – consequências éticas e políticas**

Giorgio Agamben tem sido amplamente criticado pelas suas declarações relativamente à situação que atravessamos. Estas declarações apresentam três aspectos que importa diferenciar. Por um lado, Agamben assume uma perspectiva negacionista que nunca é assumidamente contrariada pelo autor. Além disso, uma das dimensões persistentes nos seus textos consiste numa crítica à actuação dos governos. Finalmente, Agamben assume uma preocupação constante no que diz respeito ao futuro, nomeadamente em termos éticos e políticos. Façamos o percurso dos seus textos sobre estes assuntos, no sentido de esclarecer a sua posição e o modo como articula estes três aspectos.

Em Fevereiro de 2020, o Conselho Nacional de Investigação de Itália publicou uma declaração oficial intitulada "Coronavírus. Risco baixo, entenda as condições das vítimas". Nesta declaração afirmava-se a necessidade de "evitar o alarmismo excessivo", a qual se justificava sobretudo através do reduzido número de casos (19 em 60 milhões de pessoas), e dos "sintomas leves / moderados (um tipo de gripe) em 80-90% dos casos". A declaração sustenta ainda a capacidade do sistema de saúde italiano para lidar com esta situação, declarando de forma peremptória que "Não há epidemia de SARS-CoV2 em Itália". (CNR - Consiglio Nazionale delle Ricerche 2020) Foi na sequência desta declaração que, no mesmo mês de publicação da referida declaração, Giorgio Agamben escreveu um artigo de índole negacionista em que questiona:



## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

**MARGARIDA AMARAL**

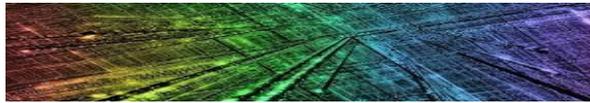
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**"Se essa é a situação real, porque é que os média e as autoridades estão a tentar espalhar um clima de pânico, provocar um estado de excepção real, com sérias limitações do movimento e uma suspensão do normal funcionamento das condições de vida e de trabalho em regiões inteiras?"  
(Agamben, *The coronavirus and the state of exception* 2020)**

O autor apresenta duas razões fundamentais para esta aparente desproporção entre a realidade e as medidas tomadas. A primeira é o facto de haver uma "tendência crescente para usar o estado de excepção como um paradigma normal de governação". (Agamben, *The coronavirus and the state of exception* 2020) Isto significa que a manutenção de um estado de excepção, ou a sua renovação consecutiva, pode transformar-se numa tendência que se afigura tentadora para os próprios cidadãos. Repare-se que este estado surge em nome da segurança individual, atendendo em particular à preservação da vida e, neste caso específico, da saúde. Ora, sendo que estas são preocupações centrais dos indivíduos e que o estado de excepção é assumido como necessário à preservação de dimensões desta ordem, torna-se tentador perpetuá-lo para lá do fim que o justifica, neste caso, a pandemia. Como vimos, o autor alerta há anos para a redução da política à vida nua, isto é, para a diminuição de liberdades e direitos políticos em prol do aumento das preocupações vitais e de uma biopolítica que as assegura.

A segunda razão apresentada por Agamben para a desproporção entre a situação real e as medidas assumidas pelos governos é o "estado de medo que manifestamente se espalhou nos últimos anos nas mentes dos indivíduos e que se traduz numa necessidade real de estados colectivos de pânico, para os quais a epidemia oferece novamente o pretexto ideal". (Agamben, *The coronavirus and the state of exception* 2020) A controvérsia surge quando o autor conclui esta ideia e o



## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

**MARGARIDA AMARAL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

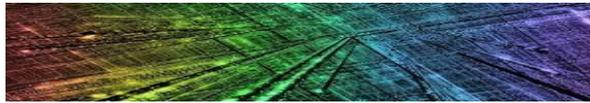
**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

próprio artigo com a afirmação de que existe um "círculo vicioso" neste processo de atemorização: os governos provocam uma necessidade de segurança, justificando as suas intervenções em termos de limitação da liberdade no sentido de atender a essa necessidade que é criada por eles próprios. (Agamben, *The coronavirus and the state of exception* 2020) Esta afirmação de Agamben, apoiada na declaração oficial do Conselho Nacional de Investigação de Itália, é refém do negacionismo que caracteriza declaradamente este seu primeiro artigo sobre a pandemia.

No dia 11 de Março de 2020, Agamben publica um novo texto sobre a pandemia, intitulado "Contágio". Neste artigo, a perspectiva negacionista persiste e mantém-se a crítica sobre a actuação dos governos, bem como a ideia de que são os governantes que incitam simultaneamente a necessidade de segurança e o medo, em nome da limitação das liberdades. Além desta preocupação política, o autor acrescenta uma preocupação "relacional" em termos daquilo que a ideia de "contágio" provoca. A este respeito, o autor declara que:

"Ainda mais triste do que as restrições às liberdades implícitas nas disposições é, a meu ver, a degeneração das relações entre os homens que podem produzir. O outro homem, seja quem for, mesmo um ente querido, não deve ser abordado ou tocado e é necessário colocar entre nós e ele uma distância que segundo alguns é de um metro, mas de acordo com as últimas sugestões dos chamados especialistas deve ser de 4,5 metros (interessante esses cinquenta centímetros!). O nosso vizinho foi abolido". (Agamben, *Contagio* 2020)

É de referir que esta questão "relacional" levantada por aquilo que passámos generalizadamente a designar de "distanciamento social" e, mais drasticamente, de "isolamento social" tem ainda um sentido político (e cultural) em Agamben – as



## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

**MARGARIDA AMARAL**

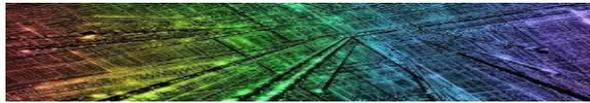
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

relações entre os homens deterioram-se e isso reflecte-se na incapacidade de nos encontrarmos com os outros no sentido de partilharmos experiências e ideias políticas e culturais. Como o autor refere, os contactos circunscrevem-se ao *online*, nomeadamente nas aulas, e às mensagens digitais numa relação com o outro cada vez mais mediada por máquinas. (Agamben, *Contágio* 2020) Tudo para que se evite o contágio e, assim, o verdadeiro contacto político e cultural.

No dia 16 de Março de 2020, Paolo Flores d'Arcais escreve um artigo em resposta ao texto "Contágio", intitulado "Filosofia e vírus: os delírios de Giorgio Agamben". O autor ataca violentamente todas as ideias de Agamben sobre a pandemia. Desvaloriza a ideia de que os "estados de excepção" se estejam a tornar formas persistentes de governação e afirma que a pandemia existe realmente, não sendo apenas uma invenção dos média e dos governantes. Defende que as medidas não são ilegítimas – muito pelo contrário, são a única forma de combater uma pandemia que é real. Finalmente, desconstrói a ideia de que o nosso afastamento relativamente ao outro seja um problema "relacional", significando em vez disso "amar o próximo". (D'Arcais 2020) O autor termina de forma avassaladora este seu texto de crítica às posições de Agamben sobre a pandemia.

Um dia depois, Giorgio Agamben escreve o seu texto mais ponderado sobre a pandemia, o qual intitula "Esclarecimentos". Neste artigo, o autor não parece insistir na opinião negacionista que marcou os seus textos anteriores sobre uma "epidemia inventada", sublinhando sobretudo a importância de realizarmos uma reflexão séria sobre o futuro, mais concretamente acerca dos efeitos que a pandemia terá em termos relacionais e políticos. Dito de outro modo, Agamben centra-se agora em



## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

**MARGARIDA AMARAL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

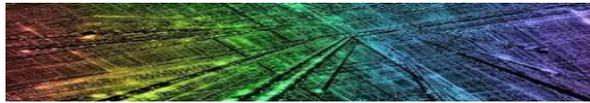
reforçar o seu alerta de que o estado de excepção que vivemos não será inócuo em termos de relacionamento com o outro e de liberdade.

No que diz respeito ao relacionamento com o outro, o autor pergunta "O que se tornam as relações humanas num país que se acostuma a viver assim, ninguém sabe por quanto tempo?" (Agamben, *Chiarimenti* 2020) Este "viver assim" diz respeito ao isolamento social, à perda da experiência de contactos "ao vivo" com os outros, mas ainda à razão que é apontada como justificação para esse isolamento – o perigo do contacto com o outro devido ao risco de contágio que cada um representa. Esta preocupação ética é claramente dirigida ao futuro – o confinamento deixará marcas quando terminar; o outro não deixará de ser visto, pelo menos nos próximos tempos, como um potencial "contagante", um perigo iminente.

Quanto à dimensão política, Agamben interroga-nos "E o que é uma sociedade que não tem outro valor a não ser a sobrevivência?" (Agamben, *Chiarimenti* 2020) Esta questão surge, como vimos, na mesma linha de crítica que, noutros tempos, Agamben havia já dirigido à biopolítica e denuncia igualmente uma preocupação com o futuro. Nesse sentido, talvez a possamos entender não apenas como uma crítica, mas sobretudo como um desafio que nos devemos colocar: que mundo queremos erguer quando a pandemia estiver controlada e, portanto, a sobrevivência individual e colectiva estiver novamente garantida?

### **Conclusão**

Considerando os três aspectos que foram enunciados como integrantes dos textos de Agamben – o negacionismo, a crítica à actuação dos governos e a preocupação com o futuro – torna-se importante apresentar alguns esclarecimentos.



## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

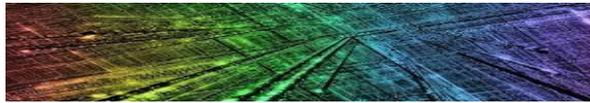
**MARGARIDA AMARAL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

Em primeiro lugar, este artigo não subscreve a posição negacionista que caracteriza sobretudo as primeiras declarações de Giorgio Agamben. Também não foi escrito no sentido de criticar a actuação dos governos que com tantas dificuldades se deparam. Ele surgiu, isso sim, em prol da emergência de pensar sobre o futuro e as consequências éticas e políticas da pandemia. Por um lado, é importante reflectir sobre os efeitos do isolamento social que, mais do que o distanciamento social, nos vai afastando do outro deixando-nos antever que será muito difícil recuperarmos as formas anteriores das nossas relações interpessoais que até há apenas dois anos assumíamos – a descontração de tocar o outro, de o abraçar, de nele não reconhecer um potencial inimigo para a nossa saúde e sobrevivência. Por outro lado, é fundamental tornar presente que cada vez mais desconsideramos direitos e liberdades básicos que, no passado, foram tão difíceis de conquistar. Não se pretende aqui questionar a necessidade de controlar a pandemia com medidas excepcionais que limitam a liberdade do indivíduo em nome de um bem maior – a saúde de cada um e, assim, a saúde pública. No entanto, é muito importante que tenhamos presente que estas medidas excepcionais são isso mesmo – uma excepção que, enquanto tal, deve corresponder a um período temporal limitado. É justamente esse carácter excepcional que devemos ter em mente, sublinhando-o para nós mesmos e para os outros. Isto em nome da recuperação das nossas relações éticas recentes e de uma política temporalmente mais distanciada que não se circunscreve à vida nua, mas sim a uma vida qualificada, especificamente humana.

Torna-se difícil compreendermos o que significaria uma vida qualificada em que a existência verdadeiramente política seria possível. Enquanto seres já nascidos em pleno contexto de uma biopolítica, somos levados a perguntar – que existência é



## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

**MARGARIDA AMARAL**

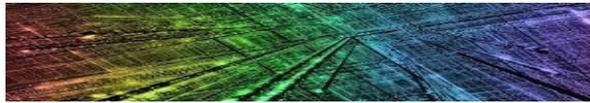
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

esta, que política é esta cujo discurso transcende a vida em sentido puramente biológico? Podemos conceber esta existência como aquela que ultrapassa as preocupações com a nossa vida privada. Isto porque a esfera política é pública, implicando um encontro com os outros que se consagra na participação política através da troca de opiniões e da possibilidade de agir. Hannah Arendt denominou a condição humana que permite a acção e o discurso como pluralidade – o facto de sermos todos diferentes e de, por essa diferenciação, sermos capazes de configurar uma esfera pública.(Arendt 1984, 7) Além disso, esta existência ultrapassa ainda, para esta mesma autora, a dimensão social. É-nos muito difícil reconhecer esta distinção entre o social e o político, mas Hannah Arendt apresenta uma imagem exemplificativa a este respeito, evidenciando que as questões sociais são muito mais unânimes do que as questões políticas. Diz-nos a autora:

"Tomemos o problema da habitação social. O problema social é certamente o da habitação adequada. Mas a questão de se esta habitação adequada significa integração ou não é certamente uma questão política. Em todas estas questões há uma dupla face. E uma destas faces não deve estar sujeita ao debate. Não deve haver qualquer debate acerca da questão de que todas as pessoas devem ter habitações decentes". (Arendt 1979, 318)

Podemos transpor este exemplo para aquela que, no contexto pandémico, é a questão primordial – a saúde. A ideia não é desvalorizar o nosso direito à saúde e a um sistema nacional que o garanta uniformemente. Aliás, de acordo com o exemplo que Arendt nos oferece, podemos mesmo dizer que a questão social do direito à saúde, à semelhança do direito social à habitação, "não deve estar sujeita ao



## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

**MARGARIDA AMARAL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

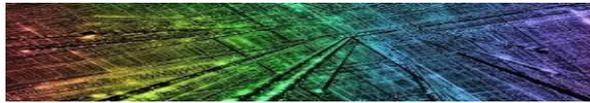
**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

debate". A discussão pode surgir justamente a partir deste direito social incontestável – que política queremos depois deste direito, entre outros, estar garantido? Embora possamos admitir a legitimidade de, no momento presente, mais do que em qualquer outro, ser esta a questão central da nossa cena política, certamente que não desejamos uma política circunscrita a questões de mera sobrevivência.

É importante destacar a oportunidade de pensar que qualquer crise nos oferece. Em sentido positivo, é apenas isso que todo este contexto trágico tem para nos oferecer – a possibilidade de pensar no mundo pós-pandémico que queremos. Efectivamente, a radicalização da biopolítica a que hoje assistimos destruiu de tal forma o universo das relações interpessoais, sejam elas éticas ou políticas, que nos dá uma excelente oportunidade para reflectir sobre o mundo que queremos reerguer depois deste tão grande abalo.

A este nível, é fundamental tomar consciência que a esta crise não se seguirá naturalmente um novo homem e uma nova política. O confinamento pode criar a ilusão de que sairemos obviamente renovados desta crise, quer porque o confinamento permite mais tempo para a introspecção, quer porque ele traz consigo a valorização das relações interpessoais perdidas ou ainda porque do fim da negação da liberdade explodirá uma vontade de participar politicamente. Estas ideias são perigosas justamente porque criam a ilusão de que não precisamos de fazer nada pelo mundo que queremos.

É preciso contrariar a perspectiva segundo a qual uma maior solidariedade ética com os nossos pares, um espaço público e uma verdadeira participação política podem nascer no contexto individualista que cada vez mais invade as nossas vidas.



## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

**MARGARIDA AMARAL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

Se é verdade que o isolamento social promove a atomização dos indivíduos, também é um facto inegável que estamos há muito individualizados, ainda que a espreitar para as janelas virtuais dos outros. Assim, se o mundo que queremos é mais solidário eticamente e mais participativo em termos políticos, é altura de aproveitarmos a experiência radical que a pandemia nos oferece, parar para pensar e contrariar aquilo em que já nos havíamos tornado: seres centrados em si mesmos e comodamente encerrados nas suas vidas privadas.

### **Referências bibliográficas citadas:**

Agamben, Giorgio. "Chiarimenti." Quodlibet. 2020. <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-chiarimenti> (acedido em 2 de Abril de 2021).

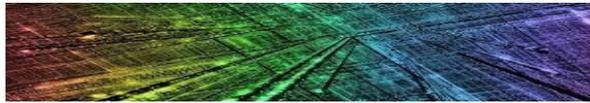
—. "Contagio." Quodlibet. 2020. <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-contagio> (acedido em 21 de Março de 2021).

—. O poder soberano e a vida nua. Traduzido por António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

—. "The coronavirus and the state of exception." *Autonomies*. 2020. <https://autonomies.org/2020/03/giorgio-agamben-the-coronaviris-and-the-state-of-exception/> (acedido em 12 de Março de 2021). <https://doi.org/10.24302/prof.v5i2.1906>

Arendt, Hannah. "Hannah Arendt on Hannah Arendt." Em Hannah Arendt . *The Recovery of the Public World*, de Melvin Hill, 301-339. New York: St. Martin's Press, 1979. <https://doi.org/10.3366/edinburgh/9781474423632.003.0009>

—. *The Human Condition*. Chicago & London: The University of Chicago



## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

**MARGARIDA AMARAL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

Press, 1984.

Aristóteles. *The Nicomachean Ethics*. Traduzido por David Ross. Oxford: Oxford University Press, 1998.

CNR - Consiglio Nazionale delle Ricerche. "Coronavirus. Rischio basso, capire condizioni vittime." CNR - Consiglio Nazionale delle Ricerche. 2020. <https://www.cnr.it/it/nota-stampa/n-9233/coronavirus-rischio-basso-capire-condizioni-vittime> (acedido em 21 de Março de 2021). <https://doi.org/10.3934/mbe.2021067>

D'Arcais, Paolo Flores. "Filosofia e virus: le farneticazioni di Giorgio Agamben." *Micromega*. 2020. <http://temi.repubblica.it/micromega-online/filosofia-e-virus-le-farneticazioni-di-giorgio-agamben/> (acedido em 21 de Março de 2021).

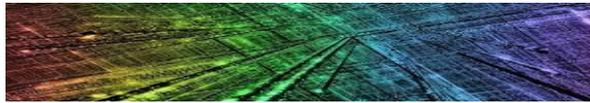
Foucault, Michel. *História da Sexualidade I. A Vontade de Saber*. Traduzido por Pedro Tamen. Lisboa: Relógio D'Água, 1994.

### **NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA**

Margarida Gomes Amaral é doutorada em Filosofia, na especialidade de Filosofia Contemporânea, com uma tese sobre Hannah Arendt (Universidade de Lisboa, 2011). É professora auxiliar convidada na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa e membro da Sociedade Científica desta mesma Universidade. É também membro pleno do grupo de investigação "Praxis – filosofia prática" no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

### **RESUMO**

Este artigo pressupõe que o contexto pandémico que atravessamos tem consequências negativas em termos éticos e políticos. O isolamento social mantém-nos cada vez mais separados dos nossos pares e o risco da nossa sobrevivência torna legítima uma política exclusivamente centrada em preocupações vitais. Em termos políticos, esta situação pode ser compreendida como o culminar de uma biopolítica que, de acordo com Foucault, se tem instalado desde o século XVIII e que, segundo



## **BIOPOLÍTICA E PANDEMIA: QUE FUTURO QUEREMOS?**

**MARGARIDA AMARAL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

Agamben, é plenamente concretizada no mundo contemporâneo. Os textos deste autor sobre a pandemia são marcados por três características fundamentais: negacionismo, crítica à acção governativa e uma preocupação com o futuro. Este artigo sublinha esta última característica, equacionando os enormes riscos que enfrentamos quando é apenas a sobrevivência que está em causa. Contudo, é igualmente importante compreender que a radicalização da biopolítica a que assistimos no mundo actual, e que se constitui como uma novidade, traz consigo a oportunidade para pensar, que todas as crises proporcionam. É este o momento de nos questionarmos acerca do mundo pós-pandémico que queremos. Será certamente um mundo eticamente mais solidário e no qual a participação política permite discutir e exercer a liberdade e os direitos no contexto de uma vida qualificada que transcende a mera sobrevivência.

### **PALAVRAS-CHAVE**

**Biopolítica, Ética, Futuro, Pandemia, Política.**

### **ABSTRACT**

This article assumes that the pandemic context has negative consequences in ethical and political terms. Social isolation keeps us more and more away from our peers and the risk of our survival legitimizes a politics centered on exclusively vital concerns. In political terms, this situation can be understood as the culmination of a biopolitics that, according to Foucault, has been installed since the 18th century and, according to Agamben, is fully realized in the contemporary world. His texts on the pandemic are marked by three fundamental characteristics: denialism, criticism of government action and a concern for the future. This article highlights this last characteristic, understanding the enormous risks we face when it is only survival that is at stake. However, it is equally important to understand that the radicalization of biopolitics that we see in the current world, which is a novelty, brings with it the opportunity to think that all crises provide. It is time to ask ourselves about the post-pandemic world that we want. It will certainly be a world that is ethically more supportive and in which political participation allows to discuss and exercise freedom and rights in a qualified life that transcends mere survival.

### **KEYWORDS**

**Biopolitics, Ethics, Future, Pandemic, Politics.**



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

A primeira obra de Torga intitulava-se *Ansiedade* e foi publicada em 1928<sup>1</sup> - quando ainda não existia, de facto, "Miguel Torga". Dessa obra, o autor resgatou apenas um verso. Esse verso é suficientemente breve e enigmático para que o lembremos aqui: "Sinto o medo do avesso".<sup>2</sup>

Na obra poética de Torga, deliberadamente iniciada por este verso ambíguo, será a esperança uma categoria observável? Será ela, a esperança, este *avesso do medo*? Sartre, que Torga leu, dirá, vinte anos mais tarde: "a vida dos homens começa para além do desespero".<sup>3</sup> E Georges Bernanos, outra das leituras do poeta, explicaria também, trinta anos depois: "A mais elevada forma de esperança é o desespero superado. (...). Para encontrar a esperança é necessário ir além do desespero. Quando chegamos ao fim da noite, encontramos a aurora".<sup>4</sup>

A dialéctica da noite e da alvorada constitui, em Torga, uma estrutura metafórica de base, talvez o suporte da sua mundividência. Em traços muito largos, talvez a sua obra possa ser definida justamente pelo trânsito esses dois momentos extremos. A questão está em determinar o sentido desse trânsito. Se o verso que começámos por citar, do poema "Ígnoto", publicado quando o poeta tinha 21 anos, como que o curto-circuita - toda a obra de lírica de Torga representa, múltipla e infatigavelmente, esse trajecto entre o negrume e a luz. Em 1966, define a vida como

---

<sup>1</sup> A obra *Ansiedade* é, aparentemente, impossível de encontrar. A edição das *Obras Completas* de Miguel Torga, do Círculo de Leitores, que nos servirá aqui de referência, cita apenas o verso aqui transcrito, tal como a *Antologia Poética*, preparada e editada pelo próprio autor.

<sup>2</sup> Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa I* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2002), p. 23.

<sup>3</sup> Jean-Paul Sartre, *As Moscas* (Lisboa: Presença, 1986), p. 169.

<sup>4</sup> Georges Bernanos, *Liberté Pour Quoi Faire?*.

[http://www.pensador.info/autor/Georges\\_Bernanos/](http://www.pensador.info/autor/Georges_Bernanos/).



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

uma "Curva inútil, traçada/ De negrura a negrura:/ o ventre e a sepultura";<sup>5</sup> e, em 1974, resume, elipticamente, a sua vida a uma "curva trajectória" de flecha apontada ao alvo da morte.<sup>6</sup> Uma morte que, noutro poema da mesma época, diz esperar, inexoravelmente, como um cais, o navio da sua vida, numa viagem absurda, literalmente *sem sentido* e a que falta, sobretudo, "a fé das almas confiadas".<sup>78</sup>

A questão fundamental é, afinal, esta: pode haver esperança sem essa fé ou sem essa confiança? Pode haver esperança sem crença de redenção por uma qualquer transcendência, capaz de transformar a negrura da morte na luz eterna da vida? É a de Torga, proclamadamente ateu, uma poética da esperança – uma esperança de quem "sabe que nunca ressuscita"?<sup>9</sup>

Bem pode o autor confessar a sua "religiosidade atávica", a par da "tristeza agnóstica que faz da vida uma agónica aventura sem esperança de ressurreição".<sup>10</sup> Será em vão. A esperança não parece pensável fora de uma escatologia. A questão da morte da pessoa e da imortalidade pessoal, resume Anselmo Borges, não encontra aparentemente solução na pura relação de imanência de Homem-história-pessoa. Reconhece o marxista Ernst Bloch, ele próprio autor de uma filosofia da esperança: "A goela da putrefação devora toda a teleologia".<sup>11</sup> Ou seja: parece não haver esperança ateia, sem uma escatologia ou um Deus.

E, no entanto, o desígnio e a representação da esperança impregnam os versos de Torga, tal como o fazem as da morte e da noite. Se "o medo do avesso" é o

---

<sup>5</sup> Miguel Torga "Chicote", *Obra Completa. Poesia Completa II* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2002), p. 761.

<sup>6</sup> *Id.*, "Flecha" (ed. cit.), pp. 808-809.

<sup>7</sup> *Id.*, "Relato" (ed. cit.), p. 799.

<sup>8</sup> Em sentido inverso, esperançoso, veja-se por exemplo o poema "Silvo", de 1962 (ed. cit.), pp. 684-685.

<sup>9</sup> *Id.*, (ed. cit.), p. 841.

<sup>10</sup> Miguel Torga, *Obra Completa. Diário. Volumes XIII a XVI* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2001), p. 1281.

<sup>11</sup> cf. Anselmo Borges, "Ernst Bloch: A Esperança Ateia contra a Morte", *Revista Filosófica de Coimbra* nº 4. Vol.2 (Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra, 1993), p. 426.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

primeiro verso da obra que Torga reconheceu como sua, o 2º poema é a "Balada da Morgue".<sup>12</sup> Entre ambos, cabe toda a obra.

Nessa obra, assinalou Eduardo Lourenço a presença palpável do desespero, e o voto ou o apelo da Esperança, concluindo: "É difícil dizer se na poesia de Torga a Esperança é mais irreduzível do que o Desespero, mas a maior parte das vezes é a indecisão entre uma e outra a própria matéria do poema. De certo modo uma decisão cabe também ao leitor".<sup>13</sup> Respondamos, pois, ao desafio.

"Ave da esperança"<sup>14</sup>, "criatura da esperança"<sup>15</sup>, "sinaleiro da esperança"<sup>16</sup> se proclamou até ao fim o poeta. Um artigo de M<sup>a</sup> da Conceição Cabrita recupera justamente o segundo destes epítetos.<sup>17</sup> E, de facto, a obra de Miguel Torga ergue, paradigmaticamente, um humanismo racionalista, telúrico e feliz, reivindicando como "essência do homem" a sua realidade *natural* e mesmo "naturalista".<sup>18</sup>

Emergindo do "avesso do medo", produto da escolha do seu nome autoral e, com ele, de todo um programa poético, aquilo que Eduardo Lourenço chamou há alguns anos o *mito-Torga* é designado pelo próprio poeta como "lirismo da terra e da rabiça".<sup>19</sup> Esse, para o ensaísta, será o Torga menos consistente, mas o mais visível, inegavelmente forte e grande.<sup>20</sup> Tratar-se-á, como quis Eduardo Lourenço, de um mito patente e ostensivo, que não chega a ocultar, todavia, um outro Torga, mais

---

<sup>12</sup> *De Rampa* (1930). Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Diário. Poesia Completa I* (ed. cit.), p. 27.

<sup>13</sup> Eduardo Lourenço, *Tempo e Poesia*, (Lisboa: Relógio d'Água, 1987), p. 92.

<sup>14</sup> Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 483.

<sup>15</sup> Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Diário* (Volumes IX a XII) (ed. cit.), p. 1224.

<sup>16</sup> Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Diário* (Volumes XIII a XVI), (ed. cit.), p. 1251.

<sup>17</sup> Maria da Conceição Cabrita, "Miguel Torga: "Uma criatura de esperança", Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa. *Revista Eletrónica*, São Paulo, ano 2, nº 4 (2008), pp. 278-300. Disponível em <http://www.acoalfaplp.org>. Publicado em Março 2008. Constitui um dos escassos textos dedicados a este tema, tratando-o à luz da representação dos valores humanistas em Bichos, O Sexto dia da Criação do Mundo e Diário XII.

<sup>18</sup> Eduardo Lourenço (1987), *op. cit.*, p. 101 e 132.

<sup>19</sup> Cf. Miguel Torga, "Têmpera", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 527.

<sup>20</sup> Eduardo Lourenço (1987), *op. cit.*, 101.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

latente e confuso? Afinal, não se pronuncia o poeta, logo no poema "Princípio", de *Penas do Purgatório*, contra os deuses, mas também contra a vida vegetativa (a do "descanso na vide da ramada"), acabando por concluir, desalentado: "A paz possível é não ter nenhuma"?<sup>21</sup> E não lamenta ele, poeta lavrador, que só colha tristezas e dele só brote o joio da angústia, quando tão cuidadosamente semeou e mondou a esperança?<sup>22</sup>

Haverá, então, mesmo que menos portentoso, um Torga oculto e desesperado, um *outro Torga*, como defendeu Eduardo Lourenço em 1994? Este texto do ensaísta completa e reitera, na verdade, o outro que, escrito 40 anos antes, já citámos aqui<sup>23</sup> e que constitui um dos melhores ensaios da crítica torguiana (embora tenha sido, como nota o autor, um texto bastante mal compreendido na sua época).

Nesse ensaio, Eduardo Lourenço reconhecia, na obra de Torga, a presença de uma face positiva e com mais receptividade dos leitores: a de um humanismo ostensivo, o da afirmação do "homem natural", determinado em confinar a realidade humana unicamente no Homem e na sua aventura cósmica.<sup>24</sup> Mas, paralelos a essa face solar, o crítico apontava os dois grandes temas noturnos da poética de Torga: aquele que designou como o da "experiência de Deus como dúvida"; e aquele que identificou com o da "desesperadora experiência do contingente".<sup>25</sup> E sublinhava, como fundamental e último, o seu "desespero de raiz

---

<sup>21</sup> Cf. Miguel Torga, "Princípio", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 479.

<sup>22</sup> Id., "Lavoura". 496. V. também "Vessada", *id.* p. 492.

<sup>23</sup> Cf. Eduardo Lourenço, *O desespero humanista de Torga e o das novas gerações* (Coimbra: Coimbra Editora, 1955). Este ensaio foi também posteriormente publicado em 1987 em *Tempo e Poesia* (ed. cit.). O autor referia-se sobretudo, nesse ensaio, a *Penas do Purgatório*, saído no ano anterior (1954); mas as duas décadas de publicação que a obra de Miguel Torga já contava – obra em que se perfilavam 6 volumes do *Diário*, *O Outro Livro de Job*, *Lamentação*, *Libertação*, *Odes*, *Nihil Sibi*, *Cântico do Homem* e *Portugal* – já lhe autorizavam um grau considerável de generalização.

<sup>24</sup> Eduardo Lourenço (1987), *op. cit.*, p. 101-107.

<sup>25</sup> *Id.*, p. 86.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

religiosa",<sup>26</sup> sintetizando, em duas fórmulas lapidares, toda a ambiguidade religiosa do poeta: "Torga não acredita, mas desejaria poder acreditar";<sup>27</sup> "perdeu a fé da infância mas não a infância da fé".<sup>28</sup>

Será, como defende Eduardo Lourenço, a perda ou o desencontro com a fé religiosa, a causa da falha, em Torga, da esperança absoluta?<sup>29</sup> Poemas tão ostensivamente desesperançados – "Guerra Civil", "Procura", "Negrura", "Câmara Escura", "Emparedamento", "Contrição", "Maceração", "Barreira", "Decisão", "Auto-Retrato", "Apelo", "Perseguição" - dão razão ao crítico e revelam a disseminação de um número relativamente restrito de motivos larvares, que, de poema em poema e de obra em obra, se desdobram, desde o início e até ao final da obra poética de Torga. Assim, nela encontramos dois polos temáticos maiores: (i) a representação da divisão interior ("é contra mim que luto",<sup>30</sup> "Perdi-me tanto, que já não me encontro"<sup>31</sup>), por vezes com laivos de duplicidade e traição a si mesmo ("forado/ Dum pano de negrura que desmente/ A nua claridade do outro lado"<sup>32</sup>), de violência ("É o meu avesso que me desafia"<sup>33</sup>) ou, mais frequentemente, de impotência literária ("corpo terrestre a recusar o ímpeto celeste"<sup>34</sup>); (ii) a representação de uma zona de negrume ancestral e de ocultação inominável ("Agora sou no mundo esta negrura"<sup>35</sup>), tingida de culpa e terror ("culpa sem confissão, vergonha oculta").

Não se pense, no entanto, nem por um momento, em qualquer tipo de possibilidade de investigação psicanalítica póstuma: a lucidez e a astúcia do criador não o permitem. No *Diário*, Torga reconhece que interpõe conscientes e decorosas

---

<sup>26</sup> *Id.*, p. 96.

<sup>27</sup> *Id.*, p. 97.

<sup>28</sup> *Id.*, p. 98.

<sup>29</sup> *Id.*, p. 104.

<sup>30</sup> Cf. Miguel Torga, "Guerra Civil". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 581.

<sup>31</sup> *Id.*, "Procura", *op. cit.*, p. 605.

<sup>32</sup> *Id.*, "Câmara Escura", *op. cit.*, p. 558.

<sup>33</sup> *Id.*, "Emparedamento", *op. cit.*, p. 560.

<sup>34</sup> *Id.*, "Maceração", *op. cit.*, p. 499.

<sup>35</sup> *Id.*, "Negrume", *op. cit.*, p. 646.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

barreiras à sua catarse, desobrigando-se em confissões frequentes, mas reservando sempre uma parcela ao silêncio; e desafia: "O que eu não disse, nem eu o quero saber".<sup>36</sup>

O certo é que, desde 1944, a palavra "esperança" deu título a nove poemas. Textos, aliás, singularmente desesperançados. Voltaremos a eles daqui a um pouco. Por agora, notemos apenas que, a avaliar por esses textos, que explicitamente tematizam a esperança, parece que, na lírica de Torga, tal como, por exemplo, em Vergílio Ferreira, não se manifesta uma esperança suficientemente, concludentemente *positivizada*.<sup>37</sup> Será assim em toda a obra? Isso é questão por agora adiada.

Questão nunca adiada foi, para Torga, a da morte. A certeza da aniquilação humana transforma a morte na maior anti utopia – na maior inimiga da esperança, que sempre condena ao fracasso final. "Agonizante já desde menino", desde a infância imagina a hora da sua morte.<sup>38</sup> Bastas vezes, evoca, tanto na poesia como no diário, esse abismo desde sempre pressentido,<sup>39</sup> esse "medo animal, primordial, carnal";<sup>40</sup> "sinto-me em perigo de vida só pelo facto de existir".<sup>41</sup> Em tom amargamente irónico, interpela directamente a "Ceifeira"<sup>42</sup> tenebrosa em 1967, invoca a morte em 1990,<sup>43</sup> propõe uma delirante ressurreição em "Madrigal para depois", em 1991 – poema que lembra irresistivelmente a "Balada da Morgue", de 1930. Nos poemas do seu último ano, reencontramos esse medo fascinado do fim, que já intuímos nos dois poemas iniciais da sua obra, escritos cinquenta ou sessenta

<sup>36</sup> *Id.*, *Obra Completa. Diário. Volumes XIII a XVI* (ed. cit.), 1281; *Diário*, XIII, p. 1279.

<sup>37</sup> José Antunes de Sousa, *A Via Negativa da Esperança em Vergílio Ferreira*.

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net) p. 10.

<sup>38</sup> Cf. Miguel Torga, "Viático" e "Resumo". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), pp. 854, 894.

<sup>39</sup> *Id.*, "Maldição", *op. cit.*, p. 861.

<sup>40</sup> *Id.*, "Solidão", *op. cit.*, p. 839.

<sup>41</sup> *Id.*, *Obra Completa. Diário. Volumes XIII a XVI* (ed. cit.), p. 1295.

<sup>42</sup> *Id.*, "Ceifeira", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 772.

<sup>43</sup> *Id.*, "Visita", *op. cit.*, p. 912.



## **A ESPERANÇA DA ESPERANÇA**

**ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

anos antes. Fazendo, nos anos finais, mais uma das inúmeras sínteses da sua existência, observa, em "Maceração":

Breves dias da vida.  
Aprendi neles apenas a morrer.  
Desde a manhã brumosa da partida  
A este anoitecer  
Sombrio da chegada,  
Foi sempre o pesadelo de antever  
O desfecho fatal da caminhada.<sup>44</sup>

E, em "Assunção":

Homem,  
Nasci magoado,  
Morro a gemer.  
No intervalo,  
Rouxinol noturno  
A cantar  
Ao luar  
O pasmo do princípio  
E o terror do fim.<sup>45</sup>

Será, afinal, a morte o mais fundo, o mais visceral, o maior tema de Torga, para além do problema religioso e do desespero, afinal decorrentes desse tema? Penso que sim. O *Outro* inominável de Torga não é Deus, mas o seu simétrico: aquilo que faz do homem, homem - a consciência inelutável da sua finitude. Por sua vez, o terror da morte será agravado pela falta de um Deus-âncora, capaz de responder, com a promessa da redenção, ao desespero de uma figura adâmica, irremediavelmente mortal. O feixe de desesperos torquianos radica na certeza apavorada da morte. As formas tentativas da sua superação vão corresponder, todas

---

<sup>44</sup> *Id.*, "Maceração", *op. cit.* p. 875.

<sup>45</sup> *Id.*, "Assunção", *op. cit.*, p. 916.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

e no essencial, à busca poética de uma imortalidade simbólica.<sup>46</sup> É o esconjuro da morte que as unifica.

Esta figura humana, mortal e primordial, marcada por uma culpa, ou uma falha (ou uma inocência, ou uma contradição, ou uma multiplicidade...) ontológicas, vai testemunhar, em breve, a adoção de duas *personae* autorais, complementares e concomitantes: uma, absorvida na busca da transcendência, no apelo do Além de si; a outra, encarnando estratégias de reforço e endurecimento viril da identidade, progressivamente identificada com a aspereza e a elementaridade da paisagem pátria.<sup>47</sup>

Por um lado, vai Torga empenhar-se na construção de uma Super-identidade (de matriz romântica), a do Poeta – condição que lhe permite transcender a temporalidade unilinear e unidirecional, que o conduz à morte. Por outro lado, vai o autor fundir tal entidade no sentimento místico da paisagem e nos hinos à vida, substituindo Deus pela transcendência biológica, regida pela temporalidade cíclica e sazonal.

À primeira, podemos dizer que corresponde o nome próprio que adoptou, *Miguel*: o de Unamuno, o de Cervantes e, lembra Eduardo Lourenço, o de Miguel Ângelo, figuras totémicas e tutelares de uma virilidade humana, terrestre, absorvida nas coisas do mundo e na vida dos homens – mas, por seu próprio mérito, imortal. A segunda, a que proponho corresponda o apelido *Torga*, pode, numa leitura ideológica, ser apressadamente definida pelo famoso telurismo ou naturalismo, regresso às coisas em si próprias, mas que se traduz, de facto, no erigir da Natureza

---

<sup>46</sup> Ainda que de elaboração um pouco fragmentária ou esquemática, merece aqui referência, pela perspectiva inovadora que propõe, o texto "Miguel Torga – Das Raízes para a Imortalidade", de Paula I. Santos e Carla Bastos, em *Veredas* nº 11 (Santiago de Compostela, 2009), pp. 45/57.

<sup>47</sup> Cf. Ana Luísa Vilela, "Mitos viris na simbólica da paisagem torguiana", Aqui, neste lugar e nesta hora, (ed. cit.), pp. 493-504.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

(e da vida) como forma de transcendência.<sup>48</sup> Na verdade, a aliança entre o telurismo e a transcendência está muito próxima de uma espécie de erupção do imaginário antropológico e ancestral, respondendo a um apetite mítico colectivo; e é, quanto a mim, essa sintonização arquetípica que explica, por um lado, a extraordinária comunicabilidade do Torga-telúrico e, por outro, a tendência às leituras mitologizantes de Torga. [...]

Lembremos, a título de curiosidade, que, ateu como Torga, o filósofo Ernst Bloch considerava que a escatologia religiosa, em que deixara de crer, teria tido pelo menos o mérito do "fortalecimento do sentimento do valor infinito da alma própria e, conseqüentemente, o fortalecimento da vontade de não deixar-se tratar, já agora, como gado".<sup>49</sup> Seguindo a mesma ordem de ideias, a valorização do humano em Torga, recordemo-lo, nunca esteve alheia à realidade social e à militância política de raiz talvez marxista.

Seja como for, neste seu duplo movimento de renegação e substituição da divindade, o autor compõe, num nome, uma totalidade poética. A adopção da identidade *Miguel Torga* transforma a dramaturgia Criador/ criatura, ou Deus/ eu, na compatibilização entre duas entidades, duas temporalidades e dois impasses. Tanto a teleologia do Poeta-que-não-Morre quanto a imanência ostensiva da Matéria-Eterna cantam a vitória da vida – ou a *morte da morte*. Tratar-se-á, afinal, da invenção de uma transcendência sem transcendência, tal como a propôs Ernst Bloch?

---

<sup>48</sup> Cf. Eduardo Lourenço: "[...] (Miguel Torga) reclama um sentido pleno e positivo recusando toda a instância transcendente diante da qual essa aventura é apenas aleatória e injustificável. Seria apressado concluir que estamos perante uma visão *naturalista* em sentido próprio, pois Torga transfere para a Natureza – a maior parte das vezes mitificada sob a referência à Terra – uma fé, uma função de salvação, análogas às que se reservam a Deus e, por sua vez, Deus converte-se no deus desta Natureza que o nega como puro *espírito*", *Jornal de Letra, Artes e Ideias*, 5-8, Janeiro (2005), p. 7.

<sup>49</sup> *Apud* Anselmo Borges, *op. cit.*, p. 415.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

De um modo ou de outro, esta manobra de reconversão é a tarefa de toda uma vida.

Como dirá Gilbert Durand sobre os mitos portugueses: tratar-se-á, para o nosso poeta, de converter o Cabo das Tormentas em Cabo da Boa Esperança.<sup>50</sup> Estas formas de superação da morte representam, em si mesmas, a busca da esperança. É, no fundo, *a esperança da esperança* que as unifica. Vale a pena, creio, determo-nos agora um pouco sobre esse conceito.

Vimos que, em Torga, a obra principia no *avesso do medo*. De facto, o desespero, para Kierkegaard, pode coexistir com uma forma de esperança: é aquela forma de desespero a que o filósofo chama, justamente, "viril": activa, lutadora, auto-criadora.<sup>51</sup> Já percebemos que é assim o desespero de Torga. Já sabemos que a esperança de Torga (como talvez toda a esperança) é uma resposta ao pânico, à percepção aterrorizada da finitude humana; como recorda José Antunes de Sousa, a categoria da esperança é sinal essencial da nossa radicação ontológica e alimenta-se de um estado logocêntrico.<sup>52</sup> Compreendemos, igualmente, que a de Torga é uma esperança esclarecida, ou "desesperada", uma *docta spes*, uma esperança lúcida. Conta Torga no *Diário XIII*, de 1978:

Pacientemente, tentei explicar-lhe que, muito embora não trouxesse o sol na lapela, era, contudo, um homem de esperança. Só que essa esperança passava pela lucidez, o que significava não ser cúmplice dos meus desejos nem tomar por Junos nuvens que sabia verdadeiras.<sup>53</sup>

---

<sup>50</sup> Cf. Gilbert Durand, *Portugal tesouro oculto da Europa* (Lisboa: Ésquilo, 2008), pp. 25-26.

<sup>51</sup> Cf. "Esperança", *Dicionário de Ética e Filosofia Moral* (S. Leopoldo: Editora da Universidade de Vale dos Sinos, 2003), p. 15.

<sup>52</sup> José Antunes de Sousa (2004), *op. cit.*

<sup>53</sup> Miguel Torga, *Obra Completa. Diário* (Volumes XIII a XVI) (ed. cit.), p. 1259.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Com Heidegger, compreendemos que a própria esperança é, em si, apelo da transcendência, enquanto tensão dinâmica para um *mais além de si*<sup>54</sup> - enquanto prospectividade, busca do *summum bonum* ou, à maneira profana de Bloch, expectativa da zona em que emergirá um *novum*, um *ainda-não-consciente*. Numa imagem que é recorrente em Torga, identificando-se com a cepa despojada, depois da poda ou da vindima, o poeta sonha a fartura vindoura, seja em tintas de utopia social, seja pela própria persistência do sonho. Confrontem-se os poemas "A vinha podada", de 1944 e "Confiança", de 1950.<sup>55</sup> Na Natureza, a latência do novo vive como *matéria dos sonhos*. Na cepa decepada ou esbulhada de ilusões, há o mesmo material crítico: a doçura da esperança, metamorfoseante e prospectiva, transcende a derrota e dá um voto de confiança ao tempo. Percebe-se, pois, como a ontologia do *ainda-não-ser* (que pode filiar-se, segundo ainda Bloch,<sup>56</sup> na "esquerda aristotélica" de Avicena, Averróis e Giordano Bruno) assenta na crença do substrato material do espírito, ele próprio matéria em processo de evolução, *ser-em-possibilidade*. A Natureza é movimento, orientação para o futuro.

Se o desespero radica na negação do futuro (e se traduz, de uma maneira ou de outra, na inércia melancólica, na *acídia* dos antigos, aparentada com o *spleen* dos modernos), a própria energia da inquietação, mesmo que produto do desejo e das suas ilusões, manifesta-se como o motor da esperança, na sua obstinada procura de um *além*. É aquilo que Torga define, em "Ronda", como a "tentação raiana do pensamento": "(...) Do outro lado... Do outro lado... Do outro lado.../ E larga as rédeas a imaginação,/ Num galope furtivo e aventureiro/ Do outro lado há outra inquietação... / Do outro lado nasce o sol primeiro..."<sup>57</sup>

Ímpeto para o que falta, a inquietação em Torga traduz-se, antes do mais, pelo desafio e pela transgressão – um desafio e uma transgressão que generaliza a toda a

<sup>54</sup> Heidegger, *Être et Temps* (Paris: Gallimard, 1986), 241, *apud* "Esperança", *op. cit.*, p. 2.

<sup>55</sup> Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa I*, (ed. cit.), pp. 182, 405.

<sup>56</sup> Cf. Anselmo Borges, *op. cit.*, 411 e "Esperança", *op. cit.*, p. 11.

<sup>57</sup> Cf. Miguel Torga, "Ronda". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 678.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Natureza: veja-se "Chuva de Estrelas".<sup>58</sup> Nesse sentido, aparenta-se a uma *filosofia do Não*, radicando, por obstinação e rancor, na *negação da negação*:

De tanto olhar o sol, queimei os olhos.  
De tanto amar a vida, enlouqueci.  
Agora sou no mundo esta negrura,  
À procura  
Da luz e do juízo que perdi.

Cego, tateio em vão a claridade;  
Louco, cuspo no rosto da razão;  
E deambulo assim  
Dentro de mim,  
Negação a negar a negação.<sup>59</sup>

E assim, sem razão, luz, aval ou certificação, negando a negrura, a esperança é, em Torga, uma ontologia da errância e da busca. Corresponde a uma espécie de fome básica, de raiz metafísica. "Uma fome incontida de viver" – já que o que "redime a vida/ É ela não caber/ Em nenhuma medida".<sup>60</sup>

Será virtude teologal? Ou será instinto? Torga diria instinto, o que é o mesmo: dom gratuito e irreduzível, constitutivo e fundamental, pré-formante, princípio e motor do ser, confiança básica e primitiva, força dinâmica. As definições podem ser muitas, mas esbarram, desde sempre, na ambiguidade e hibridez da *elpis* grega, mal traduzida na *spes* latina, pulsão em que se misturam a espera e o desejo, a razão e o humor. Platão, no *Filebo*, considerou-a uma "paixão própria da alma".<sup>61</sup> Podemos lembrar-lhe a genealogia, provinda de Hesíodo.<sup>62</sup> Filha de Nyx, a Noite (ou, em outras versões, filha de Eris, a que roubou a maçã de ouro), juntamente com os

---

<sup>58</sup> Cf. id., "Chuva de Estrelas", *ibid.*, p. 507.

<sup>59</sup> Cf. Miguel Torga, "Negrume", *Obra Completa. Poesia Completa II*, (ed. cit.), p. 646.

<sup>60</sup> Cf. id., "Perfil", *Obra Completa. Diário* (Volumes XIII a XVI), (ed. cit.), p. 1278.

<sup>61</sup> Paul Shorey, "Hope (Greek and Roman)", *Encyclopaedia of Religion and Ethics*, vol. 6 (Edimburgo. 1937), p. 780 e segs.

<sup>62</sup> Hesíodo, *Teogonia*: pp. 212-213; pp. 746-773.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

gémeos Hypnos e Thanatos e mãe da Fama, terá sido o último dos dons divinos que restou no fundo da bolsa de Pandora; foi, pois, o único desses dons que pôde ainda consolar a humanidade. Consolação ou última artimanha dos deuses, a esperança tem, pois, estrutura paradoxal.

Sendo, segundo Bloch, o mais humano de todos os movimentos afectivos,<sup>63</sup> a esperança pode, pois, ser definida como uma categoria ontológica, um elemento alógico, um *fundamento sem fundamento*.<sup>64</sup> Miguel Torga confessa-o, de outro modo: "O mais íntimo dela (da minha natureza recusa-se a aceitar a irrevogabilidade do aniquilamento, a fatalidade da morte. É como se a certeza da eternidade estivesse inscrita no meu código genético".<sup>65</sup>

Trata-se, quanto a mim, de uma noção muito próxima desta de Kafka:

O homem não poderia viver sem uma confiança constante em qualquer coisa de indestrutível em si, contudo tanto o indestrutível como a confiança podem manter-se-lhe constantemente escondidos. Uma das possibilidades de expressão desta existência escondida é a fé num Deus pessoal.<sup>66</sup>

Esse núcleo indestrutível, ponto cego do *cogito*, é alguma coisa de tão visceralmente irreduzível, que pode ser aproximada do básico instinto de conservação; é, afinal, uma *esperança biológica*, orgânica e insensatamente experimentada – tal como a representa Miguel Torga em "Arritmia", um dos seus últimos poemas.<sup>67</sup>

---

<sup>63</sup> Cf. Anselmo Borges, *op. cit.*, p. 410.

<sup>64</sup> Jakobe Boheme *apud* Anselmo Borges, *ibid.*

<sup>65</sup> Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Diário (Volumes XIII a XVI)* (ed. cit.), p. 1250.

<sup>66</sup> Franz Kafka, "Meditações sobre o pecado, o sofrimento, a esperança e o verdadeiro caminho. 50". *Antologia de Páginas Íntimas* (Lisboa: Guimarães Editores, 2002) [3ª ed.], pp. 148-149.

<sup>67</sup> Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 914.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

E, deste modo, "Ave da Esperança",<sup>68</sup> poema no qual Eduardo Lourenço viu, sobretudo, o avesso da esperança, pode testemunhar realmente de uma "vontade de esperar apesar de tudo",<sup>69</sup> uma invocação da esperança – uma *esperança da esperança*. A essa luz se podem ler, num arco de cinquenta anos, quase todos os outros poemas a que Torga deu o título de "Esperança". É uma persistência temática incontestável, mesmo sob as formas da denegação ou do apelo.

Podemos, pois, desde já concluir que a obra e o nome Torga servem, talvez acima de tudo, como estratégias de reativação da esperança. Tomar o partido da terra contra o do céu é uma manobra poética e epistemológica que lhe permite ganhar em ambos os tabuleiros: valorizar o contingente e o natural, inscrevendo-os numa estrutura mais lata, transcendente e sempre vitoriosa, a Vida; e, no mesmo lance, saldar o seu ressentimento contra Deus. Também sob este ponto de vista é "Vicente" o símbolo maior, testemunho da *hybris* da criatura que sabe não poder o seu Criador querer aniquilá-la.

A partir da noção de *esperança da esperança* e seguindo, ainda que com largos excursos, a leitura dos poemas intitulados "Esperança", percebemos a presença de um número restrito de "núcleos poéticos" da esperança torguiana: alguns acabados, redondos e quase perfeitos; outros, talvez os maiores, como esboços ou mistérios.

O primeiro é o *heróico*. Não por acaso, José A. Cardoso Bernardes explorou as dimensões que, em Torga, lhe justificam por inteiro o "processo de espessamento canónico" que o constituiu progressivamente, na opinião pública, como o "escritor da Pátria", o seu "poeta-oficiante".<sup>70</sup> Porém, na realidade, o núcleo *heróico* dá origem, antes do mais, à formação de figuras sacrificiais de Superego, sobre cuja etiologia nos debruçaremos a seguir. Não foi igualmente em vão que Eduardo Lourenço reiterou Miguel Torga como "herdeiro de toda uma tradição prometaica do

---

<sup>68</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 483.

<sup>69</sup> Eduardo Lourenço (1987), *op. cit.*, p. 92.

<sup>70</sup> Cf. José Augusto Cardoso Bernardes, "Miguel Torga, ano de 2007", *Limite*. Vol. 1. (2007), pp. 83, 89.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

humanismo moderno".<sup>71</sup> Efectivamente, à irreduzibilidade da morte, opõe Torga a irreduzibilidade do sujeito existente.

Uma estratégica e paradoxal hipertrofia do eu está, por exemplo, presente em "Dimensão":<sup>72</sup> "Não há medida humana que te meça,/ Humana pequenez do meu tamanho!". A ovelha ronhosa é, afinal, na sua singularidade contraditória de instinto e razão, a depositária da existência humana, cujo "mistério transita/ do berço à sepultura/ guardado pela força que o habita". É aquele que, orgulhosamente profano, reza: "Liberdade que estais em mim".<sup>73</sup>

Todo o herói tem necessidade de inimigos. Esses inimigos são, sobretudo, os "lobos da liberdade alheia":<sup>74</sup> em nome de "sepultos insepultos", ou de "vivos amortalhados", a luta é pela Liberdade, eterna primavera que diz um não inconformado a Deus, à tirania e, até, à eternidade.<sup>75</sup> A posição do Poeta é a do telegrafista ou a do soldado sozinho na trincheira, que resiste no seu "terrível poder de recusar".<sup>76</sup> De recusar, antes do mais, os sentimentos inconfessados, os monstros interiores,<sup>77</sup> inimigos ainda mais temíveis do que os outros. Exteriorizados, sublimados, talvez porque materializados na reclusão real, os pavores da clausura banham-se de luz, em dois belíssimos poemas escritos na Cadeia do Aljube, em 1940: "Ariane" e "Clareza".<sup>78</sup>

A consciência de si enquanto representante – necessariamente excepcional, porque Poeta - da espécie humana, traduz-se em Torga por um endurecimento da identidade; chega a garantir-se-lhe firmeza, mesmo depois da morte: "Um homem

---

<sup>71</sup> Cf. Eduardo Lourenço (2005) (ed. cit.), p. 7.

<sup>72</sup> Cf., Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 612.

<sup>73</sup> Cf. *id.*, *ibid.*, p. 817.

<sup>74</sup> Cf. *id.*, *ibid.*, p. 577.

<sup>75</sup> *Id.*, "Flor da Liberdade", *op. cit.*, p. 578.

<sup>76</sup> *Id.*, "Posição", *op. cit.*, p. 497.

<sup>77</sup> *Id.*, "Exortação", *op. cit.*, p. 673.

<sup>78</sup> Cf. *id.*, *Obra Completa. Poesia Completa I*, (ed. cit.), pp. 106 e 107.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

firme/ É firme até no céu!".<sup>79</sup> Este espessamento identitário vai até à onnipotência autopoietica e à vontade de inscrever, na imortalidade simbólica, os versos tatuados nos materiais com vocação de eternidade.<sup>80</sup> Imagens da contundência cortante, fálica, quase erótica, depuram-se por vezes na representação da tensão alada de um repuxo de jardim, cujo ímpeto aquoso do desejo morre a espaços, para sempre insistir e se erguer a pino ao céu.<sup>81</sup>

Em contraste, o herói poético tem traços de Cristo, por vezes explícitos.<sup>82</sup> Mas há outros heróis na lírica de Torga, quase todos crísticos e guerreiros e todos, evidentemente, latinos ou ibéricos: Che Guevara, García Lorca, Viriato, O Cid, Nun'Álvares... Como eles, o sujeito poético luta por todos e também por si próprio.<sup>83</sup> "Não sei quantos seremos, mas que importa?!".<sup>84</sup> Nas suas horas militantes, poderia este guerreiro de Torga fazer sua a divisa de Bloch, na sua apologia do "herói vermelho", o herói solidário e anónimo que, sem esperança de ressurreição, subversivamente escolhe sacrificar-se pela liberdade: *morrendo como se a eternidade fosse sua*.<sup>85</sup>

É o famoso poema "Orfeu Rebelde" que congrega, no fundo, os aspectos que até aqui vimos dispersados: os do herói fálico, diferente dos outros, mas "bicho instintivo que adivinha a morte", contra a qual ergue a violência terrestre do seu canto.<sup>86</sup> Dos mitos masculinos à decantada epopeia telúrica, uma estrutura aglutinadora se manifesta: a das fantasias da solidez e da indestrutibilidade. Aquilo que Eduardo Lourenço definiu, em Torga, como humanismo agressivo, redundante e

---

<sup>79</sup> Cf. id. "Depoimento". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 517.

<sup>80</sup> Cf. id., "Tatuagem", *ibid.*, p. 597.

<sup>81</sup> Cf. id., "Parábola", *Obra Completa. Poesia Completa I* (ed. cit.), p. 142.

<sup>82</sup> Cf. id., "Identificação". *Obra Completa. Poesia Completa II*, (ed. cit.), p. 575.

<sup>83</sup> Id. "Mensagem", *op. cit.*, p. 513.

<sup>84</sup> Id. "Plateia", *op. cit.*, 636.

<sup>85</sup> Cf. Anselmo Borges, *op. cit.*, pp. 417-418.

<sup>86</sup> Cf. Miguel Torga, "Orfeu Rebelde", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 555.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

polémico<sup>87</sup> - e que, aqui, podemos identificar com uma mitologia virilizante e heróica - absorve-se, afinal, de uma maneira ou de outra, no vasto canto do "espírito da terra".<sup>88</sup>

5.2 A possível presença das leituras de Nietzsche nesta torguiana *fidelidade à terra*<sup>89</sup> pode ser conjugada com um marxismo *quente*, que prescreve a imortalidade da consciência colectiva, uma espécie de atavismo ou voz do sangue, na qual o indivíduo se pode fundir e eternizar. É a imortalidade possível ao poeta épico, lutador por uma transcendência sem transcendência, por um reino messiânico e livre, sem Messias nem Deus. É de resto, talvez esse o último sentido do pungente, perfeito e último poema da vida de Torga, "Requiem por mim": o do lamento, exemplar na sua sobriedade, de que a morte não possa ser, para ele, essa fusão natural de uma individualidade na totalidade: "Rio feliz a ir de encontro ao mar/ Desaguar,/ E, em largo oceano, eternizar/ O esplendor torrencial de rio".<sup>90</sup>

Nunca saberemos se essa totalidade oceânica e final, a do *outro lado*, deveria ser tingida, em Torga, com as cores prometaicas da sociedade sem classes. A veemência da afirmação identitária quase dispensa o seu motor ideológico, a esperança utópica no *Humanum* futuro.<sup>91</sup> A utopia do reino humano resume-se, afinal, em Torga, à da Liberdade: tão longínqua como uma ressurreição. Mostra-se singularmente ambígua, evanescente, ou difusa, a utopia ateia que esperaríamos: a de uma espécie de Reino de Deus sem Deus, herdeira dos melhores conteúdos do cristianismo,<sup>92</sup> mas sem ele. Sabe-se que o que se espera, não vem,<sup>93</sup> que, entre os milagres do Messias que renova o tempo, é o chão "a única verdade que se

---

<sup>87</sup> Cf. Eduardo Lourenço (1987) (ed. cit.), p. 100.

<sup>88</sup> Cf. Miguel Torga, "Mensagem". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.) p. 513.

<sup>89</sup> Frederico Nietzsche, *Assim falava Zaratustra* (2007) [14ª ed.]. e. g., pp.48, 140.

<sup>90</sup> Cf. Miguel Torga, "Requiem por mim". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 927.

<sup>91</sup> Cf. BORGES, Anselmo, *op. cit.*, p. 405.

<sup>92</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 404.

<sup>93</sup> Cf. *id.*, "Legado". *Obra Completa. Poesia Completa I* (ed. cit.), p. 386.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

eterniza";<sup>94</sup> que, no obsessivo caminho entre o berço e a sepultura, "O que importa é partir, não é chegar";<sup>95</sup> mas que, como em "Poente",<sup>96</sup> "há um aceno de fuga e de aventura/ Nos largos horizontes que se alcançam".

Por um lado, como em toda a aventura, o poeta desdenha ou ignora o destino da viagem, concentrando-se na própria viagem: "O destino destina/ Mas o resto é comigo".<sup>97</sup> E canta fraternalmente, em S. Francisco de Assis, a inspiração que soube ser do chão.<sup>98</sup> Mas, por outro lado, sabe que o mundo é, apenas, a "Base de onde levanta/ a inquietação,/ Cansada da uniforme rotação/ Do dia-a-dia".<sup>99</sup> E que a morte se engana a "namorar os dias/ Neste deslumbramento,/ Confiado/ Em não sei que poético advento/ Dum futuro inspirado".<sup>100</sup>

Reclamando-se da sua condição de lavrador da poesia, Torga sabe que, para os verdadeiros camponeses, "a (sua) revolução é cósmica, cíclica e solar como a roda do ano".<sup>101</sup> A questão, fundamental e estruturante, é mesmo essa: opta-se, em Torga, por um regime epistemológico assente na temporalidade cíclica, em que tudo, sob uma forma ou outra, sempre se repete, sazonalmente, continuamente? Ou, de modo mais ou menos explícito, guarda-se ainda a lembrança de uma escatologia, ou a esperança de um absoluto *novum*? No mito naturalista de Torga, o apelo da escatologia é raríssimo; mas mantém-se, mesmo assim, uma reserva esperançosa, irreduzível e astuta: afinal, "Algum dia há de ser um novo dia,/ Se realmente o tempo se renova" ...<sup>102</sup>

<sup>94</sup> Id. "Hossana!", *op. cit.*, p. 406.

<sup>95</sup> Cf. id., "Viagem", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 666.

<sup>96</sup> Cf. id., *Obra Completa. Diário* (Volumes XIII a XVI) (ed. cit.), p. 1527.

<sup>97</sup> Cf. id., "Prelúdio", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 555.

<sup>98</sup> Cf. id., "A S. Francisco de Assis", *Obra Completa. Diário* (Volumes XIII a XVI). (ed. cit.), pp. 851-852.

<sup>99</sup> Cf. id., "Cântico", *Obra Completa. Poesia Completa II*, (ed. cit.), p. 584.

<sup>100</sup> Cf. id., "Cordial", *Obra Completa. Diário* (Volumes XIII a XVI) (ed. cit.), p. 1593.

<sup>101</sup> Id., *op. cit.*, p. 1305.

<sup>102</sup> Cf. id., "Profecia", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), pp. 607-608.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

O mito telúrico de Torga é, talvez, um movimento até certo ponto inverso e simétrico ao da criação heteronímica: trata-se, não de uma ficção multiplicadora, ou criação mistificante, mas, provavelmente, da escolha de uma resposta que voluntariamente reduz, simplifica, *resolve* um poeta que, em certas horas, diz que não é o que pode parecer, que se procura<sup>103</sup> e que luta sempre contra si.<sup>104</sup> É, estrategicamente, uma resposta elementar à esperança da esperança, à persistência da espera e da pergunta. Não confessa Torga que Jean Rostand lhe recomendara que interrogasse sem descanso a realidade?<sup>105</sup>

O poema "A Vida"<sup>106</sup> resume a aventura: "nunca descrever do chão/ Duro e ruim". E sucedem-se hinos à vida, muitas vezes servindo-se do imaginário erótico, eficaz e naturalisticamente erguido como bandeira terrestre: é o caso de "Ressurreição"<sup>107</sup> ("a seiva assobiava à primavera..."), "Ditirambo"<sup>108</sup> ("Amo a vida, esta bela prostituta"), "Abril"<sup>109</sup> ("Vulvas de toda as cores/ No impudor da primavera"). "Madrigal dos cinquenta anos"<sup>110</sup> traduz muito bem esse amor vital, ao modo cortês simultaneamente incondicional e sem esperança, que reencontraremos em "Claro-escuro"<sup>111</sup>: um amor que, depois da morte, ganha doçura.

Uma paradoxal *escatologia do cíclico* pode desenhar-se, assim, em "Claro-Escuro", em "Convite",<sup>112</sup> em "Cordial"<sup>113</sup> ou em "Dúvida".<sup>114</sup> Os valores matinais – os da madrugada e do início – são, nesta lógica, associáveis aos do Natal, da Páscoa e

---

<sup>103</sup> *Id.*, "Procura", *op. cit.*, p. 605.

<sup>104</sup> *Id.* cf. "Câmara escura", "Emparedamento", "Guerra Civil", *op. cit.*, pp. 558, 560, 581.

<sup>105</sup> Cf. *id.*, *Obra Completa. Diário (Volumes XIII a XVI)* (ed. cit.), p. 1239.

<sup>106</sup> Cf. *id.*, *Obra Completa. Poesia II* (ed. cit.), p. 700.

<sup>107</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 609.

<sup>108</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 613.

<sup>109</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 807.

<sup>110</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 608.

<sup>111</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 573.

<sup>112</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 675

<sup>113</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 574.

<sup>114</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 670.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

da infância.<sup>115</sup> De facto, a esperança naturalista identifica a eternidade com a vida da terra, com a renovação quotidiana: "É essa a eternidade:/ a permanente renição da vida".<sup>116</sup> E "quem respira tão fundo o ar do mundo vive em cada instante eternamente".<sup>117</sup>

Émulo do de Caeiro, no "girassol do mundo"<sup>118</sup> do Torga telúrico é flagrante a noção de conjunto e de organicidade. Essa *sensação de universo*<sup>119</sup> coerente e coeso, que tem o leitor, ao ler a obra de Torga como um modelo reduzido de mundo, assenta nessa espécie de *gramaticalidade imanente* do olhar, de que nos fala Michel Collot,<sup>120</sup> capaz de tornar intimamente consonantes os objetos exteriores, associando-os num sistema completo e fechado de relações, que é um mundo em si próprio.

Essa gramaticalidade vive, sobretudo, da estreita identificação (material e moral) entre o eu poético, o seu discurso, e o real. Esta identificação, ou incorporação, ou transubstanciação mística, é patente em inúmeros poemas: refiramos, a título de exemplo, "Comunhão",<sup>121</sup> "Lição",<sup>122</sup> "Reflexão",<sup>123</sup> "Dispersão"<sup>124</sup> ("perco-me na paisagem"), "Identificação"<sup>125</sup> ("todo feito de lodo como Adão", "desta terra sou feito..."). Esta é, certamente, uma epopeia da *autopoiesis*, em que o canto poético, como "bafo da terra"<sup>126</sup> ou fruto natural,<sup>127</sup> adquire, reciprocamente, todo o natural

---

<sup>115</sup> Cf. *id.*, "Manhã" e "Para a manhã", *Obra Completa. Poesia I* (ed. cit.), pp. 184 e 308; "Manhã" e "Manhã", *Obra Completa. Poesia II* (ed. cit.), pp. 794 e 817.

<sup>116</sup> *Id.*, "Folhinha", *op. cit.*, p. 572.

<sup>117</sup> *Id.*, "Adágio", *op. cit.*, p. 860.

<sup>118</sup> *Id.*, "Nirvana", *op. cit.*, p. 525.

<sup>119</sup> Cf. Michel Collot, *Paysage et poésie: du romantisme à nos jours* (Paris : José Corti. 2005), p. 217.

<sup>120</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 214.

<sup>121</sup> Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia II* (ed. cit.), p. 589.

<sup>122</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 679.

<sup>123</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 778.

<sup>124</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 880.

<sup>125</sup> *Id.*, *op. cit.*, pp. 872 e 892.

<sup>126</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 756.

<sup>127</sup> *Id.*, "Um Poema", *op. cit.*, p. 758.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

poder criador: "as coisas são anãs sem mim".<sup>128</sup> A referencialidade é, assim quiástica: sentir é, simultaneamente, um estado do sujeito e do objeto, compatibilizando-se exemplarmente a espessura das coisas com a espessura semântica das palavras.<sup>129</sup> Essa é, de facto, a grande ambição ontológica do poético, a sua maior esperança. Na nostalgia de uma pertença e de uma transparência absoluta, Miguel Torga é construído pela sua obra.

Se a aposta numa redenção pela terra parece, na verdade, magistralmente ganha, não pode, todavia, ignorar-se, na lírica torguiana, a busca de um referente inacessível, um horizonte nunca atingido e para o qual, no entanto, tudo parece tender.

É um fundo insondável, uma secreta mobilidade ou, como em "Poente",<sup>130</sup> um aceno longínquo, de fuga e de aventura. Esse misterioso e evanescente ponto de fuga pode guardar, como o do mar em "Têmpera",<sup>131</sup> iguais à noite, as metáforas da morte, do inconsciente e da inquietação; e faz regressar logo, prudentemente resignado, o poeta ao seu lirismo terrestre.

Uma *fenomenologia do imperceptível*, intuindo, na parte de invisível que toda a visibilidade comporta,<sup>132</sup> um coeficiente inapelável de indeterminação, pode contudo instituir, na lírica de Torga, um princípio de abertura. O espaço simbólico da paisagem torguiana contém, por vezes, como já em outra ocasião assinalei,<sup>133</sup> zonas que escapam às regras da decifração, zonas aéreas, franjadas, como o "nirvana azul"<sup>134</sup> do português, cuja densidade aromática o satura de luz sedativa, feitiço ou profecia. Na ultrapassagem do sensível, insinua-se, de quando em quando, esse

---

<sup>128</sup> *Id.*, "Súplica", *op. cit.*, p. 515.

<sup>129</sup> Cf. Michel Collot, *op. cit.*, p. 211.

<sup>130</sup> Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Diário (Volumes XIII a XVI)* (ed. cit.), p. 1527.

<sup>131</sup> Cf. *id.*, *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 527.

<sup>132</sup> Cf. Michel Collot, *op. cit.*, p. 23.

<sup>133</sup> Cf. Ana Luísa Vilela, *op. cit.*

<sup>134</sup> Cf. Miguel Torga, "Auto-retrato português", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 785-786.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

espectral *nó de ausência* que habita toda a presença,<sup>135</sup> de cuja obscuridade irreduzível o poeta se faz intérprete, ou espectador.

E é aqui precisamente, creio, que se revela a mais rica, a mais profunda e a mais misteriosa face da esperança na lírica de Torga. Nela, a representação da experiência estética e do trabalho poético têm a mesma origem, as mesmas formas e o mesmo *ethos* da esperança, obedecendo, como ela, aos momentos essenciais do desejo, do apelo, da espera e da errância.<sup>136</sup> A simbólica da *espera* é correlativa da simbólica da *esperança*.

Se o poema aspira, em Torga, ao lirismo enfeitiçante da matéria, à fusão transparente entre o real e o sentido, este *sentido* é sempre propriamente *direção* e *busca*: a aparição do poema alimenta-se da encenação da sua espera. A experiência estética compreende quase sempre o enquadramento cénico (e pragmático) dessa *cena da espera*, cujo dispositivo, associado também, por vezes, ao do parto, é traçado em muitos poemas – veja-se, por exemplo, "Expectação"<sup>137</sup> ou "Esperança".<sup>138</sup> Por vezes "contagiado"<sup>139</sup> pela alvorada (de que toma, também, a imagem do canto do galo)<sup>140</sup>, o poema é, em si próprio, representado como um nascimento ou uma ressurreição, um novo dia luminoso e eterno, "Miraculosamente amanhecido/ Nas sílabas de um verso enfeitiçado,/ A ressoar, medido e desmedido,/ na concha do ouvido/ Deslumbrado".<sup>141</sup> E, se é próprio do poeta ter "o dom de criar a claridade",<sup>142</sup> o próprio canto, mesmo triste, é uma promessa.<sup>143</sup>

<sup>135</sup> Cf. Michel Collot, *op. cit.*, p. 27, 31, 34.

<sup>136</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 157.

<sup>137</sup> Cf. Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), pp. 814-815.

<sup>138</sup> Cf. *id.*, "Esperança", *Obra Completa. Diário (Volumes XIII a XVI)* (ed. cit.), p. 1562.

<sup>139</sup> Cf. *id.*, "Contágio", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 452.

<sup>140</sup> Cf. *id.*, "Esperança", *Obra Completa. Diário (Volumes XIII a XVI)* (ed. cit.), p. 1562 e "Alvorada", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 826.

<sup>141</sup> *Id.*, *op. cit.*, p. 814.

<sup>142</sup> *Id.*, "Estertor", *op. cit.*, p. 826.

<sup>143</sup> *Id.*, "Esperança", *op. cit.*, 827. Cf. também "Arte Poética", *op. cit.*, p. 865.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Nesta epifania da esperança estão, pois, conglobadas as isotopias metapoética e redentora; a elas deve acrescentar-se a isotopia erótica que, de tão indiscernivelmente intrincada nas outras, delas se não distingue por vezes. O apelo, a ausência, a espera, são sempre figuras de uma cena inevitavelmente erótica, em que a tensão da ausência e da espera sempre se dirige e se ergue para uma figura feminina. Atente-se, por exemplo, em poemas como "Poesia",<sup>144</sup> "Musa Ausente",<sup>145</sup> "Oferenda",<sup>146</sup> "Mar Matinal"<sup>147</sup>, ou nos dois poemas intitulados "Esperança"<sup>148</sup> (respetivamente de 1944 e de 1962). Veja-se aquele nome, aquele anjo, aquela juventude, aquele apelo, aquele lume, aquele incêndio, aquele grito – e diga-se se falam de amor, se de poesia. E distinga-se, se se puder, o vocabulário do poeta do do amante, em "Anunciação":<sup>149</sup> "Adivinho os teus passos no silêncio,/ Cautos sinais de luz que se aproxima./ Pára-me o coração. Vem ao de cima/ O lodo que se quer justificar./ Nascem versos, então, no meu desejo./ Mas gasto a inspiração, acabo de cantar,/ E não te vejo".

Se a Natureza inspira a Torga um "Orgasmo",<sup>150</sup> a presença fulminante da Poesia inscreve-se como um fulgor, uma chispa, um transe, uma alucinação, um movimento arqueado, elegante e súbito; a esse movimento dá Torga o nome de "salto" – um "salto de corça",<sup>151</sup> ou de gazela.<sup>152</sup> Curiosamente, Kierkegaard<sup>153</sup> descrevia justamente a adoção da esperança como um salto, um salto no escuro – na esperança que Deus suspenda a faca de Abraão sobre Isaac ou, em Torga, que Deus

---

<sup>144</sup> *Id., op. cit.*, p. 689.

<sup>145</sup> *Id., op. cit.*, p. 692.

<sup>146</sup> *Id., op. cit.*, p. 899.

<sup>147</sup> *Id., op. cit.*, p. 870.

<sup>148</sup> Cf. *id.*, "Esperança", *Obra Completa. Poesia Completa I* (ed. cit.), p. 203; cf. também "Esperança", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 637.

<sup>149</sup> *Id., op. cit.*, p. 531.

<sup>150</sup> Cf. *id.*, *Obra Completa. Poesia Completa I* (ed. cit.), p. 424.

<sup>151</sup> *Id., op. cit.*, p. 463.

<sup>152</sup> *Id., op. cit.*, p. 473.

<sup>153</sup> Sören Kierkegaard, *Diário de um Sedutor* (São Paulo: Martin Claret, 2002).



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

poupe a ousadia do alto voo de Vicente... De uma forma ou de outra, trata-se de um "êxtase", de uma "hora desmedida",<sup>154</sup> capaz de suspender a temporalidade: nos momentos em que faz poemas, o homem "paira no tempo como o pó suspenso";<sup>155</sup> ou corre como um rio, desabrido e violento.<sup>156</sup>

Ligada ao mistério da presença, participante do "círculo fundacional do eu",<sup>157</sup> a esperança compõe, com o Eros e a experiência criativa, o núcleo mais irreduzível da poética torguiana. A esperança, avesso do medo, está, na poética de Miguel Torga, ancorada à própria pulsão lírica. Podemos talvez dizer que ela é, nesta poética, um *mitema*<sup>158</sup> fundador. Uma resposta à morte. Como o poeta notou, a âncora,<sup>159</sup> símbolo cristão da esperança,<sup>160</sup> continua a tutelar a praça açoriana, testemunhando e desmentindo o gesto suicida de Antero. Cumpramos, pois, um lúcido desígnio de Torga, expresso no poema "Esperança", de 1968.<sup>161</sup> Que seja essa mesma a última palavra deste texto: *ESPERANÇA*.

### NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA

Ana Luísa Vilela é Professora Associada do Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora e membro integrado do Centro de Literatura Portuguesa (FLUC), onde integra os projectos da *Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós* e do *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa*. É ainda colaboradora do CEL-UÉ e do CIDEHUS. É doutorada em Literatura Portuguesa, na Universidade de Évora, com uma tese sobre *Os*

<sup>154</sup> Cf. Miguel Torga, "Exame", *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 569.

<sup>155</sup> *Id.*, "Transe", *op. cit.*, p. 545.

<sup>156</sup> *Id.*, "Caudal", *op. cit.*, p. 758.

<sup>157</sup> José Antunes de Sousa, *op. cit.*, p. 6.

<sup>158</sup> Um *mitema* constitui, segundo Gilbert Durand, a mais pequena unidade significativa de conteúdo mítico (cf. Gilbert Durand, *op. cit.*, p. 67). Possíveis mitemas de Torga: o mito geográfico-cultural (que Durand inclui nos mitemas de Portugal); a vocação nostálgica do impossível; a esperança de um encontro com o princípio da transcendência; a peregrinação; a duplicidade gemelar, com as suas fantasias acerca do duplo divino; o franciscanismo e a ascese operativa; a via terrestre, a transubstanciação; o do reino maravilhoso, do país feliz, da Idade do Ouro. Mas Torga desdenharia certamente toda esta "metafísica de caixa alta". Cf. Miguel Torga, *Diário VI* (Coimbra: Ed. do Autor, 1978) [3ª ed.], p. 142.

<sup>159</sup> Cf. Miguel Torga, "A Âncora". *Obra Completa. Poesia Completa II* (ed. cit.), p. 905.

<sup>160</sup> S. Paulo (He 6, 18:20): "A esperança de salvação é a âncora da alma".

<sup>161</sup> Miguel Torga, *Obra Completa. Poesia Completa I* (ed. cit.), p. 400.



## A ESPERANÇA DA ESPERANÇA

ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

*Maias*, de Eça de Queirós, orientada pelo Prof. Doutor Carlos Reis. Fez mestrado em Literatura Comparada Portuguesa-Francesa (sécs. XIX e XX), pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa, com uma dissertação sobre Ramalho Ortigão, orientada pelo Prof. Álvaro Manuel Machado. Tem publicado nas áreas dos estudos queirosianos e da literatura portuguesa contemporânea (Torga, Sophia, Florbela Espanca, Ramalho Ortigão). Algumas das suas publicações mais recentes são: *100 anos do Livro de Mágoas. Releituras da Obra de Florbela Espanca* (ed., com M<sup>a</sup> Lúcia Dal Farra, Fabio M. da Silva e Rosa Fina). Natal: Sol Negro, 2021; *No ardor dos livros. Estudos sobre Maria Lúcia Dal Farra*. Natal: Sol Negro, 2021; *Alguns Poemas. Maria Lúcia Dal Farra* (org., sel. e introd., com Fabio M. da Silva). Viseu: Edições Esgotadas, 2019; "Diez buenos motivos para leer *Las Minas de Salomón*". Introdução a Eça de Queirós, *Las Minas de Salomón*. Madrid: La Umbria y La Solana, 2018; *Erótica Verbal. Ensaios Queirosianos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2017; *Florbela Espanca. Manuscritos fac-simile* (transcr. e introd., com Maria Lúcia Dal Farra). Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança, 2017 e *Poética do Corpo. Imaginário e representação física n'Os Maias, de Eça de Queirós*. Lisboa: Cosmos, 2012.

### RESUMO

Entre o poema "Esperança", escrito por Torga em 1944 (em *Libertação*) e o poema "Esperança", de 1986 (no *Diário*), decorrem quarenta e dois anos de poesia. Outros mais poemas com o mesmo título e, sobretudo, muitos mais com o mesmo tema pontuam o lirismo do autor. Em Torga (caracterizado, simultaneamente, como representante do "desespero humanista e "criatura de esperança") - o motivo da esperança é contraditório e problemático, mas dominante, perpassando por toda a obra do autor. A partir de cinco poemas, todos eles intitulados "Esperança", e de outras cinco dezenas de composições que, com outro título, desenvolvem e problematizam o mesmo veio temático ao longo do percurso literário de Miguel Torga – procurarei, neste trabalho, identificar algumas das extensões, intersecções e implicações de um motivo que me parece configurar, em Torga, um núcleo poético elementar. Por um lado, cumprirá assinalar as directas ligações do motivo da esperança ao imaginário da *morte da morte*, ao canto da vitória da vida, tecida na sucessividade natural de uma temporalidade cíclica, assente na continuidade da Natureza – na "permanente renição da vida". Por outro lado, observar-se-á, associada a este, a valorização, intermitente mas constante, de um imaginário crístico, alimentado pelas figuras do mártir - o poeta, o revolucionário, o santo – de uma forma ou de outra sempre "ressuscitado", erecto na sua humildade, no seu esforço e no seu sacrifício. Finalmente, haverá que ter em conta a sóbria, mas permanente, erotização da vida, "esta bela prostituta" – ou a eterna Natureza, que renasce, insolente, em cada manhã de seiva e na fome incontida de viver.

### PALAVRAS-CHAVE



## **A ESPERANÇA DA ESPERANÇA**

**ANA LUÍSA VILELA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**Miguel Torga; Poesia; Esperança**

### **ABSTRACT**

Between the poem "Esperança", written by Torga in 1944 (in *Libertação*) and the poem "Esperança", from 1986 (in the *Diário*), forty-two years of poetry elapse. Other poems with the same title and, above all, many more with the same theme punctuate the author's poetics. In Torga's work (characterized, simultaneously, as a representative of "humanist despair and "creature of hope") - the theme of the hope is contradictory and problematic, but dominant, permeating throughout the author's work. From five poems, all of them entitled "Esperança", and another five dozen compositions that, under another title, develop and problematize the same thematic vein throughout Miguel Torga's literary career – I will seek, in this work, to identify some of the extensions, intersections and implications of a motif that seems to me to configure, in Torga, an elementary poetic nucleus. On the one hand, it will be necessary to point out the direct links between the motive of hope and the imaginary of the *death of death*, the victory of life, woven in the natural succession of a cyclical temporality, based on the continuity of Nature – on the "permanent surrender of life". On the other hand, it will be observed, associated with this, the intermittent but constant valorization of a Christic imaginary, fed by the figures of the martyr - the poet, the revolutionary, the saint - in one way or another always "risen", upright in his humility, in his effort and in his sacrifice. Finally, we must consider the sober, but permanent, eroticization of life, "this beautiful prostitute" – or the eternal Nature, which is reborn, insolent, in each morning of sap and in the unrestrained hunger to live.

### **KEYWORDS**

**Miguel Torga; Poetry; Hope.**



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

### **A evolução e a resistência no cinema português**

**O** presente ensaio pretende, tal como o título indica, tentar compreender e explorar os objectos cinematográficos que o cinema português cria; e, evidentemente, desembaraçar o significado do próprio cinema português, ou se preferirmos um conceito mais mobilizador: o cinema nacional. Assim, partimos das entrevistas que os cineastas Luís Ismael e Paulo A. M. Oliveira nos concederam para este estudo e procuramos, conhecendo, por sinal, o seu perigo, uma resposta para a interrogação colocada.

Para confluir uma maior corrente de transparência e de inerência com a matéria aqui tratada será levantada uma ponte onde as ideias e as propostas cinematográficas de ambos os realizadores possam concorrer simultaneamente, de modo a que, seguindo uma linha temporal indefinida, mas sempre pronta para ser estreita mediante a necessidade, consigamos uma perspectiva histórica mais enriquecedora, heterogénea, e, servindo-nos de uma expressão de Kurt Lewin, apresentar uma perspectiva capaz de corresponder à ideia de que "Não há nada mais prático do que uma boa teoria."<sup>1</sup>. Esta afirmação apregoa uma forte carga reflexiva pendulando na dependência de uma animosidade prática perante o valor da teoria, e a sua inclusão neste texto não é, de maneira alguma, inocente. O cinema português e a sua historiografia promovida nas últimas décadas por um maior número de figuras vinculadas às Ciências Sociais e Humanas nem sempre se modelou com este ritmo e

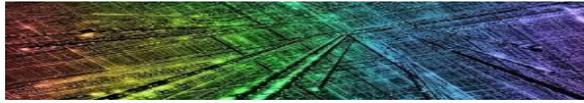


## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

com esta acessibilidade, principiou até, como refere Paulo Cunha em "Para uma história das histórias do cinema português", por "curiosos, entusiastas e autores que estavam comprometidos com o próprio objecto."<sup>2</sup>, representando - se tivermos em consideração o actual desfasamento entre cinema de autor português e as massa - um vestígio do que viria a acontecer. É certo que o desejo de aproximar o público das salas de cinema se mostrou como um dos principais sentimentos dos primeiros cineastas, estrangeiros e portugueses, a produzirem filmes em Portugal e o seu sucesso é, também, discutível, mas se um aumento substancial de teorias, independentemente dos juízos de valor tecidos, se materializa duplamente – ora em teoria, ora em prática – que explicação teremos para o estado sombrio no tratamento do cinema português nas mais variadas salas nacionais. Poderá ser o aumento significativo de criações cinematográficas em conjunto com a disposição de degradantes recursos e ligeiros financiamentos causa e efeito da linguagem identitária do cinema português? E qual será a designação para a atitude perante o cinema nacional: resistência artística?

Este exercício é indissociável das problemáticas da carência de financiamentos, dos embaraços que existem em projectar imagens em Portugal e, aproveitando a pertinência na divergência e dissemelhança de Luís Ismael e de Paulo A. M. Oliveira, sabendo, claro, que em muitas matérias partilham do mesmo ponto de vista, desenvolver o diálogo entre os seus estilos, — a comédia e o terror –, respectivamente, inspirações e visões. Luís Ismael, natural de Valongo, passou grande parte da sua juventude entusiasmado com as salas de espectáculos, com as bibliotecas onde procurava conhecimento sobre o processo da projecção de imagens, e com este espírito autodidacta a reflectir-se na criação da "Associação Cinematográfica de



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

Valongo"; por outro lado, Paulo A. M. Oliveira ocupou-se de adiar o interesse pelo cinema de terror participando, com muito sucesso, na indústria musical e alcançando algum estrelato com a banda "Sexto Sentido" Importa destacar a transversalidade existente na sétima arte, não só pelo contacto com a música, enquanto expressão próxima da área cinematográfica, como observamos no percurso do Paulo A. M. Oliveira, mas ainda, se recuarmos e utilizarmos a descomprometida e indefinida linha temporal acima mencionada, o recurso e a íntima abordagem à literatura no decorrer dos anos 20, período em que se desenvolvem em Portugal as primeiras longas metragens de ficção, *Os olhos da Alma* (Roger Lion, 1924), *As Pupilas do Senhor Reitor* (Maurice Mariaud, 1923), inspirado na obra de Júlio Diniz, ou até mesmo *Os Lobos* (Rino Lupo, 1923).

As conversas que efectuámos com os dois realizadores mostraram-se curiosas e, se considerarmos o início do percurso de cada um dos realizadores, muito reveladoras. Natural de Valongo, Luís Miguel da Rocha Ferreira, mais conhecido como Luís Ismael, é realizador, argumentista, actor e produtor de filmes na Lightbox e já conta com a trilogia *Balas e Bolinhos*, *Bad Investigate*, *1618* e *Serafad*. Actualmente, está a trabalhar num novo projecto: um filme biográfico sobre o «Chico Fininho». Já Paulo A. M. Oliveira, nascido em Moçambique, licenciou-se em Eng.<sup>a</sup> Multimédia pelo Instituto de Tecnologia Avançadas de Lisboa (ISTEC), tornou-se Mestre em Cinema e Televisão (NOVA FCSH), e é ainda doutorando no curso de Artes Performativas e da Imagem em Movimento na Faculdade de Belas Artes (FBAUL). *(in)Focus*, *Vegan Girl*, *Calipso*, *Canção de Embalar*, *Häushen - A Herança* são as curtas-metragens nas quais participou. Ao longo das entrevistas pouco tempo foi necessário para testemunharmos o modo artesanal que, no caso de Luís Ismael, se afivelou aos



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

primeiros filmes, seja pela utilização de apenas uma "câmara de vídeo" e uma curta-metragem amadora que nunca entrou no seu currículo, como ainda pelas importantes filmagens de casamentos que, para além de despertarem um carácter dinâmico e pouco confuso para produzir, durante a sua carreira, longas-metragens com poucos meios – destreza comum em tantos realizadores portugueses – permitiram também uma maior interacção e experiência no campo da imagem. Depois, caminhamos em direcção à filmografia e, naturalmente, à famosa trilogia *Balas e Bolinhos* que representa, no género do humor e da comédia, uma referência cristalizada pelo inesperado sucesso nas bilheteiras devido, em grande medida, ao virtuoso sentimento de coragem quando se constroem obras perante cenários pessimistas. A concordância dos dois realizadores acerca de não ser necessária uma formação académica para fazer cinema é irrefutável. Contudo, a experiência de Paulo A. M. Oliveira demonstra a prevalência do estudo, mais detalhado e especializado, como um processo importante aliada à aproximação das diversas funções de assistência de imagem e produção. Um contacto rotativo pelos departamentos que integram uma equipa na rodagem de uma longa ou curta-metragem agilizam, para além do conhecimento de cariz técnico, análises mais precisas acerca da versatilidade exigida na produção de um filme. Num quadro geral, concorrem similarmente as inspirações no cinema norte-americano onde as referências a *Pulp Fiction* (Quentin Tarantino, 1994) e a Hitchcock marcam as suas obras. Porém, se à partida este factor pode parecer um impeditivo à presença de um discurso pessoal, identitário, de autor, conseguimos compreender, através das conversas realizadas, que ambos integram nos seus planos, quase ontologicamente, raízes portuguesas. A admirável superação aos estreitos acessos do financiamento do ICA, a premiação em festivais de cinema nacionais e internacionais, a língua, as



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

paisagens ou as realidades humanas e naturais em alguns dos seus filmes tratam desses mesmos motivos portugueses. Todavia, há uma ideia partilhada por ambos os cineastas e, sabendo também do fascínio que sentem pelo cinema comercial norte-americano, o carácter transnacional é inescapável nas suas filmografias, seja pela dimensão temporal transferida, aproximando-se de uma maior rapidez; o estilo de vida das personagens onde o exemplo do conjunto de criminosos "à portuguesa" da trilogia de *Balas e Bolinhos* se pode assemelhar a uma adopção ou deslocação dos famosos marginais americanos, que lidam diariamente com a justiça e com os problemas estruturais do seu país; e ainda a tentativa de não reduzir o seu cinema a linhas elitistas promovendo-o, naturalmente, a um público abrangente – para as massas –, utilizando as novas plataformas de *streaming* como ferramentas essenciais para a divulgação dos seus filmes, disponíveis em qualquer parte do mundo. É de salientar, aliás, o facto de *Bad Investigate* de Luís Ismael ter sido um dos primeiros filmes portugueses a estar presente na Netflix.

Entre muitos aspectos a destacar no cinema em Portugal, torna-se cada vez mais nítida a sua dependência em relação ao financiamento – oscila anualmente entre um maior ou menor apoio – mas permanece sempre insuficiente, segundo os próprios realizadores. Temos, então, o exemplo de Luís Ismael que nos contou que, após 10 anos, nunca conseguiu obter financiamento estatal e aguarda agora por uma resposta positiva para o seu próximo projecto, apesar dos recentes sucessos na bilheteira; ou o exemplo de Paulo A. M. Oliveira, que nos testemunhou esta dificuldade sentida uma vez que outros géneros serão beneficiados no nosso país em detrimento do género do terror.

Lança-se a questão acerca da dificuldade, quase trágica, de fazer cinema em



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

Portugal e qual a responsabilidade, concomitante aos desagradáveis apoios, da sua auto-reflexividade que, para Maria do Rosário Lupi Bello, se insere num espaço social do cinema em Portugal, vejamos: "É, no entanto, possível identificar a constância dessa tendência auto-reflexiva, que faz do nosso cinema um permanente e exigente lugar de análise social, histórico-política e cultural (independentemente da sua qualidade técnica e estética e de alguns casos de maior popularidade)."<sup>3</sup> Quantos realizadores viram os seus projectos serem cancelados ao inteirarem-se que não têm meios para os concretizar ou a "exigência" acima referida desencoraja e contamina a liberdade artística? Perante esta excessiva e compreensível incerteza, nomeadamente para jovens e estudantes interessados na área do Cinema, tanto Luís como Paulo se mostram convictos que um bom ponto de partida estará no progresso dos estudos, sejam eles teóricos ou práticos; na astúcia necessária principalmente no início do percurso dentro da indústria cinematográfica; e a fundamental encarnação de uma visão "não olhando à crítica", segundo Luís Ismael nos confidenciou. Neste sentido, apercebemo-nos da complexidade de discutir aquilo que pode ou não ser o cinema nacional, pelo que a questão continuará a ter as mais variadas e opostas respostas possíveis. Esta discussão é, acima de tudo, um vantajoso processo de desconstrução inseparável de uma atenção especial à história do cinema nacional escrita não só pelos elementos das Ciências Sociais e Humanas, a partir das últimas décadas, como ainda dos entusiastas e dos autores do primeiro e do segundo quartel do século XX. Se para Luís Ismael o cinema português "não existe" e se para Paulo A. M. Oliveira é uma "expressão artística", o presente ensaio ordena-se num rescaldo de perspectivas e ideias recebendo dois dos muitos realizadores da nova vaga. O cinema nacional, segundo Tiago Baptista "...foi (e continua a ser) um conceito ideologicamente muito



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

carregado que determinou muito do que os filmes portugueses foram (e também muito do que não puderam ser) ao longo do último século"<sup>4</sup> produto das múltiplas inspirações e vivências transparecidas pela singularidade de cada autor e de cada época em que a obra se inventa; é possível, ainda, observar e reflectir acerca do alinhamento com correntes cinematográficas internacionais, seja por que motivo for, como as técnicas de filmar, a gramática visual, ou os temas retratados. Trata-se ainda de uma arte em constante mutação pelo que cada vez mais descobrimos novos realizadores que, conseqüentemente, podem dar novos contributos na área e novas ideias sobre o que de facto é o cinema português.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

**BAPTISTA, T. (2010). "Nationally Correct: The Invention of Portuguese Cinema" *Portuguese Cultural Studies*, Vol. 3, N. 1.**

<https://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1011&context=p>

**BELLO, M. (2009). "A implosão do Cinema Português: Duas Faces da Mesma Moeda". *Portuguese Cultural Studies*, Vol. 3, Spring.**

**CUNHA, P. (2016). "Para uma história das histórias do cinema português" *Aniki*, vol.3, n.º 1, 2016. <https://doi.org/10.14591/aniki.v3n1.231>**

### **Notas biográficas dos autores**

**JOÃO REBOCHO** – Licenciando em Artes e Humanidades com *Major* em História e *Major* em Artes e Culturas Comparadas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conto com alguma poesia publicada nas edições Nº 82 e Nº 83 da revista *Os Fazedores de Letras* e uma ficção que se poderá ler na próxima edição Nº 85. Sou um dos programadores culturais na Galeria de Arte Olga Campos em Vialonga e os meus interesses revelam-se, naturalmente, nos interdisciplinares debates e exposições que promovemos, concorrendo simultaneamente com a minha actual formação



## **COMO ENTENDER O CINEMA PORTUGUÊS? O DIÁLOGO ENTRE A CINEMATOGRAFIA DE LUÍS ISMAEL E DE PAULO A. M. OLIVEIRA**

**JOÃO REBOCHO, UNIVERSIDADE DE LISBOA  
CATARINA VIEGAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

académica: História Contemporânea, Arte Moderna, Literaturas Pós-Coloniais Comparadas e, finalmente, o Cinema e a sua forma em Portugal.

CATARINA VIEGAS – Licenciada em Artes e Humanidades com *Minor* em Artes do Espectáculo e Minor em Ciências do Património na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O mundo das artes despertou-me a curiosidade desde cedo, pelo que o cinema é a área que mais me interessa. Ingressei ainda, em 2020, no curso de "Temas da História da Arte em Portugal" na Sociedade Nacional de Belas Artes.

### **Resumo**

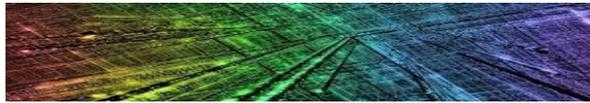
A multiplicidade conceptual encontrada na historiografia do cinema nacional é, sobretudo, inseparável das mentalidades e da época em que cada trabalho se situa. As Ciências Sociais e Humanas promoveram, nas últimas décadas, diversas incursões sobre o cinema português inclinando-se, com sucesso, sobre a componente teórico-prática. Porém, conhecendo a dificuldade em preencher salas de cinema que exibem filmes portugueses, é lançada a questão acerca do elevado grau de descomprometimento e de que lado estará a responsabilidade: do autor ou do público? A partir de uma entrevista realizada aos cineastas Luís Ismael e Paulo A. M. Oliveira, directores de uma nova vaga nacional, o actual texto esforça-se para se aproximar desta esfera cultural que, ainda levando consigo o mundo, merece uma denominação nacional.

### **Abstract**

The conceptual multiplicity found in the historiography of Portuguese cinema is, above all, inseparable from the mentalities and the time in which each work is situated. The Social and Human Sciences have, in recent decades, promoted several incursions into Portuguese Cinema and successfully leaning on the theoretical-practical component. However, knowing how difficult it is to fill cinemas that display Portuguese films the question is raised about the high degree of disengagement and on which side will be the responsibility: of the author or the public? From an interview with filmmakers Luís Ismael and Paulo A. M. Oliveira, directors of a new national "vague", the current text strives to approach this cultural sphere that, still taking with it the world, deserves a national denomination.

### **Keywords**

**Cinema, Portuguese Cinema, History of Portuguese Cinema, National filmmakers.**



## **(EN)GENDERING TRANSLATION(S): THE LANDING ON THE MOON (1969)**

**MIGUEL ALARCÃO**

**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**

**ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

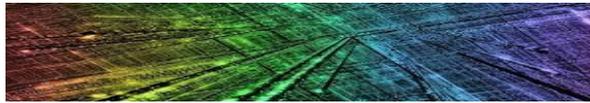
**To Isabel Oliveira Martins  
(NOVA FCSH/CETAPS)**

**A**t a time when, just over half a century on, the exploration of Mars seems to herald a new "space age", this position paper, or short chronicle, seeks to share some passing thoughts and brief notes inspired by undoubtedly one of the major scientific, technological and epic events of the 20th century: the landing on the Moon (July 1969). Albeit in a light-hearted, practical and atheoretical vein, we will be touching upon some topics for further elaboration and debate among scholars and students specifically or primarily involved in translation matters.

As is well known, Neil Armstrong's historical statement immediately after leaving "Apollo 11" has been variously transcribed as "(...) a small step for man, a giant leap for mankind" or "(...) a small step for a man, (...) [my emphasis]." (Associated Press n. pag.)<sup>1</sup> So before translating this sentence into Portuguese (or any other target language), one must try to establish with as much technological accuracy as possible whether what Armstrong actually said up there on the Moon does coincide or not with what we heard down here in the Earth and also how did

---

<sup>1</sup> Two chapters of Jane E. Barry's novella, *A Spaceman Came Calling* (2019), written to commemorate the 50th anniversary of the moon landing, bear the titles "One Small Step" (pp. 92-101) and "One Giant Leap" (pp. 102-115).



## ***(EN)GENDERING TRANSLATION(S): THE LANDING ON THE MOON (1969)***

***MIGUEL ALARCÃO***

***UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA***

***ORCID ID: 0000-0002-0831-1941***

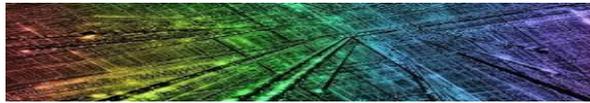
the media at the time register and transcribe what Armstrong (allegedly) said. This tender and fragile relationship between (mis)recording, (mis)quoting and (mis)translating raises, of course, questions of '(un)faithfulness' which any translator must attend to in order not to 'betray' the original.

Throughout this rather delicate process, Neil Armstrong's own views and comments must obviously be taken into consideration, since all verbal authorship implies, after all, even if oral and 'uncopyrighted', some sort or form of authority. What did Armstrong say, upon returning to Earth, about what he had said, meant or intended to say?<sup>2</sup> Should there be any discrepancies, which version should one translate and on what grounds and criteria? Does the translator's need (indeed duty!) to choose and ultimately decide somehow incorporate and enact that age-old debate in Translation Studies, of 'letter' vs. 'spirit'?

Furthermore, this issue is certainly not (it never is...) a purely linguistic and translational one, involving as it does deontological principles and practices, pragmatics, semantics and even a touch or hint of Gender Studies. In fact, if we take Armstrong's expression "for a man", we are bound to think he meant himself, whereas "for man" (whether capitalized or not) would suggest "the human species"

---

<sup>2</sup> "Although no one in the world heard the 'a' some research backs Armstrong. In 2006, a computer analysis found evidence that Armstrong said what he said he said. Peter Shann Ford, an Australian computer programmer, ran a software analysis looking at sound waves and found a wave that would have been the missing 'a'. It lasted 35 milliseconds, much too quick to be heard. The Smithsonian's space curator, Roger Launius, looked at the evidence and found it convincing. NASA has also stood by its moon man. 'If Neil Armstrong says there was an 'a,' then as far as we're concerned, there was 'a,' NASA spokesman Michael Cabbage said shortly before the 40th anniversary of the Apollo 11 mission. Armstrong, who died (...) at age 82, maintained until the end that there was a lost word in his famous words from the moon." (Associated Press n. pag.)



## ***(EN)GENDERING TRANSLATION(S): THE LANDING ON THE MOON (1969)***

***MIGUEL ALARCÃO***

***UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA***

***ORCID ID: 0000-0002-0831-1941***

or "mankind", a word which, incidentally, turns up later in the same sentence; hence, if "man" equals "mankind", the translator must ponder on how to avoid a possible semantic redundancy or lexical repetition.

But, one may ask, what about woman(en)?<sup>3</sup> Broadly and metaphorically speaking, is not this 'dilution' of the female gender into mankind a bit like restoring to Adam his original spare rib, thereby daringly reversing God's action<sup>4</sup> and, as some cultural critics and analysts might argue, thus perpetuating male-dominated and hegemonic strands of thought, modes and patterns of discourse? In the words of Anderson and Zinsser,

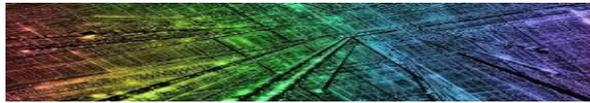
"In Europe, where so many languages are gender-based, criticism has focused on the oppression of language itself, which places the male first. The masculine pronoun always precedes the feminine; feminine endings are classified as 'weak' and are added to a male root. The male article subsumes the female: children are still taught that if a group consists of one hundred women and one man, the masculine pronoun should be used." (p. 427)<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> It may not be amiss to recall here Valentina Tereschkova's orbital flight (1963), only two years after Yuri Gagarin's (1961), and six years before Neil Armstrong's, Edwin ('Buzz') Aldrin's and Michael Collins's all-male expedition.

<sup>4</sup> As George Steiner puts it, "Before the Fall, man and woman may have spoken the same tongue, comprehending each other's meaning perfectly. Immediately after, speech divided them." (p. 43)

<sup>5</sup> The intricate connections between language, translation, gender and women's studies is, of course, a topic far beyond the scope and purpose of this paper, which simply aims at celebrating the momentous 'moonmark', not just landmark, of 1969; however, following Karen Bennett's generous suggestions, we will list below, at an introductory level, some unquoted titles by Godard, Simon and Von Flotow.



## ***(EN)GENDERING TRANSLATION(S): THE LANDING ON THE MOON (1969)***

***MIGUEL ALARCÃO***

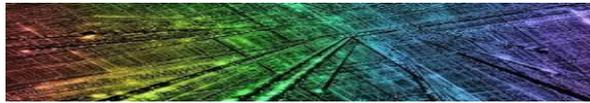
***UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA***

***ORCID ID: 0000-0002-0831-1941***

Finally, even accounting for inverted commas, translation notes and such-like resources, what space do(es) translation(s) leave for neologisms (Can non-existing words or expressions be translated?) and how should gender marks be sensibly handled in our current trans/postgenerational age? In terms of the source language, for instance, would it make at all sense to replace "mankind" with "(wo)mankind", "humankind" or even --- if in doubt --- "(who)mankind"? Likewise, in terms of the target language ("humanidade"), the truth is that, etymologically speaking, the female gender is still rendered invisible... But would any linguist, lexicographer or translator, seriously consider the coining and translation of "mulheridade" or, playing a little with the unacknowledged subtleties and unexplored possibilities of Anglo-Portuguese phonetics, "Womanidade"?

### **WORKS CITED**

ANDERSON, Bonnie S. and Judith P. Zinsser. A History of Their Own. Women in Europe from Pre-History to the Present. Vol. II. Harmondsworth: Penguin Books, 1990 (Harper & Row, 1988).



## **(EN)GENDERING TRANSLATION(S): THE LANDING ON THE MOON (1969)**

**MIGUEL ALARCÃO**

**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**

**ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

ASSOCIATED PRESS. "That's one small step for 'a' man': Armstrong claimed his famous mankind speech was misquoted". Mail Online. 26 August 2012. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2193749/neil-armstrong-speech-thats-small-step-man-famous-mankind-words-misquoted.html>. Accessed 20 February 2021.

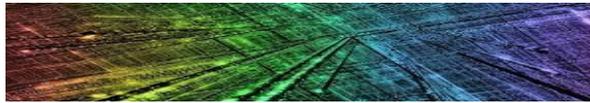
BARRY, Jane E. *A Spaceman Came Calling*. N. p.: Belvedere Press, 2019.

GODARD, Barbara. "Theorizing Feminist Discourse/Translation". *Translation, History and Culture*, edited by Susan Bassnett and André Lefevere. London: Pinter/Cassell, 1990, pp. 42-53.

SIMON, Sherry. *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission*. London and New York: Routledge, 1996.

STEINER, George. *After Babel. Aspects of Language and Translation*. Oxford: Oxford University Press, 1976 [1975].

VON FLOTOW, Luise. *Translation and Gender: Translating in the 'Era of Feminism'*. Manchester: St. Jerome, 1997.



***(EN)GENDERING TRANSLATION(S): THE LANDING ON THE  
MOON (1969)***

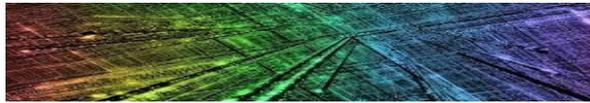
***MIGUEL ALARCÃO***

***UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA***

***ORCID ID: 0000-0002-0831-1941***

**BIONOTE**

**Miguel Alarcão (1959-) holds a BA in Portuguese and English Studies (1981), a MA in Anglo-Portuguese Studies (1986) and a PhD in English Culture (1996), awarded by NOVA - New University of Lisbon, where he lectures as Associate Professor. He was also Colloquial Assistant in Portuguese at the University of Birmingham (Late 1980s), Director of the Central Library (2001-2009) and Co-Coordinator of the Faculty's earliest research group on Medieval Studies (1999-2004). Author of *Príncipe dos Ladrões: Robin Hood na Cultura Inglesa (c. 1377-1837). 2001* (out of print) and *This royal throne of kings, this sceptred isle': breve roteiro histórico-cultural da Idade Média inglesa (Séculos V-XV), 2014*, plus 5 co-editions and around 80 articles in *Festschriften*, proceedings and academic journals.**



## ***(EN)GENDERING TRANSLATION(S): THE LANDING ON THE MOON (1969)***

**MIGUEL ALARCÃO**

**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**

**ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

### **ABSTRACT**

At a time when, just over half a century on, the exploration of Mars seems to herald a new "space age", this position paper seeks to share some passing thoughts and brief notes inspired by one of the major scientific, technological and epic events of the 20th century: the landing on the Moon (July 1969).

### **KEYWORDS:**

The landing on the Moon; Neil Armstrong; "Apollo 11"; The space age; Translation and Gender.

### **RESUMO**

Numa altura em que, passado pouco mais de meio século, a exploração de Marte parece anunciar uma nova "era espacial", este curto ensaio visa partilhar algumas ideias soltas e breves notas inspiradas por um dos maiores e mais épicos acontecimentos científicos e tecnológicos do século XX: a chegada à Lua (Julho de 1969)

### **PALAVRAS-CHAVE:**

A chegada à Lua; Neil Armstrong; "Apolo 11; A era espacial; Tradução e Género.



***(EN)GENDERING TRANSLATION(S): THE LANDING ON THE  
MOON (1969)***

***MIGUEL ALARCÃO  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA  
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941***



## **LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS: A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

### **Introdução**

**E**ste artigo é uma partilha de algumas reflexões que temos vindo a organizar a propósito do papel dos estudos literários na área de aplicação da educação literária, tendo como ponto de partida e lugar de fala o subsistema da literatura infanto-juvenil. É assim que, para chegarmos à questão eterna da teoria e dos estudos literários – o que é a literatura? – valerá, de cada vez que abrimos e entramos num livro que surge nos escaparates sob a etiqueta, normalmente comercial, identificando-o como "obra literária" ou "literatura", irmos perguntando: isto é literatura?

Quase paradoxalmente, enquadrámos ainda estas reflexões graças à evolução da teoria da literatura, inclusivamente, à própria resistência à teoria, expressão que o desconstrutivista Paul de Man (1919-1983) usou para título de uma das suas obras de referência, na sua luta, juntamente com Jacques Derrida (1930-2004), contra a busca na literatura da essência das ideias e das coisas. Numa afirmação provocatória, Paul de Man confessava que: "the main theoretical interest of literary theory consists in the impossibility of its definition". Criticando os formalistas e o *new criticism*, preferia, grosso modo, às hipervalorizadas buscas de sentido fora ou dentro da obra, e respectivas teorizações, as concretizações da linguagem literária em cada obra, e em que quer a presença do autor e do seu tempo, quer o trabalho de análise puramente textual, não podiam ser ignorados.

De facto, nas últimas décadas do século XX, finda a era das lutas teóricas, já elas reflexo do fim das preceptivas – ou seja, as normas de movimentos estéticos que, até social



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

e politicamente condicionados e condicionantes, predefiniam taxativamente o que era preciso encaixar no binómio forma-conteúdo para que, com uma linguagem própria e incomum – única liberdade do autor, a poética – acontecesse literatura; findas estas eras, os estudos literários, para além do conhecimento enciclopédico que resulta também numa história das teorias sobre literatura, vêm-se a braços não só com uma explosão de autores para lá de relativamente pequenas elites que antes eram os escritores validados por um identificável número de instituições (academia e agremiações), mas por uma importância surpreendente do leitor na concretização da obra literária enquanto tal.

A moderna democracia também afectou os estudos e a crítica literários. A academia e os prémios mantêm-se instituições legitimadoras, mas abrem-se à saudável polémica da liberdade de opinião e precisam de redobrar forças para ombrear com duas outras poderosas instituições que actuam segundo regras próprias, e duras, e sobrevivem juntas como irmãos siameses: o mercado e a fama. O primeiro lidera a vida contemporânea como o dinheiro já o faz há séculos; a segunda ganhou escala com o poder da comunicação social. Como acontece com quase tudo o que existe sob o sistema democrático, a informação e formação de cidadãos que possam escolher em consciência é o principal desafio. E a literatura não lhe escapa. Para quem produz algum conhecimento a partir da área da cultura, em particular do livro, da leitura e da literatura, parece-nos fundamental que se adopte o bom princípio de que, quando esse conhecimento é partilhado com o maior número possível de cidadãos, ainda que com graus de interesse diferentes na área, se criam condições para uma maior consciência cívica e, conseqüentemente, um melhor uso do sistema democrático.



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

O que nos vai orientando, actualmente e nos estudos literários, é o facto de já nenhum crítico ou académico na área poder negar que a literatura é também ela um sistema: nela se criam produtos de construção complexa, com várias peças – materiais e imateriais - a ter em conta para que o todo funcione enquanto tal. E em que intervêm actores, e têm os seus impactos, outros produtos de outros sistemas adjacentes igualmente complexos. Um sistema dinâmico quer na sincronia, com o tempo de Aion (da ciclicidade), quer na diacronia, com o tempo de Cronos (do devir sistematizado em passado, presente e futuro).

Conscientes disto, importa-nos a nós, os contemporâneos, preocuparmo-nos com uma coerência informada, de forma que qualquer abordagem crítica possa ser uma opção que, partindo de uma metodologia que não será novidade, pode adequar-se a uma finalidade que vai para além do funcionalismo ou de um pragmatismo ocioso. Para lá do utilitarismo, mas sem cair na vaidade do "só porque sim" da arte pela arte. O ideal é que não fiquemos nem ensimesmados num exclusivismo de exercícios técnicos, que chegarão a poucos, nem reféns de outras linguagens, de outros conhecimentos, que empalideçam o contributo dos métodos e das técnicas de abordagem às obras a partir do lugar próprio dos estudos literários. Trata-se de saber lidar com o imanentismo (análise estrita da linguagem literária) e a subsidiariedade (tendência estruturalista, mas ainda mais alargada ao abrigo já não da competição que levou ao desconstrutivismo, mas da cooperação ou colaboração a que apelamos nos dias que correm). As duas posturas usadas de forma equilibrada e articulada, em função da tal entidade que ganhou expressão no final do século XX e que parece manter-se no início deste nosso século que já completou duas décadas: o leitor.



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Consequentemente, quando chegamos à conclusão de que os estudos literários ajudam a responder à necessidade de prestar informação e formação aos cidadãos, não tardarão a anexá-los às ciências de educação. Sobretudo quando para a educação literária centramos a nossa perspectiva dos estudos literários na literatura para a infância e juventude e, mais ainda, quando os estudos de caso são livros-álbum ou livros-objecto dedicados aos pré-leitores, com escassíssimo texto verbal.

De facto, quando se trata de literatura para a infância tudo se inclina, de forma quase natural, para o lado dos "consumidores", os destinatários de uns textos verbais enfeitados com outros textos visuais, embrulhados em cuidados que, como rendas e lacinhos, enchem o olho de quem os manusear e usar. Coincidentemente, quando se trata de educação literária há também esse interesse mesmo: manusear e usar. E é aqui que as estratégias e as técnicas desenvolvidas pelas ciências da educação se empenham: investigam, experimentam, avaliam, acompanham, aferem, adaptam, num processo de eternos retornos que visa, precisamente, um retorno que, com as outras ciências com que se cruzam, permita que o conhecimento se difunda, se aprofunde e se torne mais e melhor. Ou, pelo menos, que não se perca, até como referência histórica que explique processos, tão dinâmicos como os organismos vivos de que dependemos, de que nos rodeamos e a cujo ecossistema pertencemos.

Importa aos investigadores cujo "lugar de fala" é o dos estudos literários, que trabalham matéria com destinatários ambivalentes (os reais que são as crianças e os instrumentais, os adultos), continuarmos a considerar o que está para além da linguagem literária, mas sem nunca a esquecer como sendo o que valoriza a matéria trabalhada. Até



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

quando manuseamos alguns livros sem uma única palavra que não seja o título. Porque é esse valor que distingue a educação literária de outra área da educação. Por educação literária entendemos não apenas, mas também, dar a conhecer a história das obras e autores que nasceram fruto de sistemas rígidos – períodos e gerações, formas e relações com as referências que as palavras guardam. E esta educação específica poderá mesmo passar por dar a conhecer as posições críticas que, ao longo do tempo, se foram tomando sobre literatura. Estas perspectivas da educação literária visam já uma certa especialização, que vai para além de uma sensibilização: a de retirar de uma obra o prazer de uma fruição que se saiba justificar, com argumentos mais conscientes, mais precisos e capazes, talvez, de continuar a cadeia de sensibilização.

Mas à educação literária entendemos ainda, como bem escreveram Leonor Riscado e Rui Marques Veloso, que cabe também "formar crianças leitoras, emocionalmente inteligentes e imaginativamente interventivas.". Destes leitores esperamos que sejam capazes não apenas de entender ou descodificar o discurso linguístico de um texto, mas também compreender os seus sentidos implícitos, o seu contexto, mobilizando as suas referências, a sua enciclopédia pessoal, o seu intertexto leitor, para o apreender o mais profundamente possível. Que se torne primeiro um prazer, depois uma fonte de descobertas, sem deixar de continuar a ser um prazer.

Começemos por recuar ao século XIX e ao grande Eça de Queirós. A viver em Inglaterra, Bristol mais precisamente, um dos nossos mais famosos prosadores escrevia numa das suas *Cartas de Inglaterra* o seguinte:

"Em Inglaterra existe uma verdadeira litteratura para creanças, que tem os seus



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

classicos e os seus inovadores, um movimento e um mercado, editores e genios—em nada inferior á nossa litteratura de homens sisudos. Aqui, apenas o bebé começa a soletrar, possui logo os seus livros especiaes: são obras adoraveis, que não contém mais de dez ou doze paginas, intercaladas de estampas, impressas em typo enorme, e de um raro gosto de edição. Ordinariamente o assumpto é uma historia, em seis ou sete phrases, e decerto menos complicada e dramatica que O Conde de Monte-Christo ou Nana; mas emfim tem os seus personagens, o seu enredo, a sua moral e a sua catastrophe."

"O que se faz ás vezes é animar de uma vida ficticia os companheiros inanimados da infancia: as bonecas, os polichinellos, os soldados de chumbo. Conta-se-lhes, por exemplo, a tormentosa existencia d'uma boneca honesta e infeliz: ou os soffrimentos por que passou em campanha, n'uma guerra longinqua, uma caixa de soldados de chumbo. Esta litteratura é profunda. As privações de soldados vivos não impressionariam talvez a creança—mas todo o seu coração se confrange quando lê que padecimentos e miserias atravessaram aquelles seus amigos, os guerreiros de chumbo, cujas bayonetas torcidas ella todos os dias endireita com os dedos: e assim póde ficar depositado n'um espirito de creança um justo horror da guerra.

As lições moraes que se dão d'este modo são innumeraveis, e tanto mais fecundas quanto sahem da acção e da existencia dos seres que ella melhor conhece—os seus bonecos.

Depois vêm ainda outros livros para os leitores de doze a quinze annos: popularisações de sciencias; descripções dramaticas do universo; estudos captivantes do mundo das plantas, do mar, das aves; viagens e descobertas; a historia; e, emfim, em livros



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

de imaginação, a vida social apresentada de modo que nem uma realidade muito crua ponha no espirito tenro securas de misanthropia, nem uma falsa idealização produza uma sentimentalidade morbida."

E continua:

"Pois bem; eu tenho a certeza que uma tal litteratura infantil penetraria facilmente nos nossos costumes domesticos e teria uma venda proveitosa. Muitas senhoras, inteligentes e pobres, se poderiam empregar em escrever essas faceis historias: não é necessario o genio de Zola ou de Thackeray para inventar o caso dos tres velhos sabios de Chester. Ha entre nós artistas, de lapis facil e engraçado, que commentariam bem essas aventuras n'um desenho de simples contorno, sem sombras e sem relevo, lavado a côres transparentes... E quantos milhares de creanças se fariam felizes, com esses bonitos livros— que, para serem populares e se poderem despedaçar sem prejuizo, devem custar menos de um tostão!".

Nesta carta encontramos muitos dos preconceitos que persistem até hoje sobre literatura infanto-juvenil e prendem-se, precisamente, com a instrumentalização da literatura quando esta é para crianças, uma concepção pela qual não podemos querer mal a Eça, mas poderemos apontar como uma lacuna a alguém que se mova no mundo da literatura nos dias de hoje. Se alguns desses preconceitos já poderíamos discutir com o grande Eça, para o contrariar, outros, os que se prendem com os para-textos de uma obra, ou os que dizem respeito às características das personagens, dizendo-se elementos adequados ao leitor-modelo e implícito, organizado pelas idades, muito nos servem ainda para dedicarmos um outro olhar, mais preciso e especializado, à literatura infanto-juvenil e



## **LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS: A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

percebermos a importância desta adjectivação. E é precisamente esta adjectivação (infanto-juvenil) que nos permitirá falar da importância da investigação neste subsistema literário para o lugar dos estudos literários, hoje, na sociedade.

É precisamente porque nos estudos literários nos dedicámos a estudar a literatura para a infância e juventude que estaremos em condições de suscitar, não a pergunta que tem respostas múltiplas – o que é a literatura? - inclusivamente em função dos gostos, sempre justificados, mas as perguntas que um potencial leitor de literatura se colocará para decidir se o que leu, por prazer e lazer, é ou não é literatura.

Esse leitor empenhado, mas ocioso (por oposição ao leitor que profissionalmente se dedique aos estudos literários e à literatura para a infância e juventude) tenderá a julgar a obra em função do seu conceito de infância ou adolescência, mais do que a preocupar-se com a literariedade que tanta tinta fez correr entre os teóricos do século XX, e que Eça resume à genialidade. Aliás, é isto mesmo que nos diz Zohar Shavit, nome incontornável neste campo de estudos, quando escrevia em *Poética da Literatura para Crianças*: "(...) as bibliotecas para crianças dos séculos XVIII, XIX e XX contêm os mesmos títulos, mas quando se abre os livros torna-se bastante evidente que os conteúdos variam consideravelmente. O que de facto conta é o modo como a infância é entendida pela sociedade, pois são as percepções da sociedade que em larga medida determinam o que é que realmente se encontra entre a capa e contracapa."

Ora, a estas percepções não estão imunes os grandes autores de literatura que, num ou noutro momento da sua vida, dedicaram algum do seu tempo a pôr a sua arte ao alcance dos leitores infanto-juvenis. Nesses exercícios, que é o que sinceramente podemos chamar a



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

estes casos pontuais dos grandes nomes, poderemos talvez encontrar as mesmas dúvidas dos que, sem retórica, lançam a pergunta "o que é um bom livro para crianças?".

Foi esta a hipótese que nos colocámos e cuja experiência aqui apresentamos, ensaiando alguma análise. Hipótese resultante não apenas de leituras de obras e estudos sobre obras dedicadas aos mais novos, mas do contacto com quem quer trabalhar literatura com os mais novos. Por trabalhar entenda-se preparar as obras e a melhor forma de serem aproveitadas pelas crianças e adolescentes, activando-lhes o sentido estético, mas também incentivando a, partindo da estética, pensar o seu lugar no mundo, experiência filosófica que acciona a ética e a política como mais dois sentidos para sentir o mundo.

A Eça de Queirós já lhe parecia particularmente eficaz activar o sentido lúdico, quer quando falava do efeito pelo cómico, quer quando falava do efeito pelo trágico que acontece a brinquedos e não a pessoas. Hoje sabemos que nem só de riso, nem de brinquedos, se faz a literatura para a infância e juventude. Hoje sabemos que não há temas impossíveis nesta literatura, também porque as crianças e jovens de hoje não têm o mesmo lugar na sociedade que tinham no tempo do Eça.

Vamos, então, falar de três nomes maiores da literatura portuguesa. São três homens que tendo escrito para adultos, em determinada altura das suas vidas fizeram um desvio e dedicaram um texto, ou deixaram que assim se fizesse, a um leitor implícito criança, texto que passou a integrar o subsistema específico da literatura infanto-juvenil. São eles Vergílio Ferreira (1916-1996), José Saramago (1922-2010) e António Lobo Antunes (1942). Não é um trio, nem uma tríade, mesmo tendo-se conhecido e sendo contemporâneos, já que nem as histórias do relacionamento pessoal entre eles nos permite



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

considerá-los um conjunto. São conhecidas as desavenças registadas entre Lobo Antunes e Vergílio Ferreira, entre Lobo Antunes e Saramago, tal como as tensões entre Saramago e Vergílio Ferreira. Feita a advertência, vamos então partir de três contos que estes autores gigantes dedicaram, ou não se importaram que dedicassem, aos mais pequenos: *A Estrela* de Vergílio Ferreira (1972), *A Maior Flor do Mundo* de Saramago (2001) e *A História do Hidroavião* de Lobo Antunes (1994). Começemos por Vergílio Ferreira.

**Vergílio Ferreira: não se é só mais uma estrela no céu**

Como também a investigação actual em literatura para a infância e juventude já conseguiu provar, e até condicionará autores nossos contemporâneos nesse sentido, todos os temas podem ser abordados em livros infantis, seja a morte, a pobreza ou a hipocrisia social, como é o caso *em A Estrela*.

Por outro lado, e num outro sentido, o próprio Vergílio Ferreira escreveu na introdução ao volume *Contos* que: "Escrever contos foi-me sempre uma actividade marginal e eles relevam assim um pouco da desocupação e do ludismo. E se um conto (como uma cerâmica ou uma gravura) bem realizado excede em importância um mal realizado romance (ou um quadro a óleo), será sempre um conto, ao que julgo, de uma dimensão menor que a de um romance. Entendo por dimensão a estrutura básica de um género ou forma estética que envolva determinadas possibilidades artísticas e humanas."

Actividade pontual como contista *versus* labor de uma vida de romancista, ao autor parece preocupar relativizar o valor do texto pela dimensão do género em que o escreve e não para quem o escreve.



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Em 1972, Vergílio Ferreira publica uma colectânea de dispersos, *Apenas Homens*, onde se encontra o texto "A estrela". Em 1988, a editora Quetzal publica-o em separado, ilustrado por Júlio Resende (1817-2011), figura maior da pintura portuguesa, e confere-lhe assim uma dimensão para-textual própria de livro infantil. O conto inicia com uma ligação magistralmente feita entre o título e o conteúdo: "Um dia, à meia-noite, ele viu-a. Era a estrela mais gira do céu, muito viva, e a essa hora passava mesmo por cima da torre. Como é que a não tinham roubado? Ele próprio, Pedro, que era um miúdo, se a quisesse empalmar, era só deitar-lhe a mão."

O enredo anuncia-se ali, a par do elemento sempre fantasioso, ou maravilhoso, facilmente conotado com o universo cultural infantil, de tornar literariamente possível o naturalmente impossível. Por se tratar de um livro para jovens leitores, talvez se espere desde o princípio que o final possa ser feliz, que quem rouba aprenda uma lição que lhe sirva para o resto da vida. Mas mesmo terminando com o gesto de reparação do crime, Pedro, a personagem principal, não escapa à morte e toda uma aldeia que, pelas piores razões se uniu para o julgar, remete-se a um silêncio mais de remorso que de luto. Vergílio Ferreira e o existencialismo não cedem nem um milímetro face a um jovem leitor que procure esperança numa acção de arrependimento.

Não há uma moral da história para crianças, há uma lição de e para a vida que todos, sem idade definida, têm oportunidade de ir aprendendo na leitura atenta do texto completo. Porque é na caracterização, mais ou menos breve ou demorada, das personagens, seja directamente pela descrição do narrador, seja pelo discurso directo ou interior que enunciam, que vamos colhendo retratos de indivíduos que, aconchegados à



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

moral colectiva e hipócrita, empurram o pequeno Pedro de sete anos para a morte. Vejam-se esses retratos nos exemplos do texto, quando a população da aldeia se dá conta de que a estrela tinha sido roubada e todos acabam por exigir que o ladrão seja apanhado. Atente-se no tom de escárnio que as frases deixam passar, onde as caricaturas aparecem nos nomes próprios e nas alcunhas das personagens, como definições que cada uma das personagens encarna da hipocrisia social:

"Ninguém tinha dado conta do roubo a não ser ele, porque as pessoas, como tinham de trabalhar, quando era a altura de as estrelas acordarem, era também a altura de elas estarem a dormir. E mesmo que não estivessem ainda a dormir, não tinham tempo de reparar nas estrelas, porque tinham de reparar noutras coisas. Mas o velho não podia já trabalhar e também não tinha sono. De maneira que, para ir passando a noite, que levava mais tempo a passar que o dia, gostava às vezes de se pôr a olhar as estrelas. E foi assim que deu conta do roubo. (...) E o Sr. António Governo, que era muito importante lá na aldeia por ser muito rico e gostava de ser popular até onde, evidentemente, a coisa não metesse chatices, pôs-se logo ao lado da opinião de toda a gente e chegou mesmo a dizer:

- Olha eu agora a ralar-me por causa de uma estrela. O que mais falta são estrelas. Por mim podiam levá-las todas que não perdia o sono.

Mas aqui o Cigarra [o velho] bateu o pé, que por sinal era bem grande:

Isso é que não, senhor Governo. (...)." ."

E mais adiante:

"A mãe do Pedro, a bem dizer, tanto se lhe dava como se lhe deu que tivessem levado a estrela. À primeira porque havia muitas e queixar-se alguém assim era como se se



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

queixasse de lhe roubarem uma azeitona. À segunda porque só as olhava no Verão, quando vinha para a porta a tomar um pouco de ar. Ou nem as olhava, já tinha visto, não era preciso ver outra vez. Quanto ao pai até se ria – estaria tudo maluco? (...). Mas como não gramava o Governo por ter muita proa e sobretudo razão para a ter, e como por outro lado devia favores ao velho que até fora padrinho da mãe, lá ia perguntando também quem teria sido o sacana que empalmara a estrela."

Para, a caminho do desfecho, o texto continuar:

"E como o António Governo gostava de dar bons exemplos, chamou o filho para ser um homem e ir pôr a estrela no seu lugar. (...) O filho do Governo, ou porque não acreditasse nessa história de queimadura, ou porque se esquecera já dessa história, ou porque estava com pressa de ser homem, deitou a mão à estrela. Mas logo largou um urro, enquanto largava também a estrela, porque aquilo queimava que nem o fogo do inferno. Pedro apanhou logo a estrela a ver se se tinha partido. Foi quando o pai dele se adiantou com um braço no ar a pedir silêncio a toda a gente. E toda a gente lhe deu o silêncio que ele pedia. Então ele disse:

- O meu filho é que tirou a estrela, o meu filho é que a deve lá ir pôr.

Toda a aldeia achou bem. Que aquilo é que era um pai. Que aquilo é que sim. Pedro ia ouvindo tudo sem ter opiniões, que também lhe não pediam. E muito calmo, com a estrela nas mãos, meteu pela porta da torre. (...)

De modo que, ao verem a estrela finalmente no seu sítio, largaram todos o "ah" que competia mas que saiu como um urro (...). Nem mesmo repararam que assim que foi posta no seu lugar, a estrela começou logo a brilhar menos, embora brilhasse muito."



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Por outro lado, o texto parece dar a possibilidade de se explorar a banalizada metáfora da pessoa querida que, depois de morta, se transforma em mais uma estrela no céu. Jorge Luís Borges trata estas possibilidades poéticas numa das brilhantes conferências que se reúnem na obra *Este Ofício de Poeta* (compilação editada em 2000). A propósito da "metáfora", e referindo-se a vários sentidos de noite e de estrelas, Borges, em 1967, afirmava: "(...) se entramos no pensamento abstracto temos de esquecer que as palavras são metáforas. Temos de esquecer, por exemplo, que na palavra "considerar" há uma sugestão astrológica – originalmente, "considerar" significava "estar com as estrelas", "fazer um horóscopo". Devo dizer que o que é importante na metáfora é o facto de ser sentida pelo leitor ou ouvinte como metáfora."

Confrontemos a nossa leitura com o que escreve a investigadora Isabel Cristina Rodrigues, quando nos alerta para um elemento para-textual, neste caso o título do texto. Os paratextos são elementos e componentes de um livro a que a investigação em literatura para a infância e juventude tanta importância dá, até porque muitas vezes o *corpus* verbal trabalhado pouco mais se estende do que para além do título e breves intervenções no meio ou à margem da linguagem visual que fala mais alto e é usada para dar a ler/ver o livro ao leitor infantil. Diz assim, Isabel Cristina Rodrigues:

"Os títulos de Vergílio Ferreira são, pois, títulos em viagem constante de um texto a outro, mostrando que as palavras de que se compõem os referidos títulos transportam uma carga simbólica tão forte que não podem esgotar-se em aparições singulares e ultrapassam em fascínio o simples exercício de titulação. Por isso, há títulos que se repetem porque há obsessões que se mantêm e, mesmo que seja para excluir depois, os títulos pertencem



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

efectivamente aos textos a que aparecem associados, tal como nos pertencem roupas e objectos que já não usamos mas de que não ousamos desfazer-nos.". Mas, como continua a investigadora é, para além dos títulos que transitam de um género menor para outro maior, o sentido do trágico que percorre toda a obra de Vergílio Ferreira, mesmo nos exercícios de quase depuração das linhas essenciais com que se desenha esse trágico, os exercícios de escrita dos contos, como este *A Estrela*.

Exercício preparatório ou texto com direito a livro único próprio, ilustrado com uma qualidade inquestionável, o que se escolheu para dar a ler aos mais novos de Vergílio Ferreira não fica em nada a dever ao que o autor escreveu para leitores adultos. É ainda e sempre a visão trágica da vida, a criança sacrificada pelo adulto, num texto destacado dos outros, estamos em crer que muito por causa também da personagem infantil - a que também serve para se dar a ler Vergílio Ferreira aos mais novos -, mas de onde saem retratos muito mais interessantes de uns adultos puerilizados. *A Estrela* ensina-nos que a literatura não está só nos enredos, nos heróis, nas personagens principais virtuosas. Está nos retratos de ambientes, de figurantes, em vozes que se cruzam como se preexistissem ao momento em que excertos são fixados num texto breve com a precisão necessária para que tudo faça sentido: personagens, enredo e compreensão leitora.

Fazendo já a passagem para José Saramago, e para outro menino, desta vez um herói de longa e festejada vida, que também teve as suas hesitações e angústias, é no dentro do próprio texto literário - meta-referência com a ironia dos pós-modernos - que a compreensão leitora também se explica: "Em certa altura, chegou ao limite das terras até onde se aventurara sozinho. Dali para diante começava o planeta Marte, efeito literário de



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

que ele não tem responsabilidade, mas com que a liberdade do autor acha poder hoje aconchegar a frase. Dali para diante, para o nosso menino, será só uma pergunta sem literatura: "Vou ou não vou? E foi".

José Saramago: quem conquista o amanhã não tem nome próprio

O herói anónimo de Saramago em *A Maior Flor do Mundo* só poderia ter um texto literário à sua altura se fosse uma epopeia. Ora, nem Saramago nem a época em que escreveu são dados a epopeias. Mais, como lemos na sua confissão quase peritextual (há nesta obra uma espécie de prefácio e uma espécie de posfácio que a integram), Saramago nem sequer é dado a escrever histórias para crianças, remetendo esse assunto para um baú, até de frustrações: "Que me seja desculpada a vaidade se eu até cheguei a pensar que a minha história seria a mais linda de todas as que se escreveram desde o tempo dos contos de fadas e princesas encantadas... Há quanto tempo isso vai!"

*A Maior Flor do Mundo* é muito mais do que um texto literário para ser lido por crianças, sem mais "porquês", nem "para quês". É um pequeno manual sobre linguagem literária, talvez até sobre as questões levantadas na disciplina de tradição norte-americana, a escrita criativa. É um texto feito por quem sabe desse ofício de ser escritor de literatura e o revela aos seus leitores. Saramago não finge que sabe escrever a pensar neste ou naquele leitor, mesmo sabendo nós que se escreve sempre para alguém e nunca, nem poesia, só para si mesmo.

Os ilustradores João Caetano e André Letria, bem como Diego Mallo que trabalha, na curta animada da obra, com o realizador Juan Pablo Etcheverry, a que se junta o músico de



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Emilio Aragón, ilustradores que já leram este texto e publicaram as suas "leituras", captam bem a definição de texto híbrido, entre o ficcional e o documental, que propomos. Se o filme e João Caetano incluem Saramago dentro do livro e da história (o filme tem como única voz a voz-*off* de Saramago e tem-no como personagem numa inteligente adaptação), André Letria joga com o lápis e o caderno, **objectos** que substituem e representam o escritor, a par da "tinta vegetal" que surge na primeira e nas penúltima e última duplas páginas. Estamos, pois, perante o que poderíamos classificar em literatura também para a infância e juventude como não-ficção. Até por isso, este texto nos ajuda na defesa de uma de entre outras afirmações que podemos assegurar em estudos literários: "nem toda a literatura é ficção e nem toda a ficção é literatura".

Este texto de Saramago não nos deixa entrever nele o Saramago dos adultos, mas laivos, pinceladas de um mestre da palavra literária, com pausas muito bondosas para explicar ao jovem leitor que o poder da palavra é tão importante como a beleza de uma flor e como crescer em liberdade e responsabilidade, para além dos limites que tantas vezes nos impõem. Saramago, neste texto, põe em realce, num exercício de quase humildade, as vertentes estética e política do saber-fazer literário. E chega, inclusivamente, ao pré-conceito comum de quem fala de literatura para a infância e juventude: da necessidade de uma moral da história, de uma lição a retirar.

Ao contrário das duas opções, também diferentes entre si, de Vergílio Ferreira e de António Lobo Antunes, como veremos a seguir, há neste texto, muito mais uma evocação de uma infância que poderia ter sido a do próprio Saramago. É também disto que se faz, não apenas a literatura para a infância e juventude, mas toda a literatura: evocação da



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

memória, representação do que já foi e se torna presente pela palavra literária e a (re)criação de um mundo. História ou cosmogonia, história como revisitação de um mundo já ausente e cosmogonia como criação de um mundo novo. Entre a memória e a criatividade.

Como referimos, Saramago não deixa de, com este esboço de uma espécie de parábola, não sem um herói individual que, não tendo nome, podemos ler como símbolo de futuro, representar uma geração, que reativa outro símbolo: o de uma flor que representa, como os cravos da Revolução de Abril representaram, um tempo novo. O filme animado capta muito bem este sentido no final, quase como num filme de ficção científica: um colectivo que parece prestar homenagem a uma enorme flor. Não estaremos a tresler o texto se o lermos como um apelo à construção dos "amanhãs" que os hinos comunistas cantam, o que é perfeitamente coerente com a história de vida de Saramago. Com *A Maior Flor do Mundo* aprendemos que a literatura se faz de contextos e peri-textos e epi-textos que nos ajudam a entender o texto, não só como concretização de uma linguagem literária, mas como objecto cultural, produto de correntes de pensamento em que o estético se relaciona com o político e o social. E isto também é educação literária.

Não gostaríamos de terminar ....José Saramago sem fazer referência a uma edição de um texto do autor de 1973 que ganhou, 40 anos depois, um formato considerável para dedicar-se a um leitor infantil: trata-se de "O Lagarto", um conto breve incluído num volume intitulado *A Bagagem do Viajante* que reuniu as crónicas escritas por José Saramago para um jornal diário nacional e outro regional, portugueses. A história narra o aparecimento no Chiado de um misterioso lagarto, cuja presença surpreende toda a gente e mobiliza a



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

intervenção dos bombeiros, do exército e até da aviação. Num estilo que podíamos qualificar como claro e preciso, esta fábula, que fala de uma flor que ganha asas, oferece uma pluralidade de sentidos que podem ser lidos por leitores de todas as idades. Esta edição conta ainda com umas magníficas xilogravuras de J. Borges, um artista, e poeta brasileiro, conhecido pelos seus folhetos de cordel, natural de Pernambuco, onde nasceu em 1935 na cidade de Bezerros. E não deixa de ser curioso, quase como se de um fenómeno cultural se tratasse, que se tenha criado assim, mesmo após a sua morte, uma espécie de poética da literatura saramaguiana para a infância.

Da criança como indivíduo, no existencialista Vergílio Ferreira, passando pelo menino que sai da sua zona de conforto para ajudar a fazer o futuro representando uma nova geração, chegamos ao texto de António Lobo Antunes, onde não encontramos, espantemo-nos, nenhuma personagem infantil.

António Lobo Antunes: há lugares onde a infância não deve viver (mas pode saber que existem)

Nunca se ouviu ou leu uma palavra significativa do próprio António Lobo Antunes sobre este livro, que tem ilustrações do músico e cantor Vitorino. Editado pela primeira vez em 1994, integra também, como os outros, as listas do Plano Nacional de Leitura e tem sido alvo de referências precisamente por sair dos critérios generalistas que definem as obras que cabem dentro do subsistema da literatura para a infância e juventude.

Rita Simões, num artigo em que trata este texto como um conto exemplar da relação ler-educar, coloca a questão mais óbvia a quem tem estes pré-conceitos habituais: "Se por



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

um lado, observando os aspectos paratextuais, nos deparamos com características próprias de uma literatura para a infância, como sendo a composição gráfica da capa, um número reduzido de páginas, o formato do livro ou o tipo de ilustrações que nele encontramos, por outro lado, somos, de um certo modo, surpreendidos pela temática. Os sentimentos e emoções daqueles que abruptamente foram obrigados a voltar à metrópole escondem-se nas entrelinhas de cada uma das páginas mas logo se mostram a cada acto e a cada fala das personagens. A pobreza, a miséria, a nostalgia, a sujidade, aparecem e desaparecem conforme o protagonista alterna entre o presente e o passado, a tristeza e a euforia, Lisboa e Luanda, respectivamente."

Legitima-se esta sua inclusão com a questão do duplo-destinatário na literatura para a infância e juventude, que Zohar Shavit marca como axioma, não sem, de facto, se constituir como um elemento de estranhamento no subsistema. E é essa estranheza que, mais uma vez, nos leva a elevar a investigação em literatura para a infância e juventude a território fértil também para a centralidade do papel dos estudos literários na educação literária. Se este texto não quebra horizontes de expectativa a quem o encontra na biblioteca da literatura infantojuvenil portuguesa, não saberemos que outro quebrará.

Ana Margarida Ramos (2003) já chamou a atenção para como este texto permite o contacto dos mais novos com a literatura pós-colonial, com a realidade histórica do retorno das ex-colónias que, a partir de 1975 constituiu uma questão social, política e, acrescentaríamos agora, humanitária, em Portugal. Realçou na linguagem de António Lobo Antunes e no uso da gramática da língua portuguesa, o sentido de abandono e desesperança a que foram deixados milhares de pessoas.



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

Vejamos alguns excertos:

"De forma que estava o homem diante de casa, às voltas com ases e manilhas, e sentado ao lado dele, num balde ao contrário, um cego de óculos de mica. Muito direito, atento com os ouvidos que é como os cegos vêem, a enrolar uma mortalha com deditos de croché, e mal os sons rareavam, sinal de que o homem hesitava a pensar, o cego perguntava logo, inquieto:

- - Como é Lisboa, Artur?" (pp. 11-12)

"(...) e o homem, de gola levantada por causa das trações da bronquite, a pensar que ele e o baralho se achavam em Portugal há três semanas no mínimo: do andar na Amadora que umas senhoras de fita ao pescoço lhe prometeram no aeroporto nem sombra, e nisto o cego, curioso, a chupar o cigarro, numa voz que se confundia com os grilos:

- - Como é Lisboa, Artur?" (p. 14)

"E como se não bastasse a barraca, a fome e o ventinho das gripes, o cego muito direito, embrulhado no tabaco e nos óculos de mica, a insistir, na vozinha de grilo:

- Como é Lisboa, Artur?" (p. 15)

"Um indiano de sandálias tinha acendido um candeeiro de petróleo num contentor tombado, feito um balcão com caixotes, colado um cartaz com a equipa do Belenenses na ferrugem, vendia fiado gasosas e cervejas mornas, à espera que os clientes recebessem o subsídio do Governo, e o cego na dele:

- Como é Lisboa, Artur?" (p. 15)

"O cego era criatura de adereços, possuía uma bengala de metal que se encolhia e aumentava como os metros articulados dos carpinteiros, e nas raras ocasiões em que se



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

levantava do balde caminhava de queixo ao alto, varrendo os passos com aquela espécie de antena: ia do balde à arrecadação ali perto, em que escondia um cobertor, e como, por assim dizer, era sempre noite para ele, a bengala impedia-o de esbarrar em algerozes e de tombar em valados. Talvez fosse o único, dos que chegaram de África, capaz de caminhar na cidade, seguindo a haste mágica que devia ter um mapa das ruas no castão. Se quisesse ia de certeza de Cabo Ruivo à Amadora (é um exemplo) sem uma hesitação para amostra, pelo que o do baralho não entendia a pergunta, soprada, com o ventinho da tarde, nos intervalos das cartas.

- Como é Lisboa, Artur?" (pp. 19-20)

Como vemos, este texto retoma o que reconhecemos como a voz de Lobo Antunes: os discursos directos repetitivos a darem voz a pensamentos obcecados e obsessivos, questionando o concreto não só em busca da resposta rápida e directa, mas essencialmente, as respostas para os destinos de uma certa espécie de gente que procura adaptar-se a um meio – social, familiar, psicológico – de que se sente alheada, estranha, e até expulsa. Uma repetição que, não podemos ignorar, tantas vezes caracteriza o discurso infantil da idade dos porquês.

Os adultos, fora do lugar em que desejavam estar – as memórias de uma África tornada paradisíaca pelo contraste com a quebra que a realidade ofereceu às expectativas do regresso a uma metrópole – são apresentados e discorrem sobre o seu quotidiano, como crianças que brincam: o jogo das cartas, as vendas de um negócio sem lucro, as perguntas e as promessas pueris. O texto aparece-nos quase como uma lenda, das antigas que se contam a propósito de um costume ou de uma marca curiosa na paisagem. Aqui, é a



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

propósito de um hidroavião abandonado – um monstro de aço que atravessa mares a ligar terras, como dragão maravilhoso ou cavalo alado – que se constrói não a história do mesmo, como o título pode sugerir, e sobre o qual a criança até ficará a querer saber mais, mas a história de muitos "retornados" da descolonização, contando-se a história de Artur.

Artur é o nome da personagem principal que constrói a história do hidroavião a partir da sua condição – um retornado sem esperança, como outros que se retratam e de que se conta uma história colectiva no início do texto -, mas impulsionado pela condição do cego que, curioso apesar da sua condição de cego, queria saber como era Lisboa. E pelo desprezo acomodado de um indiano vendedor de produtos de venda ambulante, mas sedentarizado. Artur, como o herói homónimo que foi rei de terra gasta, parte para uma outra Avalon, lugar mítico de quem continua a ser já não sendo, mas livre do peso de estar amarrado a um lugar que também não é o seu.

Artur é o retrato de quem perdeu o que tinha para procurar, em vão e em "rebanho", o que acrescentaria mais ao que já tinha, acabando por perder tudo, apenas alimentando de histórias um folclore que não é já o seu. Avalon é, não esse lugar desconhecido, mas um trajecto imaginado de quem perdeu o que tinha (o reino e a rainha), sem destino conhecido, como a viagem imaginada do hidroavião. Artur é uma espécie de Encoberto que leva consigo um cego curioso como testemunha, o que talvez diminua esse mito que alguns assumem representar uma certa portugalidade.

O leitor infantil não saberá fazer esta leitura, mas este Encoberto desgraçado entre desgraçados, juntar-se-á aos reis e príncipezinhos que saem de um lugar que as crianças poderão reconhecer, para um não-lugar das possibilidades ainda não esgotadas. Não será



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

um "amanhã que canta", mas também já não é "a barraca, a fome e o ventinho das gripes" insuportáveis (pág. 15).

**Conclusão**

As questões, ou hipóteses que queríamos confirmar, são as que colocámos no título: a importância da investigação em literatura infanto-juvenil como contributo para uma perspectiva de valorização dos estudos literários nas actuais escolas, ou faculdades, de ciências sociais e humanas. Estamos em crer que estes "porquês" que destacámos a propósito de cada obra, ajudam a confirmar as nossas hipóteses. Mas este texto é apenas uma experiência que produzirá conhecimento, mas uma pequena parte para o conhecimento e que defendemos deve alargar-se e multiplicar-se. Ora, a Humanidade procura sabedoria e isso, nós sabemos, não é o mesmo que conhecimento. Como diz uma citação famosa atribuída a um jornalista britânico, e inventor do "franglais", língua fictícia que mistura francês e inglês, o britânico Miles Kington (1941–2008): "Conhecimento é saber que o tomate é um fruto, sabedoria é não o usar na salada de frutas."

É por isso que este texto é também só um desafio, a que se olhe não apenas para os consagrados e para os clássicos, mas sobretudo a percorrerem-se os bons autores, os que conhecem e se dedicam com (quase) exclusividade à literatura para a infância e juventude. E a que se procure neles esse lugar central dos estudos literários, sem o qual não se cumpre a desejada educação literária.



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Antunes, António Lobo. *História do Hidroavião*. Lisboa: Dom Quixote, 2005.
- Borges, Jorge Luís. *Este Ofício de Poeta*. Lisboa: Relógio D' Água, 2017.
- De Man, Paul. "The Resistance to Theory." *Yale French Studies*, no. 63 (1982): pp. 3–20. <https://doi.org/10.2307/2929828>.
- Etcheverry, Juan Pablo "A Maior Flor do Mundo", *online* 2009, <https://vimeo.com/3691184>.
- Ferreira, Vergílio. *Contos*. Lisboa: Bertrand, 1976.
- Ferreira, Vergílio. *A Estrela*. Lisboa: Quetzal, 1988.
- Queirós, Eça de. *Cartas de Inglaterra*. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1905.
- Ramos, Ana Margarida (2003). "Vias da Literatura Infantil Contemporânea: o caso de A história do hidroavião de António Lobo Antunes." In *Rumos da Narrativa Breve*, coord. Maria de Jesus Saraiva, 93-10. Aveiro, Centro de Línguas e Culturas - Universidade de Aveiro, 2003.
- Rodrigues, Isabel Cristina. "Vergílio Ferreira ou a negação do conto". In *Via Atlântica* nº 4 (Dezembro 2003): pp. 130-39. <https://doi.org/10.11606/va.v0i4.49607>.
- Saramago, José. *A Maior Flor do Mundo*. Lisboa: Caminho, 2010.
- Saramago, José. *O Lagarto*. Porto: Porto Editora/Fundação José Saramago, 2016.
- Simões, Rita. "A contar é que a gente se entende. Literatura e educação." In *Actas do Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*, 8, Braga, Portugal, 2005. [CD-ROM], coord. Bento Siva e Leandro Almeida, 229-238. Braga: Centro de Investigação em Educação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2005.
- Shavit, Zohar. *Poética da Literatura para Crianças*. Lisboa: Caminho, 2003.



**LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.**

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**Veloso, Rui Marques e Riscado, Leonor. "Literatura Infantil, brinquedo e segredo." In *Malasartes - Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude* nº 10 (Dezembro de 2002): pp. 26-29. Porto: Campo das Letras.**



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**RESUMO**

Analisa-se casos de autores centrais e canônicos da literatura portuguesa contemporânea que, pontual e esporadicamente, escreveram textos dados a ler, ou propositadamente dirigidos, a leitores infanto-juvenis: Vergílio Ferreira, José Saramago e António Lobo Antunes. Pretende-se realçar a importância da investigação no campo de estudos deste subsistema literário, na perspectiva de definição de literatura como sistema, desenhada por Itamar Even-Zohar. Se as obras neste subsistema se caracterizam pela multimodalidade, ou uso de diferentes linguagens para além da verbal que, muitas vezes, é de ocupação mínima das páginas, a abordagem a partir dos estudos literários não pode, em opinião que se argumentará, nem deixar de relacionar a sua especificidade de análise e interpretação com essas outras formas de comunicação estética, nem deixar que as suas metodologias de criação e leitura secundarizem a arte verbal que, sem polémicas, define, ou vai definindo, o que é literatura.

**PALAVRAS-CHAVE**

Palavras-chave: Literatura para a infância e juventude; leitura literária; investigação em estudos literários; literatura portuguesa contemporânea; educação literária.

**ABSTRACT**

We analyse cases of central and canonical authors of contemporary Portuguese literature who, occasionally and sporadically, wrote texts given to read or purposefully addressed to children and young readers: Vergílio Ferreira, José Saramago and António Lobo Antunes. It is intended to highlight the importance of research in the field of studies of this literary subsystem, from the perspective that defines literature as a system, designed by Itamar Even-Zohar. If the books in this subsystem are characterized by multimodality, or the use of different languages in addition to the verbal one, which often has minimal occupation of the pages, the approach based on literary studies cannot, in the opinion that will be argued, not even fail to relate its specificity of analysis and interpretation with these other forms of aesthetic communication, nor to let their methodologies of creation and reading give second place to the verbal art that, without controversy, defines or goes on defining what literature is.

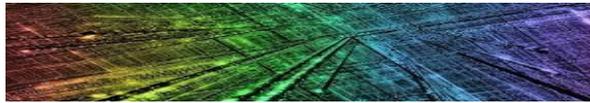
**KEYWORDS**



***LER LITERATURA NA IDADE DOS PORQUÊS:  
A IMPORTÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO EM LITERATURA PARA A  
INFÂNCIA E JUVENTUDE A PARTIR DOS ESTUDOS LITERÁRIOS.***

**CLÁUDIA SOUSA PEREIRA  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**Children's literature; literary reading; research on literary studies; contemporary Portuguese literature; literary education.**



# ***O PROGRAMA O FULBRIGHT E AS OPORTUNIDADES QUE OFERECE A INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS, ESTUDANTES, PROFESSORES E INVESTIGADORES PORTUGUESES E AMERICANOS***

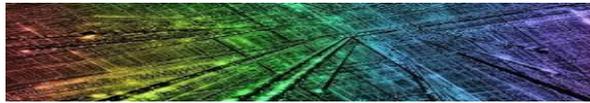
**DORA ARENGA, DORIAN ROSCA, SOFIA WAHNON**

**Comissão Fulbright**

## **Introdução**

**O** Programa Fulbright foi criado por proposta do Senador James William Fulbright após a Segunda Guerra Mundial, com o objectivo de estabelecer um intercâmbio cultural e educacional para estudantes e professores que possibilitasse fomentar a paz e o entendimento mútuo entre os vários países. A legislação que deu origem ao Programa Fulbright foi assinada pelo Presidente Truman na data de 1 de Agosto de 1946, sendo desde então administrado pelo Departamento de Estado e implementado por comissões binacionais ou, onde estas não existem, pelas embaixadas americanas, em 160 países. Em Portugal, o Programa Fulbright foi estabelecido em 19 de Março de 1960, por acordo diplomático assinado entre o embaixador dos Estados Unidos da América em Portugal e o ministro dos Negócios Estrangeiros português. Actualmente, a representação do governo português na direcção da Comissão Fulbright é assegurada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, pelo Ministério da Educação e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

A Comissão Fulbright Portugal tem como intento o desenvolvimento de actividades que incluem: 1) a oferta de oportunidades de intercâmbio para professores, investigadores e estudantes; 2) a disponibilização de orientação e informação de qualidade sobre os sistemas de ensino dos dois países; 3) a organização de iniciativas que potenciem o entendimento mútuo e a partilha de conhecimento. Dada a evolução do ensino e da investigação e o alargamento da cooperação educacional, cultural e científica entre os dois países, o número de bolsas Fulbright atribuídas tem vindo a aumentar. Com uma maior paridade no financiamento por ambos os governos e graças a parcerias com instituições



## ***O PROGRAMA O FULBRIGHT E AS OPORTUNIDADES QUE OFERECE A INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS, ESTUDANTES, PROFESSORES E INVESTIGADORES PORTUGUESES E AMERICANOS***

**DORA ARENGA, DORIAN ROSCA, SOFIA WAHNON**

**Comissão Fulbright**

públicas e privadas, para o ano académico 2022/2023, a Comissão Fulbright prevê atribuir cerca de 40 bolsas para portugueses irem para os EUA e 30 bolsas para americanos virem para Portugal.

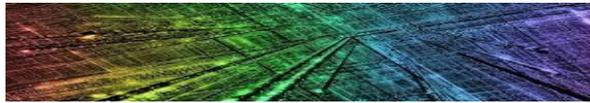
### **Programa Fulbright para Estudantes, Professores e Investigadores Portugueses**

As bolsas de estudo do Programa Fulbright destinam-se quer aos estudantes pós-licenciados que tenham sido admitidos no primeiro ano de um programa de mestrado ou de doutoramento de uma universidade acreditada nos EUA, quer também a estudantes e a professores e/ou investigadores doutorados que, no âmbito da sua formação e atividades académicas, pretendam realizar um período de investigação numa instituição de ensino superior ou num centro de investigação norte-americano, em todas as áreas científicas e ramos do saber.

A acrescer à disponibilidade de bolsas em todas as áreas, é de notar ainda que, para ao próximo ano académico de 2022/2023, a Comissão Fulbright definiu as seguintes áreas prioritárias para o estabelecimento de parcerias e de novos projectos e actividades:

- Alterações Climáticas e Sustentabilidade
- Interações Tecnológicas (Cibersegurança, Ciência de Dados e Inteligência Artificial)
- Oceano, Espaço e Energia
- Crescimento Económico e Resiliência
- Migrações e Refugiados
- Saúde Pública e Ciências da Vida

Os concursos para Portugueses abrem anualmente em Dezembro e decorrem até ao final do mês de Janeiro, para o ano académico seguinte. O que significa que para o ano académico 2022/2023 os concursos se encontram abertos até final de Janeiro de 2022. O processo de selecção dos candidatos(as) é composto por duas fases: 1) Avaliação curricular e análise dos objectivos do projecto e dos textos de motivação pessoal; e 2) Entrevista com o



## **O PROGRAMA O FULBRIGHT E AS OPORTUNIDADES QUE OFERECE A INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS, ESTUDANTES, PROFESSORES E INVESTIGADORES PORTUGUESES E AMERICANOS**

**DORA ARENGA, DORIAN ROSCA, SOFIA WAHNON**

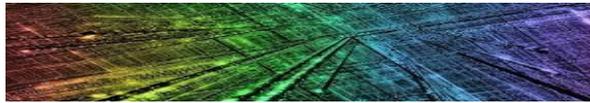
**Comissão Fulbright**

comité de avaliação. Os(As) bolseiros(as) são seleccionados com base no seu *curriculum* académico e profissional, no reconhecimento do seu mérito cívico e, também, na sua capacidade de liderança e vontade de partilhar ideias e experiências com pessoas de culturas diferentes.

Para além dos benefícios específicos das diferentes Bolsas Fulbright, todos os(as) bolseiros(as) portugueses usufruem de um seguro complementar de saúde e acidentes, bem como da emissão dos documentos necessários ao visto e de isenção do respectivo pagamento. Antes da partida para os EUA, poderão contar com o apoio da Comissão Fulbright e a experiência de antigos Fulbrighters numa orientação de *pre-departure*, que tem como objectivo transmitir-lhes recomendações e informações práticas sobre a vida nos EUA e as universidades americanas. Já durante a sua estadia nos EUA, os(as) bolseiros(as) continuarão a ser acompanhados pela Comissão Fulbright e pelo *Institute of International Education (IIE)*, o que lhes proporcionará diversas oportunidades de participação em seminários e outras actividades culturais e científicas organizados pelo Programa Fulbright, ao mesmo tempo que são integrados na rede mundial de bolseiros e bolseiras Fulbright.

Todas as informações referentes às Bolsas Fulbright – requisitos, processo de candidatura e benefícios – podem ser encontradas no *website* da Comissão, em [www.fulbright.pt](http://www.fulbright.pt).

Quando falamos dos benefícios das bolsas do Programa Fulbright, é fundamental reter que a experiência de imersão cultural e a possibilidade de trazer de volta as aprendizagens adquiridas às comunidades locais e ao país de origem do(a) bolseiro(a) é a principal vantagem e a missão dos(as) Fulbrighters: *giving back*, "dar de volta" ou retribuir o que se aprendeu, seja uma nova técnica de ponta ou uma outra visão sobre o mundo,



## **O PROGRAMA O FULBRIGHT E AS OPORTUNIDADES QUE OFERECE A INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS, ESTUDANTES, PROFESSORES E INVESTIGADORES PORTUGUESES E AMERICANOS**

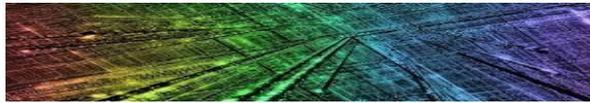
**DORA ARENGA, DORIAN ROSCA, SOFIA WAHNON**

**Comissão Fulbright**

é uma das formas mais genuínas de troca e um dos pilares da sociedade norte-americana, que compreende que todos somos responsáveis por fazer a "máquina funcionar". Simultaneamente e como referiu o atual Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, "[o espírito do Programa Fulbright](#)" encontra-se na rede mundial de Fulbrighters e no contributo que dão enquanto embaixadores culturais do seu país, enquadrado numa perspectiva mais vasta do que é a Diplomacia Pública. É isto que significa, então, *Turning nations into people*, uma das mais célebres frases do Senador J. William Fulbright, que faz do Programa Fulbright um dos grandes patrimónios diplomáticos dos Estados Unidos.

Pelo exposto, ambos os países têm vindo a colher os benefícios deste intercâmbio e com especial relevo Portugal, onde a comunidade científica, cultural e artística gerada pelo Programa Fulbright desempenha um importante papel, patente no desenvolvimento social e económico do país. De facto, todas as semanas e através da *Newsletter* da Fulbright Portugal é possível acompanharmos as contribuições desta vasta rede de *alumni*, que vão desde a Ciência e a Educação, passando pelas Artes e as Tecnologias, até à Política e ao Direito, à Saúde e ao Ambiente. De referir que, da mesma maneira, a lista de bolseiros(as) Fulbright a nível mundial inclui chefes de estado, primeiros-ministros, gestores de bancos centrais, Prémios Nobel, Prémios Pulitzer e gestores de algumas das maiores empresas e organizações mundiais.

Nesta considerável rede de *networking* por meio da qual bolseiros(as) e *alumni* do Programa Fulbright se conhecem, trabalham juntos, estabelecem parcerias e amizades para a vida, surge ainda a Fulbrighters Portugal-Alumni Association, o grupo de *alumni* e bolseiros(as) portugueses que, em 2019, lançou um volume comemorativo sobre o



## **O PROGRAMA O FULBRIGHT E AS OPORTUNIDADES QUE OFERECE A INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS, ESTUDANTES, PROFESSORES E INVESTIGADORES PORTUGUESES E AMERICANOS**

**DORA ARENGA, DORIAN ROSCA, SOFIA WAHNON**

**Comissão Fulbright**

Programa<sup>1</sup>, contando com o testemunho escrito de vários Fulbrighters, alguns dos quais reconhecidos pela sociedade portuguesa nas suas áreas de intervenção. Este volume poderá ser agora acedido no *website* da Revista *Gaudium Sciendi* (Nº 18) da Universidade Católica Portuguesa<sup>2</sup>.

**Programa Fulbright para Estudantes e Assistentes de Língua Inglesa e para Professores, Investigadores e Especialistas Americanos**

A Comissão Fulbright Portugal também oferece aos professores e estudantes americanos diversas oportunidades de estudo, ensino e investigação, pré e pós-doutoramento, em instituições portuguesas.

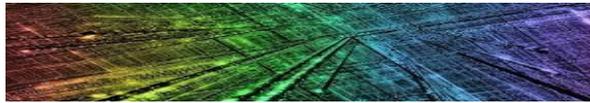
Para estudantes americanos, o *Fulbright US Student Program* permite que jovens que completaram os seus estudos de licenciatura e que se encontram a realizar programas de estudos graduados nos Estados Unidos possam realizar investigação pré-doutoral em instituições de ensino superior portuguesas ou, ainda, estudar ao nível graduado em Portugal durante um ano académico. Estes estudantes podem, igualmente, servir como Assistentes de Língua Inglesa nas instituições de ensino superior portuguesas, onde desempenham a dupla função de fortalecer as capacidades dos alunos locais no domínio da língua inglesa e sobre a cultura dos Estados Unidos da América e, ao mesmo tempo, melhorar os seus próprios conhecimentos da língua e cultura portuguesas.

---

<sup>1</sup> *Programa Fulbright-Volume Comemorativo*, Maria Laura Bettencourt Pires (Coord.), Lisboa: Edições Colibri, 2019 ISBN 978-989-689-847-2

<sup>2</sup> Revista electrónica da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, *Gaudium Sciendi*, Nº 18, Junho 2019.

[https://www2.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl\\_ctr.asp?sspageID=3584&artigoID=43039&lang=](https://www2.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_ctr.asp?sspageID=3584&artigoID=43039&lang=)



## **O PROGRAMA O FULBRIGHT E AS OPORTUNIDADES QUE OFERECE A INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS, ESTUDANTES, PROFESSORES E INVESTIGADORES PORTUGUESES E AMERICANOS**

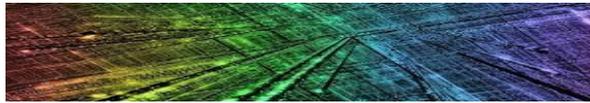
**DORA ARENGA, DORIAN ROSCA, SOFIA WAHNON**

**Comissão Fulbright**

Já as bolsas Fulbright para professores americanos, o *Fulbright US Scholar Program*, colocam professores e investigadores americanos em instituições de ensino superior, centros de investigação e outras instituições ou organismos portugueses, onde poderão desenvolver actividades de ensino ou investigação. Estas bolsas contribuem muitas vezes para colaborações duradouras entre os académicos americanos e os seus colegas portugueses nas instituições de ensino superior e centros de investigação que os acolhem e que resultam em projectos conjuntos entre instituições nos dois lados do Atlântico.

Faz também parte do portefólio da Comissão Fulbright Portugal o *Fulbright Specialist Program*, um apoio a projectos de curta duração para a vinda de académicos ou profissionais americanos, especialistas em determinada área do conhecimento, para instituições de ensino superior, de investigação, culturais, organizações não governamentais ou associações cívicas portuguesas, no sentido de desenvolver projectos de curta duração, entre 2 e 6 semanas. As actividades desenvolvidas ao abrigo do *Fulbright Specialist Program* poderão ter a ver com a apresentação de palestras e seminários, com a colaboração em projectos de investigação ou ainda com a consultoria no âmbito de projectos de desenvolvimento curricular. Pretende-se que os empreendimentos a desenvolver estejam alinhados com o compromisso da Comissão para com a Diversidade, Inclusão e Sustentabilidade, sendo privilegiadas as actividades nestas áreas definidas como prioritárias pelo seu Conselho Diretivo.

É de realçar ainda as parcerias que a Comissão Fulbright tem vindo a estabelecer com instituições portuguesas de ensino superior e de investigação para a atribuição conjunta de bolsas para a vinda de professores e investigadores americanos, o que permite aumentar o número de académicos que escolhem Portugal para realizar os seus projectos, ao mesmo tempo que fortalece os esforços de internacionalização por parte das instituições



## **O PROGRAMA O FULBRIGHT E AS OPORTUNIDADES QUE OFERECE A INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS, ESTUDANTES, PROFESSORES E INVESTIGADORES PORTUGUESES E AMERICANOS**

**DORA ARENGA, DORIAN ROSCA, SOFIA WAHNON**

**Comissão Fulbright**

portuguesas. A produção e o desenvolvimento do conhecimento que decorrem destas parcerias ocorrem em áreas tão distintas como a Ética em Inteligência Artificial, Ciências Marinhas, Direito e Sustentabilidade, Espaço, Atmosfera, Oceanos, Energia e Alterações Climáticas, Gestão ou Ciências da Comunicação.

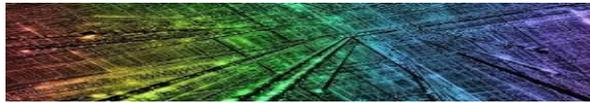
**Serviço de Aconselhamento EducationUSA-Portugal e Programas Especiais**

Para além das bolsas para Portugueses e Americanos, a Comissão Fulbright Portugal oferece ainda um serviço gratuito de orientação educacional no âmbito da EducationUSA, uma rede do Departamento de Estado norte-americano destinada à promoção e informação sobre o ensino superior norte-americano e cuja missão é fornecer informação correcta, completa, actualizada e imparcial sobre instituições de ensino superior acreditadas nos EUA.

Nesta sequência, a Comissão Fulbright oferece dois programas *online* de apoio gratuito e abertos a estudantes de todo o país:

- O *COMPETITIVE COLLEGE CLUB* (CCC), um programa destinado a preparar estudantes do ensino secundário no 11º ano para a candidatura a licenciaturas em universidades norte-americanas.
- O programa *PATHWAY TO GRADUATE SCHOOL*, que tem como objectivo ajudar estudantes altamente motivados a submeter candidaturas competitivas a programas de mestrado ou de doutoramento de instituições de ensino superior nos EUA. Este programa destina-se a estudantes que já terminaram ou que se encontrem no último ano das suas licenciaturas.

Os interessados em obter mais informações sobre estudos nos EUA poderão marcar uma sessão de orientação individual à distância, através do e-mail [fulbright@fulbright.pt](mailto:fulbright@fulbright.pt),



## **O PROGRAMA O FULBRIGHT E AS OPORTUNIDADES QUE OFERECE A INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS, ESTUDANTES, PROFESSORES E INVESTIGADORES PORTUGUESES E AMERICANOS**

**DORA ARENGA, DORIAN ROSCA, SOFIA WAHNON**

**Comissão Fulbright**

a fim de esclarecerem as dúvidas sobre o processo de procura, selecção, candidatura, e frequência de programas de estudos nos EUA.

Por fim, a Comissão Fulbright Portugal administra, em conjunto com a Embaixada dos EUA em Lisboa, os concursos para os programas especiais *Study of the United States Institutes (SUSI)*. Estes programas, totalmente financiados pelo Departamento de Estado Norte-Americano, oferecem aos participantes a oportunidade de aprofundarem os seus conhecimentos sobre a sociedade, cultura, valores e instituições dos EUA.

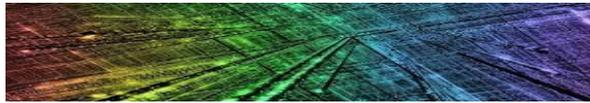
Existem três programas SUSI, nomeadamente:

- *SUSI for Scholars*: professores universitários e outros profissionais.
- *SUSI for Student Leaders from Europe*: para estudantes do primeiro e segundo anos de licenciatura.
- *SUSI for Secondary Educators*: para professores e administradores de escolas secundárias.

Todas as informações podem ser encontradas em: <http://www.fulbright.pt/>

### **Conclusão: 61 Anos *and Counting***

Desde a sua fundação há já seis décadas, cerca de 3000 estudantes, professores e investigadores, portugueses e americanos, foram contemplados com Bolsas da Comissão Fulbright Portugal. A promoção do intercâmbio académico e cultural por meio do Programa Fulbright teve e continua a ter um impacto real na vida e na carreira de muitas pessoas. Por conseguinte, a Comissão Fulbright Portugal procura gerir a sua actividade de forma socialmente responsável e reduzir o impacto ambiental da sua acção, tendo reforçado em 2019 um compromisso a longo prazo com a sustentabilidade. Neste seguimento, pretende que todos os seus programas, bolsas e actividades reflectam a diversidade das sociedades



## **O PROGRAMA O FULBRIGHT E AS OPORTUNIDADES QUE OFERECE A INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS, ESTUDANTES, PROFESSORES E INVESTIGADORES PORTUGUESES E AMERICANOS**

**DORA ARENGA, DORIAN ROSCA, SOFIA WAHNON**

**Comissão Fulbright**

norte-americana e portuguesa, destinando-se a qualquer pessoa, independentemente de sua etnia, sexo, idade, religião, localização geográfica, estatuto socioeconómico, mobilidade reduzida, orientação sexual ou identidade de género. É esta cultura de inclusão, de respeito pela diversidade e compreensão das diferenças, que enriquece o Programa Fulbright e lhe permite um crescimento e continuidade ao longo do tempo sustentáveis.

Com 61 anos em Portugal, o Programa Fulbright, por meio da Comissão que o administra, continua hoje a levar a cabo a feliz missão de reconhecer e destacar o percurso e as conquistas da sua comunidade de bolseiros(as) e antigos alunos(as) reunida em eventos e atividades organizadas nos dois lados do Atlântico. E assim continuará a trabalhar para manter vivo o legado de esperança e apoio mútuo por meio da Educação deixado pelo senador J. William Fulbright:

"The essence of intercultural education is the acquisition of empathy – the ability to see the world as others see it, and to allow for the possibility that others may see something we have failed to see or may see it more accurately. The exchange program is not a panacea but an avenue of hope....".

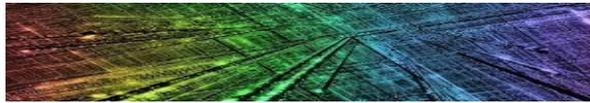
**J. William Fulbright, *The Price of Empire*, 1967.**

### **NOTAS BIOGRÁFICAS**

**DORA REIS ARENGA:** Licenciada em Sociologia pela Universidade Lusófona, é a coordenadora do programa de bolsas Fulbright para estudantes, professores e especialistas americanos.

**DORIAN ROSCA:** Licenciado em Relações Internacionais pelo ISCSP-UL é actualmente orientador educacional da *EducationUSA*.

**SOFIA WAHNON:** Mestre em Ciências Sociais pela Universidade de Chicago e Doutorada em Antropologia pelo ISCTE-IUL, é actualmente coordenadora das bolsas Fulbright para estudantes e professores portugueses.



## ***O PROGRAMA O FULBRIGHT E AS OPORTUNIDADES QUE OFERECE A INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS, ESTUDANTES, PROFESSORES E INVESTIGADORES PORTUGUESES E AMERICANOS***

**DORA ARENGA, DORIAN ROSCA, SOFIA WAHNON**

**Comissão Fulbright**

### **RESUMO**

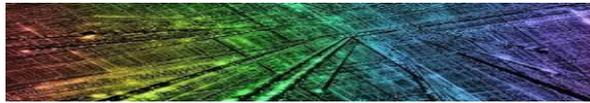
**As bolsas do Programa Fulbright oferecem a estudantes e professores portugueses a oportunidade de estudar, lecionar ou fazer investigação nos Estados Unidos da América, bem como a estudantes e professores americanos a oportunidade de desenvolver o mesmo tipo de atividades em Portugal. As instituições de ensino superior portuguesas têm à disposição oportunidades para receberem assistentes de inglês, investigadores e professores norte-americanos.**

### **ABSTRACT**

**Fulbright Program's grants offer Portuguese students and professors the opportunity to study, teach or do research in the United States of America, as well as American students and professors the opportunity to develop the same type of activities in Portugal. Portuguese higher education institutions have also at their disposal opportunities to receive US English assistants, researchers, and professors.**

### **PALAVRAS-CHAVE**

**Bolsas de Estudo; Diplomacia Pública; Estados Unidos da América; Estudantes; Fulbright; Imersão Cultural; Intercâmbio Cultural; Investigação; Professores**



## **HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?**

**AMÉRICO PEREIRA**  
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**ORCID Nº 0000.0002-0874-689X**  
**CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

**H**istorically, "the universal declaration of human rights"<sup>1</sup> may have been, and indeed was, a fruit and a consequence of the "barbarous acts" that ensued the gigantic and until then unknown in such dimension "disregard and contempt for human rights" as was practised and patent in World War II. Nevertheless, "barbarous" or "barbaric" action, as far as it is possibly intelligible, has been the daily bread of humanity, a very hard and mouldy bread, indeed.

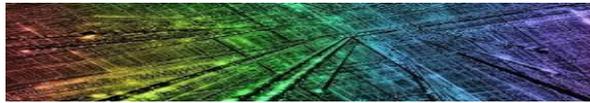
Within minute aggregates of people or within immense aggregates of people or in the form of the several combinations of possible violent relations of peoples, "barbaric acts" were and are common in a universal sense. They are common within what is sociologically designed as "family", within bigger aggregates such as neighbourhoods, districts, regions, countries, as well as between all these examples – and within what they are the symbolic paradigms of – commencing at the level of the 'family' and ending at the level of countries alliances.

Thus, "barbaric acts" are not the exclusive of barbaric peoples or barbaric individual persons, but apply transcendently to all humanity, from the individual/personal level to the alliance of countries level. If History and the remaining historiographic record can teach us anything at all, that thing is likely to be that from a certain perspective "barbaric" is synonym to "human". Given some very specific conditions, it seems that at least a great part of humanity becomes "barbaric".

Fortunately, this metamorphosis is neither universal nor necessary, which allows for some to not becoming barbaric: given the same very specific conditions

---

<sup>1</sup> Annexed to this essay.



## ***HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?***

**AMÉRICO PEREIRA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
ORCID Nº 0000.0002-0874-689X  
CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

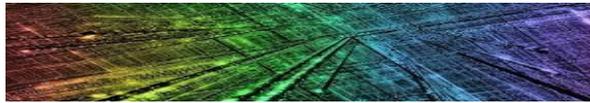
not all the persons present become "barbarians". Nevertheless, as was proven without doubt by too many events in WWII, in some cases, a great majority of the persons involved in such extreme situations did become "barbaric".

The answers to the "why" question are many, all unsatisfactory. Perhaps they are all true but incomplete, being the true and complete answer the one that can synthesize all of them and some more yet uncovered.

There is one reason that is undeniable, being universal and necessary: human beings act in a "barbaric" way because they can. It is a transcendental structure of human possibility that every and any person is neither destined to act good nor to act bad. Each is necessitated to act – under penalty of cessation of being – either good or bad. It is the prerogative of the person to act either way. The lack of such a prerogative immediately eliminates the reality of the existence of the person, leaving either a corpse or a living body stripped of its personhood.

Whatever the cause, the "barbaric" action, every time it is deployed, corresponds to an act of negation of the human dignity of the persons who are thereby affected. This negative relation, that implies the annihilation of the human dignity when and wherever it exists, is not exclusive of situations like the most conspicuous that occurred during WWII or other events of a comparable magnitude, but integrates all human acts that can be described as "barbaric". It is therefore a matter that concerns all humanity considered at its most fine detail, both as each human being acting and as each of such being's acts. It is all the human action, possible and concrete, that is at stake.

Facing each possible human act is an infinite possibility of acts contributing to common good or contributing to the class of "barbaric" acts. Which kind of act does



## **HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?**

**AMÉRICO PEREIRA**  
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**ORCID Nº 0000.0002-0874-689X**  
**CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

each human being choose when faced with the possibility or even the necessity of acting? Furthermore: does anyone believe in a third kind of possibility and reality of action, the neutral one? What does a neutral action consist of? How can a human being act without any trace of interference with others and the world in general, positive or negative? Would not that be the action of an immaterial being, something a human being is not, within the frame of an immaterial world, something ours is not?

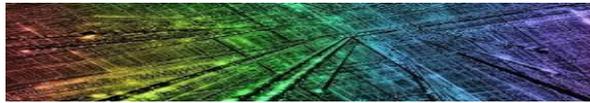
In order to understand the negative motor of the necessity of the creation of a human rights 'magna carta', one must be able to define what "barbarism" is. Otherwise, if there is not a definition that cannot be subjectively denied or infirmed per instance by the rhetoric of State or international disputes, any and every possible accusation of "barbarism" can be disputed as not being comprehended within the limits of the definition of "barbarism" most cherished by the accused.

What is, then, "barbarism"?

One can turn one's eyes to the same historical events that originated the reaction that promoted the elaboration of the Declaration, the extreme horrors that occurred during the years that slowly dragged their existence between 1939 and 1945. What one contemplates there is paramount and paradigmatic. The depths of human malice were reached and happily dwelled in. No detail needs to be mentioned in this essay, as a matter of decorum, but some enlightening bibliography is presented.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Among many writings on the tragic barbarism of WWII, one can read the following with unpleasant benefit: RAJCHMAN Chil, *Treblinka. A survivor's memory 1942-43*, London, MacLehose Press, 2012; THOMPSON Julian, *Forgotten voices of Burma. The Second World*



## **HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?**

**AMÉRICO PEREIRA**  
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**ORCID Nº 0000.0002-0874-689X**  
**CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

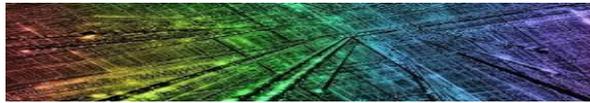
The lesson learned in contemplating the memory of these acts is twofold. On one hand, the direct lesson of what is observed, the facts of that "barbarism"; on the other hand, having contemplated that memory, the coming to mind of another memory, the one that manifests that those extremely horrible acts are not alone in humanity's history, but run through all of its course, comprehending all latitudes and longitudes, all times. The same conclusion presents itself: "barbarism" accompanies humanity all along, so far as one can reach in understanding.

If the horrors of WWII are the spring that made some part of the human conscience jump to an alert mode concerning "barbarism" and the need to promote human rights against "barbarism", hoping, perhaps, to avoid it, the real motive for the movement dedicated to the promotion of those rights is not a blunt but time restricted event or series of events, but the perception that "barbarism" is contemporary to humanity. All humanity.

Bearing in mind both the known history of humankind and the terrible facts that occurred in WWII, evidently "barbarism" is not to be mistaken for a matter concerning merely peoples, nations, states, or whatever types of great assemblies of

---

*war's forgotten conflict*, London, Random House Group Company, Ebury Press, in association with the Imperial War Museum, 2010; GILBERT Martin, *The Holocaust. The Jewish tragedy*, London, Fontana Press, 1987; MACARTHUR Brian, *Surviving the sword. Prisoners of the Japanese 1942-45*, London, Abacus, 2005; FRIEDLANDER Henry, *The origins of the Nazi genocide. From euthanasia to the final solution*, North Carolina, University of North Carolina Press, 1995; PLATT Anthony M., O'LEARY Cecilia E., *Bloodlines. Recovering Hitler's Nuremberg Laws, from Patton's trophy to public memorial*, Boulder CO, London, Paradigm Publishers, 2006; LIFTON Robert J, *The Nazi doctors. Medical killing and the psychology of genocide*, Basic Books, 1986; KOGON Eugen, *The theory and practice of hell. The German concentration camps and the system behind them*, New York, Farrar, Straus and Giroux, 2006.



## ***HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?***

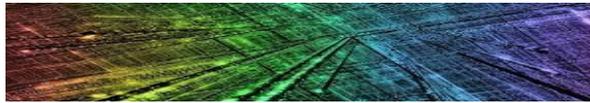
**AMÉRICO PEREIRA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
ORCID Nº 0000.0002-0874-689X  
CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

persons, but has to be referred to human individuals in first instance, for it is not an abstraction such as "the people X" or "the State Y" that commits or has committed barbaric acts but the persons or some of the persons who not only integrate the people or the State, but, concretely create them with the whole mass of their intertwined acts.

It is to the person individually considered, though within the frame of its irreducible circumstance, that barbaric acts must be attributed. Barbaric acts as well as acts of human goodness always have a necessary individual, personal subject – an agent, an actor –, under pain of inexistence: the absence of a subject who is the doer or the maker, means no acts can exist; it is an impossibility. It is I or you or he or she the subject of barbaric acts, if there are any. Barbaric acts have an author. Whereas there is a positive human poetry of human acts, acts that contribute to the good of the other – all the others, preferably –, there is also a negative poetry of human acts, the ones that destroy either the existent reality of other beings or their irreducible possibilities.

It is the moment to ask whether any of these negative acts is not in itself a "barbarism". Is it really not barbaric an act of rape, whatever the circumstances, cultural excuses included? Is it really not barbaric to deprive someone or a whole people of food, medicine, and other evident means of subsistence? Is it really not barbaric to use human beings as slaves or near-slaves? Is it really not barbaric to use any kind of violence when adequate force is due, without abuse? The examples could be endless. These suffice.

Reading the previous lines, one may think that humanity is very little more than barbaric acts. That is not the case, and the acts that promote common good



## ***HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?***

**AMÉRICO PEREIRA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
ORCID Nº 0000.0002-0874-689X  
CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

have to be in a greater quantity or it is very difficult to believe that humanity could have had survived. Nevertheless, it did survive. Perhaps it did do not much more than survive, but, having survived, it is evident that it is not to be mistaken for just an immense sum of barbaric acts.

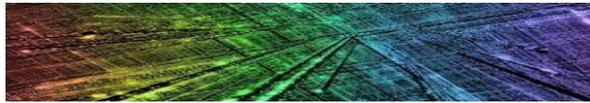
Anyhow, barbarism is a perennial possibility and a constant presence, which means that there is a risk that it may spread, as it usually does, per example, every time there is a war, mainly a war of great dimensions, as was WWII, as may happen to be other possible major wars.

Therefore, an acute attention to barbarism is paramount. Fighting using all non-violent means against it is fundamental, precisely in order to avoid having to use a quantity and quality of force in that fight that may themselves border on barbarism or even become barbaric.

The evident non-violent means of fighting barbarism is education, attempting to show and persuade people, mostly the younger, to comprehend and embrace the principles not just underlying but really building up a human world without barbaric acts. This is not an impossibility or even utopic daydreaming, but something possible, as long as each person involved assents to its necessity.

Nevertheless, one must not be blinded by misplaced goodwill, hoping for something that is highly improbable to happen, though being possible. Therefore, knowing that the probability of barbaric acts disappearing from our worldly horizon is very scarce, a necessity for something like an imperial rule of law is felt.

The sense of an imperial rule of law does not derive from any historical notion of "empire", always meaning the subservience of one people to another, of one nation or State to another, but from the notion of the necessity of having a law that



## **HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?**

**AMÉRICO PEREIRA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
ORCID Nº 0000.0002-0874-689X  
CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

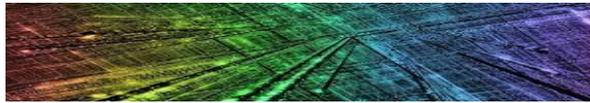
does not derive its imperative meaning from any given historical fact, but rather from the inner logic of human reality, both individual – ethical – and trans-individual – political.

The need for an imperial rule of law, therefore, does not stem from any historic fact, per example, the Nazi form of barbarism; does not stem from a religious fact, per example, by the means of the 'god something' ordering so; does not stem from a human capricious initiative, or from any other such fact. It stems from the human possibility of wrong doing, which is part of the human possibility of acting, good or bad.

Human activity is neither necessarily good nor necessarily bad. It is possibly good and possibly bad. There is no innate protocol for human action. The protocol for human action is superposed to the possibility of and for human action. It is not natural as the latter, but cultural, artificial, product of human action as cultural action.

One could ask: which is first, the natural possibility of action or the protocol for a right action? The possibility of action is not only natural but is also transcendental: it refers itself to the whole of humanity and it does that in a necessary mode. No human being escapes it. The protocol for right action is not transcendental. It is neither universal nor necessary. Therefore, it must be "imperial", meaning that it must exist as something that exerts its rule over humanity not under a natural manner, but under a cultural manner, a special cultural manner in the form of law: a human product destined to, as a protocol form, govern, rule, human action.

The inexistence of a natural anti-barbarism protocol in human beings and the necessity of preventing the occurrence of "barbarous acts" creates the necessity of



## ***HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?***

**AMÉRICO PEREIRA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
ORCID Nº 0000.0002-0874-689X  
CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

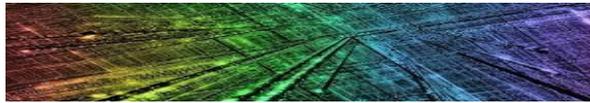
something, with imperial force, under pain of uselessness, that can act and acts as a common and universal protocol, a literally "law-full" one which finality it is to be contrary to the tendency of practising "barbarous acts". This universal instrument is the Declaration.

Regardless all the previous considerations, the reality of an effective action promoted by the Declaration, laying aside all claims to magic action, is attainable only through a pertinent education of all the people concerned, that is, of all the persons. The failure of just one may be precisely the coming to act of the barbaric act. Such an education has to be established on the Declaration itself. It is the only viable way of promoting a form of acting that is universal, universally defending people against the danger of barbarism.

It is, of course, something of a revolution in culture, for it means that the cultural caprices with its sociological caprices and the psychological caprices concerning anthropology, religion and other regional modes of existing have to give way to what is the logical mode of universal common good.

Persons and peoples have to cease envisaging each other through their narrow and sometimes obscure perspective and commence seeing reality for what it is, without prejudice or all the means of perverse judging and handling of others with the sole aim of benefitting 'me' or 'me and my people'.

More than a revolution, the education based on the Declaration calls for a metamorphosis. A total change of peoples' way of thinking that allows for the common people to see the other human beings as human beings, in the first place, and as beings to live with, as best as possible, not as enemies to kill for the benefit of the killer, the "barbarous".



## ***HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?***

**AMÉRICO PEREIRA**  
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**ORCID Nº 0000.0002-0874-689X**  
**CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

### **BIBLIOGRAPHY:**

**CLAPHAM Andrew, Human rights. A very short introduction, Oxford, Oxford University Press, 2015.**

**FRIEDLANDER Henry, The origins of the Nazi genocide. From euthanasia to the final solution, North Carolina, University of North Carolina Press, 1995.**

**GILBERT Martin, The Holocaust. The Jewish tragedy, London, Fontana Press, 1987.**

**KOGON Eugen, The theory and practice of hell. The German concentration camps and the system behind them, New York, Farrar, Straus and Giroux, 2006.**

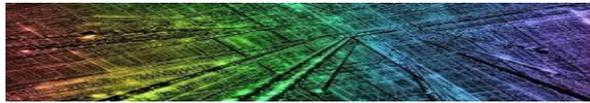
**LIFTON Robert J, The Nazi doctors. Medical killing and the psychology of genocide, Basic Books, 1986.**

**MacARTHUR Brian, Surviving the sword. Prisoners of the Japanese 1942-45, London, Abacus, 2005.**

**PLATT Anthony M., O'LEARY Cecilia E., Bloodlines. Recovering Hitler's Nuremberg Laws, from Patton's trophy to public memorial, Boulder CO, London, Paradigm Publishers, 2006.**

**RAJCHMAN Chil, Treblinka. A survivor's memory 1942-43, London, MacLehose Press, 2012.**

**THOMPSON Julian, Forgotten voices of Burma. The Second World war's forgotten conflict, London, Random House Group Company, Ebury Press, in association with the Imperial War Museum, 2010.**



## ***HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?***

**AMÉRICO PEREIRA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
ORCID Nº 0000.0002-0874-689X  
CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

### **Annex**

#### **The Universal Declaration of Human Rights**

##### **Preamble**

**Whereas recognition of the inherent dignity and of the equal and inalienable rights of all members of the human family is the foundation of freedom, justice and peace in the world,**

**Whereas disregard and contempt for human rights have resulted in barbarous acts which have outraged the conscience of mankind, and the advent of a world in which human beings shall enjoy freedom of speech and belief and freedom from fear and want has been proclaimed as the highest aspiration of the common people,**

**Whereas it is essential, if man is not to be compelled to have recourse, as a last resort, to rebellion against tyranny and oppression, that human rights should be protected by the rule of law,**

**Whereas it is essential to promote the development of friendly relations between nations,**

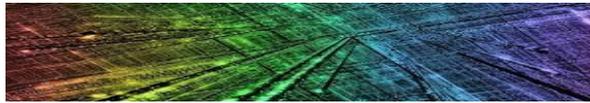
**Whereas the peoples of the United Nations have in the Charter reaffirmed their faith in fundamental human rights, in the dignity and worth of the human person and in the equal rights of men and women and have determined to promote social progress and better standards of life in larger freedom,**

**Whereas Member States have pledged to achieve, in cooperation with the United Nations, the promotion of universal respect for and observance of human rights and fundamental freedoms,**

**Whereas a common understanding of these rights and freedoms is of the greatest importance for the realization of this pledge,**

**Now, therefore,**

**The General Assembly**



## ***HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?***

**AMÉRICO PEREIRA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
ORCID Nº 0000.0002-0874-689X  
CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

**Proclaims this Universal Declaration Of Human Rights as a common standard of achievement for all peoples and all nations, to the end that every individual and every organ of society, keeping this Declaration always in mind, shall strive by teaching and education to promote respect for these rights and freedoms and by progressive measures, national and international, to secure their universal and effective recognition and observance, both among the peoples of Member States themselves and among the peoples and territories under their jurisdiction.**

### **Article 1**

**All human beings are born free and equal in dignity and rights. They are endowed with reason and conscience and should act towards one another in a spirit of brotherhood.**

### **Article 2**

**Everyone is entitled to all the rights and freedoms set forth in this Declaration, without distinction of any kind, such as race, colour, sex, language, religion, political or other opinion, national or social origin, property, birth or other status.**

**Furthermore, no distinction shall be made on the basis of the political, jurisdictional or international status of the country or territory to which a person belongs, whether it be independent, trust, non-self-governing or under any other limitation of sovereignty.**

### **Article 3**

**Everyone has the right to life, liberty and security of person.**

### **Article 4**

**No one shall be held in slavery or servitude; slavery and the slave trade shall be prohibited in all their forms.**

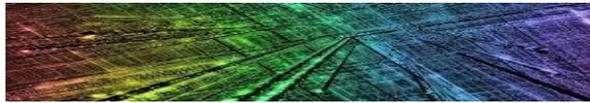
### **Article 5**

**No one shall be subjected to torture or to cruel, inhuman or degrading treatment or punishment.**

### **Article 6**

**Everyone has the right to recognition everywhere as a person before the law.**

### **Article 7**



## **HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?**

**AMÉRICO PEREIRA**  
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**ORCID Nº 0000.0002-0874-689X**  
**CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

All are equal before the law and are entitled without any discrimination to equal protection of the law. All are entitled to equal protection against any discrimination in violation of this Declaration and against any incitement to such discrimination.

### **Article 8**

Everyone has the right to an effective remedy by the competent national tribunals for acts violating the fundamental rights granted him by the constitution or by law.

### **Article 9**

No one shall be subjected to arbitrary arrest, detention or exile.

### **Article 10**

Everyone is entitled in full equality to a fair and public hearing by an independent and impartial tribunal, in the determination of his rights and obligations and of any criminal charge against him.

### **Article 11**

1. Everyone charged with a penal offence has the right to be presumed innocent until proved guilty according to law in a public trial at which he has had all the guarantees necessary for his defence.

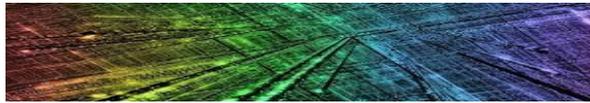
2. No one shall be held guilty of any penal offence on account of any act or omission which did not constitute a penal offence, under national or international law, at the time when it was committed. Nor shall a heavier penalty be imposed than the one that was applicable at the time the penal offence was committed.

### **Article 12**

No one shall be subjected to arbitrary interference with his privacy, family, home or correspondence, nor to attacks upon his honour and reputation. Everyone has the right to the protection of the law against such interference or attacks.

### **Article 13**

1. Everyone has the right to freedom of movement and residence within the borders of each State.



## **HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?**

**AMÉRICO PEREIRA**  
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**ORCID Nº 0000.0002-0874-689X**  
**CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

2. Everyone has the right to leave any country, including his own, and to return to his own.

### **Article 14**

1. Everyone has the right to seek and to enjoy in other countries asylum from persecution.

2. This right may not be invoked in the case of prosecutions genuinely arising from non-political crimes or from acts contrary to the purposes and principles of the United Nations.

### **Article 15**

1. Everyone has the right to a nationality.

2. No one shall be arbitrarily deprived of his nationality nor denied the right to change his nationality.

### **Article 16**

1. Men and women of full age, without any limitation due to race, nationality or religion, have the right to marry and to found a family. They are entitled to equal rights as to marriage, during marriage and at its dissolution.

2. Marriage shall be entered into only with the free and full consent of the intending spouses.

3. The family is the natural and fundamental group unit of society and is entitled to protection by society and the State.

### **Article 17**

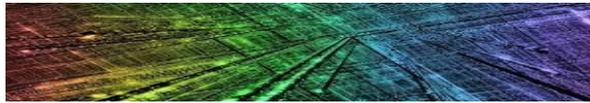
1. Everyone has the right to own property alone as well as in association with others.

2. No one shall be arbitrarily deprived of his property.

### **Article 18**

Everyone has the right to freedom of thought, conscience and religion; this right includes freedom to change his religion or belief, and freedom, either alone or in community with others and in public or private, to manifest his religion or belief in teaching, practice, worship and observance.

### **Article 19**



## **HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?**

**AMÉRICO PEREIRA**  
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**ORCID Nº 0000.0002-0874-689X**  
**CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

Everyone has the right to freedom of opinion and expression; this right includes freedom to hold opinions without interference and to seek, receive and impart information and ideas through any media and regardless of frontiers.

### **Article 20**

- 1. Everyone has the right to freedom of peaceful assembly and association.**
- 2. No one may be compelled to belong to an association.**

### **Article 21**

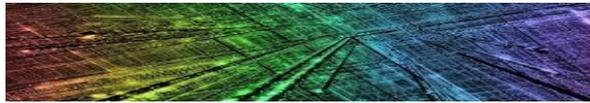
- 1. Everyone has the right to take part in the government of his country, directly or through freely chosen representatives.**
- 2. Everyone has the right to equal access to public service in his country.**
- 3. The will of the people shall be the basis of the authority of government; this will shall be expressed in periodic and genuine elections which shall be by universal and equal suffrage and shall be held by secret vote or by equivalent free voting procedures.**

### **Article 22**

Everyone, as a member of society, has the right to social security and is entitled to realization, through national effort and international co-operation and in accordance with the organization and resources of each State, of the economic, social and cultural rights indispensable for the dignity and the free development of his personality.

### **Article 23**

- 1. Everyone has the right to work, to free choice of employment, to just and favourable conditions of work and to protection against unemployment.**
- 2. Everyone, without any discrimination, has the right to equal pay for equal work.**
- 3. Everyone who works has the right to just and favourable remuneration ensuring for himself and his family an existence worthy of human dignity, and supplemented, if necessary, by other means of social protection.**



## ***HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?***

**AMÉRICO PEREIRA**  
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**ORCID Nº 0000.0002-0874-689X**  
**CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

**4. Everyone has the right to form and to join trade unions for the protection of his interests.**

### **Article 24**

**Everyone has the right to rest and leisure, including reasonable limitation of working hours and periodic holidays with pay.**

### **Article 25**

**1. Everyone has the right to a standard of living adequate for the health and well-being of himself and of his family, including food, clothing, housing and medical care and necessary social services, and the right to security in the event of unemployment, sickness, disability, widowhood, old age or other lack of livelihood in circumstances beyond his control.**

**2. Motherhood and childhood are entitled to special care and assistance. All children, whether born in or out of wedlock, shall enjoy the same social protection.**

### **Article 26**

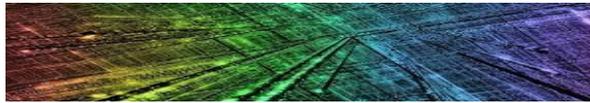
**1. Everyone has the right to education. Education shall be free, at least in the elementary and fundamental stages. Elementary education shall be compulsory. Technical and professional education shall be made generally available and higher education shall be equally accessible to all on the basis of merit.**

**2. Education shall be directed to the full development of the human personality and to the strengthening of respect for human rights and fundamental freedoms. It shall promote understanding, tolerance and friendship among all nations, racial or religious groups, and shall further the activities of the United Nations for the maintenance of peace.**

**3. Parents have a prior right to choose the kind of education that shall be given to their children.**

### **Article 27**

**1. Everyone has the right to participate in the cultural life of the community, to enjoy the arts and to share in scientific advancement and its benefits.**



## **HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?**

**AMÉRICO PEREIRA**  
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**ORCID Nº 0000.0002-0874-689X**  
**CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

2. Everyone has the right to the protection of the moral and material interests resulting from any scientific, literary or artistic production of which he is the author.

### **Article 28**

Everyone is entitled to a social and international order in which the rights and freedoms set forth in this Declaration can be fully realized.

### **Article 29**

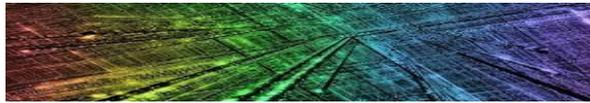
1. Everyone has duties to the community in which alone the free and full development of his personality is possible.

2. In the exercise of his rights and freedoms, everyone shall be subject only to such limitations as are determined by law solely for the purpose of securing due recognition and respect for the rights and freedoms of others and of meeting the just requirements of morality, public order and the general welfare in a democratic society.

3. These rights and freedoms may in no case be exercised contrary to the purposes and principles of the United Nations.

### **Article 30**

Nothing in this Declaration may be interpreted as implying for any State, group or person any right to engage in any activity or to perform any act aimed at the destruction of any of the rights and freedoms set forth herein.



## **HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?**

**AMÉRICO PEREIRA**  
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**ORCID Nº 0000.0002-0874-689X**  
**CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

### **NOTA BIOGRÁFICA DO AUTOR**

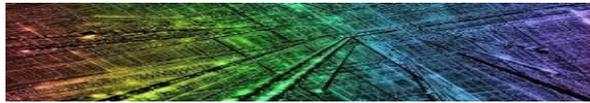
Américo José Pinheira Pereira licenciou-se em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa (Lisboa), em 1990. Obteve o grau de Mestre em Filosofia em 1997, pela mesma Universidade, com a defesa da Dissertação "A Relação entre o Acto e o Ser na obra de Louis Lavelle". Em 2006, obteve o grau de Doutor em Filosofia, também pela Universidade Católica Portuguesa, com a defesa da Dissertação "Fundamentação ontológica da ética na obra de Louis Lavelle". Actualmente, é Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Na sua actividade docente tem leccionado nas Faculdades de Teologia e de Ciências Humanas, bem como no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa as disciplinas na área da História da Filosofia Antiga, Axiologia e Ética, Bioética, Ontologia, Filosofia do Trabalho e da Técnica, Filosofia da Religião, Epistemologia, Filosofia da Linguagem, Filosofia da Arte e da Técnica, Antropologia Filosófica, Antropologia Religiosa, Sócioantropologia da Saúde para além de vários seminários de especialidade nas mesmas áreas. Organizou e co-organizou mais de duas dezenas de encontros científicos. Proferiu cento e uma conferências e palestras científicas. É autor de dezassete livros, co-autor de três e tem autoria de vinte e oito capítulos bem como dois capítulos em livros de actas. Tem quarenta e cinco artigos científicos publicados em revistas científicas nacionais e estrangeiras. Tem duzentos artigos de diversa índole publicados *on-line* em publicações nacionais e internacionais. Tem ainda resenhas, artigos em dicionários e enciclopédias e traduções em várias línguas.

### **ABSTRACT**

The constant presence of barbaric acts along the history of humanity calls for an "imperial rule of law" in order to avoid the continuation of such a tragic tradition; the Declaration of Human Rights is the basis for such a lawful empire.

### **KEY-WORDS**

Human rights, barbarous acts, education, imperial rule of law.



## ***HUMAN RIGHTS, WHY AND WHAT FOR?***

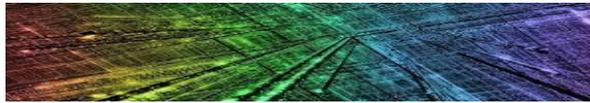
**AMÉRICO PEREIRA**  
**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**ORCID Nº 0000.0002-0874-689X**  
**CIÊNCIA VITAE ID Nº: ED13-3025-B4DB**

### **RESUMO**

**A presença constante de actos bárbaros ao longo da história da humanidade exige o "império do estado de direito", de modo a evitar a continuação de tão trágica tradição; a Declaração dos Direitos Humanos é a base para tal império da Lei.**

### **Palavras-chave:**

**Direitos humanos, actos bárbaros, educação, império do estado de direito.**



## **MALLARMÉ'S CHOREOGRAPHY: AN INTERPRETATION OF "UN COUP DE DÉ"**

*Daniel Drake Cascão*

*Universidade Nova de Lisboa*

In the last decade of the nineteenth century, Loïe Fuller arrived at the *Folies Bergères* in Paris. It was there that she captured Mallarmé's attention, who later:

... theorized the ways in which the dancing body might provide a model for symbolist poetics. He credited dance with an economy of form akin to that of poetry and acknowledged the body's gestural potential, the elegance with which 'une écriture corporelle' might offer alternative forms of communication to the written word. (Jones, p. 13)

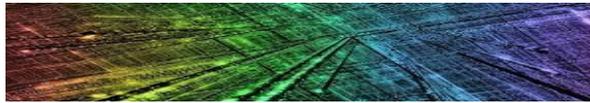
In "écriture corporelle", words written by Mallarmé in one of his essays about dance, Susan Jones identifies the Greek origin of the word "choreography", derived from "choreo" for dancing (Borrer, p. 25) and "graph" which means writing (*ibidem*, p. 43). The aim of this article is to make evident the transposition of this "bodily writing" into Mallarmé's poem *Un coup de dés jamais n'abolira le hasard*, as well as to propose a different reading of the term "choreography" applied to this poem.

The first issue we are confronted with regarding the development of this study was set forth by Mallarmé himself when he, in relation to dance, asked: "Que peut signifier ceci' ou mieux, d'inspiration, le lire" (Jones, p. 16). In order to translate dance into written text, we must search for a way of interpreting it.

Though dance has many codifying systems, they seldom attribute any sort of specific interpretation to a given movement.<sup>1</sup> Moreover, if we consider a movement in dance to be equivalent to a word in a text, it is important to note that that word is in constant change, for it is never performed the same way, either by two dancers or

---

<sup>1</sup> One of the few cases is Ballet Mime, a group of commonly used gestures in ballet that have a concrete meaning. Interestingly enough, the most widely known gesture is the one that describes "dance".



## **MALLARMÉ'S CHOREOGRAPHY: AN INTERPRETATION OF "UN COUP DE DÉ"**

*Daniel Drake Cascão*

*Universidade Nova de Lisboa*

by the same dancer at different points in time. As such, we can establish that dance is subject to dimensions of subjectivity and corporal semantics.

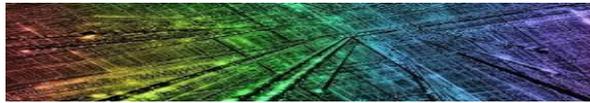
In his study, Frankenbach has displayed the importance of subjectivity for symbolist poets, who seek to test "the limits of semantic permeability" (Frankenbach, p. 138). Expanding on this, Frankenbach states that:

For Mallarmé, the multivalent possibilities for a word's meaning became its most important attribute, one that transformed not only writing, but reading as well, moving each from a focus on "meaning" to one on "process". This disruption of signification went beyond the mere etymological development of a word, extending to its history in usage and its accumulated associations and convergences with other words. (*ibidem*, p. 138)

The accumulation of meanings that results from this disruption overpowers the word in such a way that its graphic representation loses value, becoming a mere suggestion or metaphor. Consequently, Mallarmé virtually grants each word the same shape-shifting ability, which is inherent to movement, onto his words, which in turn makes it susceptible to the process of aberrant reading proposed by Umberto Eco.

The terms "suggestion" and "metaphor" were handpicked, as they reflect the relationship between dancer and word when confronted with Mallarmé's essay on dance, where he wrote:

... that the dancer is not a woman dancing, for these juxtaposed reasons: that she is not a woman, but a metaphor summing up one of the elementary aspects of our form ... and that she is not dancing, but suggesting, through the miracle of bends and leaps, a kind of corporal writing, what it would take pages of prose, dialogue, and description to express, if it were transcribed: a poem independent of any scribal apparatus. (*ibidem*, p. 144)



## **MALLARMÉ'S CHOREOGRAPHY: AN INTERPRETATION OF "UN COUP DE DÉ"**

*Daniel Drake Cascão*

*Universidade Nova de Lisboa*

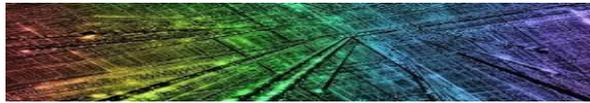
The ephemeral nature of dance imparts another obstacle for a comparative literary study. As ascertained by Jones,

[Mallarmé] sees in the dancing body a phenomenon that may suggest verbal signification but, unlike the written word, which is produced by the body yet leaves it at the moment of the production of writing on the page, her physical presence at every instance in the dance is simultaneously the sign itself and its production ... (Scott, p. 16)

In addition, dance is a dynamic art, expressed through fleeting moments that cannot be revisited and reanalysed, whereas every moment of the poem is readily accessible to the reader at any given time during his reading. The mutability or instability of meaning in Mallarmé's word also aims to mimic this fleeting sensation as the "reader-spectator must decipher anew the boundaries between text and object" (Frankenbach, p. 144).

The second issue we must confront is how Loïe Fuller's dance influenced Mallarmé's poetry. In her "Serpentine Dance" (fig. 1), the element of subjectivity, already discussed, was heightened by the constant disappearance of the human figure





## **MALLARMÉ'S CHOREOGRAPHY: AN INTERPRETATION OF "UN COUP DE DÉS"**

*Daniel Drake Cascão*

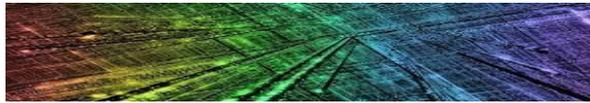
*Universidade Nova de Lisboa*

between the moving silks that she manipulated (Jones, p. 23). Perhaps in a more daring innovation, Fuller decided to remove the scenic elements that clutter the stage in a traditional ballet, leaving the stage empty. The removal of the surrounding visual noise centred the spectator's attention on the performance at hand.

Fig. 1. Loïe Fuller performing the "Serpentine Dance". Photograph by Isaiah West Taber, 1897.

As Scott has noted, "in conventional reading and writing, the page goes largely unnoticed" as its traditional role is to "[accommodate] as many words as clarity and legibility would allow" (Scott, p. 138). It therefore comes as a shock when we witness Mallarmé applying the same principle of decluttering used by Fuller on her stage to the pages of *Un coup de dés*. This removal of visual noise is important because, on the one hand, it exalts the choice of words while metaphorically counteracting the semantic density of each word. On the other hand, it presses on the semantic instability of the mallarmean word, allowing them to breathe and manifest over the surrounding and seemingly blank space (fig. 2).

On the other hand, the novelty of nothingness can also dissuade the reader from



## MALLARMÉ'S CHOREOGRAPHY: AN INTERPRETATION OF "UN COUP DE DÉ"

Daniel Drake Cascão

Universidade Nova de Lisboa

paying attention to the text. Its metaphorical portrayal of silence is a rarity in literary work, which Mallarmé was well aware of as he affirmed that "les 'blancs' en effet ... frappent d'abord" (*ibidem*, p. 139).

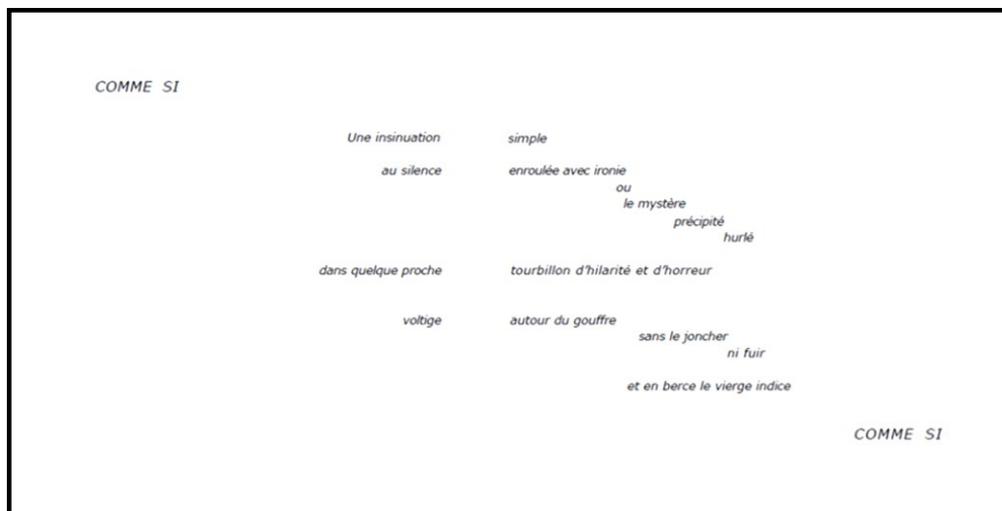
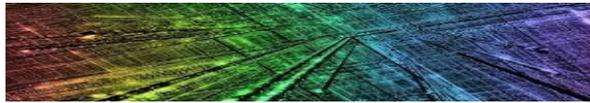


Fig. 2. Page 7 of "Un coup de dés" where the decluttering of the page is made evident.

According to Jones, the dispersion of words throughout the pages "... distinctively suggests the movement of the swirling dancer, where the disrupted poetic line alludes to the physical disposition of textual markers and encourages the 'bodily' engagement of the reader in the reading process" (Jones, p. 23). The poem further alludes to the dancer through the presence of words related to the human body, such as "pieds", "bras", "tête" and others, and alludes to the dance by the use of words that provide the idea of movement, such as "vent", "flots", "passer" and "torsion", amidst others.





## **MALLARMÉ'S CHOREOGRAPHY: AN INTERPRETATION OF "UN COUP DE DÉ"**

*Daniel Drake Cascão*

*Universidade Nova de Lisboa*

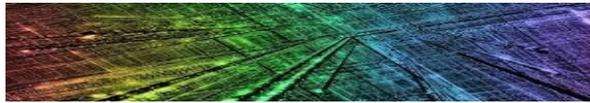
In spatializing, in this way, the normally horizontal and consecutive dynamics of language, Mallarmé is attempting to illustrate diagrammatically the complex processes of human thought, to give expression to the irregular and evanescent meanderings of reverie as well as to the more consistent and consequential logic of rational thinking. In exploring the tensions between impulse and argument, desire and knowledge, Mallarmé tries to be sensitive to all features, however small, of the mental landscape. (Scott, p. 142)

Moving forward, Scott explains that "... Mallarmé's abandonment of punctuation is significant since it promotes infinitely greater fluidity of movement between phrases" (*ibidem*, p. 145). This small deviation from a literary convention approximates the written word to its spontaneous nature in its spoken form, which, once more, closes the gap that separates the word from the movement.

By stepping away from the page, the words begin to blur and set forth the idea that we may be looking at a picture. Though it is said that this notion was inspiration to Apollinaire's *Calligrammes*, there is the issue that this poem is not composed of a single page, but twelve pages. This says something about the author's intentions towards the interpretation of the poem since we must now repurpose Mallarmé's question regarding dance to his own poetry: "'Que peut signifier ceci' ou mieux, d'inspiration, le lire".

The obvious answer to how the poem should be read would be from left to right and top to bottom, but for this to provide us with any sort of enjoyable reading we have to assume that the basic unit of reading is not the page, but the two pages that are immediately available to the reader. Even so, there is much about the poem that keeps us wondering.

As if the semantic complexity and subjectivity of the words were not enough to confound the reader, they are also graphically represented in different sizes, and



## MALLARMÉ'S CHOREOGRAPHY: AN INTERPRETATION OF "UN COUP DE DÉS"

Daniel Drake Cascão

Universidade Nova de Lisboa

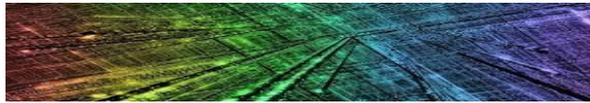
further contrasted with the use of italics, which, according to Scott, serves"... to express the complex interaction of various strands of thought or calculation" (*ibidem*, p. 140).

Considering this from a dance perspective, there are various possibilities of interpretation: (1) each font could potentially represent, or be represented by, a dancer on stage; (2) they could represent the various elements that appear conjugated in a single dancer, as would be the case for Loïe Fuller, distinguishing her body from her costume; (3) they could be an attempt of adding a perception of spatial depth, whereby the bigger fonts would correspond to a proximity of the dancer to the audience, and the smaller fonts the opposite.

Scott also depicts the poem as "... an attempt to spread the impact of a single page over twelve, to create the impression of simultaneity within sequence" (*ibidem*, p. 140). This surely seems to be the case, as the very title of the poem is spread out along the pages of the poem. But the title itself might hold yet another clue to how the poem is meant to be read.

Although it is not wrong to present the French negative as "jamais ne", it is also possible to place them in the usual negative order "ne ... jamais". In coordination with the idea of simultaneity proposed by Scott, there may be an implication that the words can also be reversed. The relationship between the "throw of the dice" and "chance" is, therefore, symbiotic and a metaphor for a number of other dualities. Mallarmé himself introduces this concept by ending his poems with the verse "Toute Pensée émet un Coup de Dés", which would therefore imply that *la pensée jamais n'abolira le hasard*, as well as *le hasard n'abolira jamais la pensée*.

Scott was quick to point out that the thought represents language, order and reason, and the page represents chaos and chance, the place where our unconscious



## **MALLARMÉ'S CHOREOGRAPHY: AN INTERPRETATION OF "UN COUP DE DÉS"**

*Daniel Drake Cascão*

*Universidade Nova de Lisboa*

mind can manifest itself into consciousness (*ibidem*, p. 146). Silva expands on this notion by arguing that even though the blank space is representative of silence and void, the absence of colour in white may also result from the presence of every colour (Silva, p. 283).

*Un coup de dés* therefore represents any form of manifestation or expression that combats inertia, and *le hasard* represents any innovation that counters prescriptive tendencies. *Un coup de dés jamais n'abolira le hasard* is Mallarmé's motto.

As we have seen, the notion of choreography, or at least of writing that alludes to dance, is scattered throughout the text. It takes part in the selection of words and in the disposition of those words that evokes the idea of movement, but this poem is not a true choreography as we understand the term. If I have extended myself on making evident many aspects that compose his work, it was simply to reveal how a choreography can be retrieved from it. By allowing myself the same semantic freedom that he has invested in his words, I suggest "choreography" be read as "written dance".

Scott's suggestion on how the poem should be read converges with the curiosity of the reader when faced with such an abstract form of writing. To experience the poem as a whole and all at once, the reader's eyes must effectively dance with the words from one edge of a page to the other, while also noting that the words, scattered like the landings of a throw of dice, are dancing and transforming from page to page, almost as if by chance.

Furthermore, a font by font reading, which is how the reader ultimately collects the title of the poem, elicits a physical response from the reader who is compelled to jump from page to page, back and forth, in search of the matching fonts. Add to this the theorised inversion of the text and the invested reader is faced with as many



## **MALLARMÉ'S CHOREOGRAPHY: AN INTERPRETATION OF "UN COUP DE DÉS"**

*Daniel Drake Cascão*

*Universidade Nova de Lisboa*

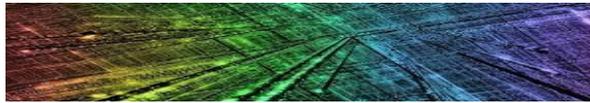
interpretations as the back and forth turn of pages. Imagine that reader, and you will understand that, in turning and jumping between pages, he has also become a dancer.

Mallarmé's poem has defied not only writing conventions, but also reading conventions. In doing so, *Un coup de dés* reveals and reshapes the reader's dance which is usually concealed by the time it takes him to read two full pages and then turn the page. All the above-mentioned characteristics of this text speed up the process of page turning, hence making the physicality of reading evident.

Through this process, Mallarmé has forced the reader to physically engage in the reading of his poem, effectively suggesting the transformation of the reader into a dancer, which is the true choreography of his work. If we consider the title as a plea to the manifestation of artistic expression or a call to arms against prescriptivism, then he has once again physically activated his reader.

I would argue that the ability to physically engage a reader is unique to Mallarmé's work, as it is more common for scholars to identify pictorial and musical markers and elements throughout texts, though it should be noted that there is a lack of comparative literary studies related to dance.

In conclusion, Mallarmé successfully fulfilled the transposition and translation of a "bodily writing" in *Un coup de dés* by recreating dance's subjective and chameleonic nature. In doing so, he has exceeded the semantic capacity of the word and the page by ultimately targeting the reader to perform a dance in coordination with his own creation.



## **MALLARMÉ'S CHOREOGRAPHY: AN INTERPRETATION OF "UN COUP DE DÉ"**

*Daniel Drake Cascão*

*Universidade Nova de Lisboa*

### **Bibliography**

BORROR, Donald J. *Dictionary of Word Roots and Combining Forms*. California: Mayfield Publishing Company, 1960.

<https://www.uvm.edu/rsenr/wfb232/Dictionary%20of%20Word%20Roots%20&%20Combining%20Forms.pdf>

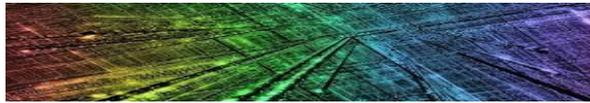
FRANKENBACH, Chantal. "Dancing the Redemption of French Literature: Rivière, Mallarmé, and Le Sacre du Printemps." *Dance Chronicle* 38, no. 2 (2015): pp. 134-60.  
<https://doi.org/10.1080/01472526.2015.1043799>

JONES, Susan. "A Poetics of Potentiality: Mallarmé, Fuller, Yeats, and Graham." In *Literature, Modernism, and Dance*, pp. 13-43. Oxford: Oxford UP, 2013.  
<https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199565320.001.0001>

MALLARMÉ, Stéphane. "Un Coup de Dés Jamais N'Abolira le Hasard." *Saltana* 1, no. 1 (2003).

SCOTT, David. "'Spatial' Structure and the Prose Poem: Mallarmé: 'Un Coup de Dés'." In *Pictorialist Poetics: Poetry and the Visual Arts in Nineteenth Century France*, edited by David H. T. Scott, 138-46. Cambridge: Cambridge UP, 1988.  
<https://doi.org/10.2307/1771184>

SILVA, Débora. "Un Coup de Dés: La Lyrique à Venir." *Romance Notes*, (2008): pp. 271-291. <https://doi.org/10.1353/rmc.2011.0034>



## **MALLARMÉ'S CHOREOGRAPHY: AN INTERPRETATION OF "UN COUP DE DÉ"**

*Daniel Drake Cascão*

*Universidade Nova de Lisboa*

### **NOTA BIOGRÁFICA**

Daniel Drake Cascão é licenciado em Línguas, Literaturas e Culturas Inglesas e Francesas pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Artista performativo, é também bailarino profissional formado em dança clássica e contemporânea, tendo trabalhado em vários palcos europeus. Procura aliar a sua formação artística e académica para escrever artigos nas áreas das artes performativas e da literatura comparada.

### **BIOGRAPHIC NOTE**

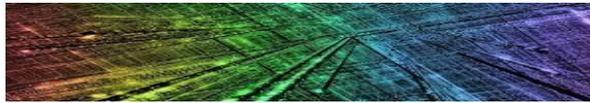
Daniel Drake Cascão has a bachelor's degree in English and French Languages, Literatures, and Cultures by Faculdade de Ciências Sociais e Humanas of Universidade Nova de Lisboa. Performing artist, he is also a professional dancer trained in classical and contemporary dance, having worked on several European stages. He seeks to ally his artistic and academic studies to develop articles in the areas of performing arts and comparative literature.

### **RESUMO**

Num ensaio sobre a dança, Mallarmé escreveu sobre uma "écriture corporelle" ou uma "escrita corporal". Estudos focados no seu poema "Un Coup de Dés" têm aludido à inversão desta ideia, sugerindo que Mallarmé procurou escrever o corpo ou, por outras palavras, soletrar o movimento de um bailarino pelas páginas. Um trocadilho com a palavra "coreografia" sugere possíveis interpretações ligadas à dança, à literatura e à interligação entre estas.

### **ABSTRACT**

On an essay about dance, Mallarmé wrote of an "écriture corporelle" or a "bodily writing". Studies focusing on his poem "Un Coup de Dés" have alluded to an inversion of this idea, hinting at how Mallarmé could try to write the body or, in other words, spell the movement of a dancer through the pages. A quibble on the word "choreography" suggests possible interpretations connected to dance, literature, and the interconnection between these.



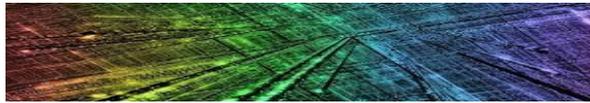
## ***NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS***

**MIGUEL ALARCÃO  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA  
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

**Às Prof. Doutoras Alda Correia e Margarida Esperança Pina (NOVA FCSH)**

**O** inesperado e dramático surto pandémico, à escala global, do vírus comumente conhecido e designado por COVID 19 veio colocar no topo das agendas políticas mundiais questões de saúde pública, envolvendo e mobilizando investigadores, médicos, farmacêuticos, enfermeiros e as respectivas ordens, analistas e auxiliares de acção médica, enfermagem e higiene, governos, direcções gerais, administrações regionais, laboratórios, a OMS, a EMA..., bem como a implementação de normas e a (re)criação de infraestruturas administrativas, assistenciais e sanitárias. A complexidade de todo este processo implicou, como se sabe, a tomada, não raro hesitante e descontínua, de decisões difíceis e controversas (manifestações políticas, sindicais, religiosas, desportivas e, numa palavra, culturais, ditas ‘de massas’), bem como de medidas ‘contra-natura’ e mesmo aparentemente ‘deshumanas’ (proibições ou restrições de visitas a idosos, participações em velórios e funerais, celebração social e familiar de momentos festivos, seculares ou não, etc.).

Todos estes condicionalismos e circunstâncias justificam, a nosso ver, uma breve reflexão sobre as características e exigências de um human(itar)ismo contemporâneo, capaz de aliar as ciências médicas e auxiliares (cujo objectivo primeiro e último é, recorde-se, a erradicação ou minoração das doenças e dos sofrimentos físicos e mentais delas decorrentes ou a elas associados) às ciências sociais e humanas, incluindo a literatura, cuja ‘utilidade prática’, apesar do seu potencial como promotora de valores e comportamentos éticos exemplares, é ainda por vezes questionada. Como nota Maria Laura Bettencourt Pires,



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA  
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

"(...) para as Ciências Humanas progredirem, os humanistas devem aceitar as contribuições (...) das neurociências, que demonstram que a separação cartesiana entre o espírito e o corpo não se pode manter e que enfatiza o papel das emoções. Impõe-se, pois, substituir a cisão entre as Ciências e as Humanidades por uma abordagem interdisciplinar (...) integrada no estudo da cultura."(Pires, p. 19)

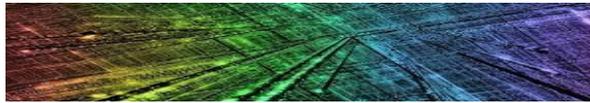
A existência, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, de um curso livre em "Literatura e Medicina"

([https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur\\_geral.cur\\_view?pv\\_ano\\_lectivo=2020&pv\\_origem=CUR&pv\\_tipo\\_cur\\_sigla=FL&pv\\_curso\\_id=19662](https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_view?pv_ano_lectivo=2020&pv_origem=CUR&pv_tipo_cur_sigla=FL&pv_curso_id=19662)), oferecido pelo Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos entre Outubro e Dezembro de 2020, constitui um significativo passo real e simbólico na construção e consagração académico-curriculares de paradigmas de colaboração Interdialogante das "duas culturas", não esquecendo o projecto de investigação em "Humanidades Médicas", sediado no Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa (CEAUL/ULICES). Paralelamente, uma notícia difundida pela SIC Notícias, em 13 de Abril de 2021, divulgava a seguinte informação:

"Curso de Medicina da Universidade do Porto vai oferecer cadeira de poesia.

O objectivo é " levar os estudantes a explorar o lado humanista e melhorar a relação com os doentes.

A partir de Setembro, a cadeira de Introdução à Poesia vai fazer parte do plano de estudos do mestrado integrado de Medicina do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS), na Universidade do Porto.



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA  
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

Será uma disciplina opcional, que servirá para expandir o conhecimento dos estudantes porque, como dizia o próprio Abel Salazar, "o médico que só sabe de medicina, nem de medicina sabe".

A cadeira vai ser leccionada por João Luís Barreto Guimarães, médico cirurgião e poeta. A poesia pretende ser uma ferramenta para destacar consciências e acrescentar a dimensão da empatia e da compaixão nos novos médicos. (...)

Com a ajuda da poesia, os estudantes de medicina vão ser convidados a explorar o lado humanista para que, concluída a formação, consigam ouvir, mas sobretudo escutar.

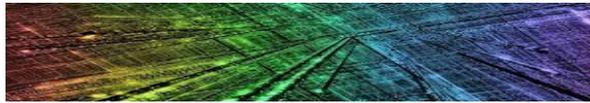
A cadeira de Introdução à Poesia, com 30 vagas, destina-se aos alunos do primeiro semestre do segundo ano do curso de Medicina."

Como se compreenderá, todas estas questões ganham uma dimensão e um potencial acrescidos quando envolvem personalidades que foram simultaneamente escritores e médicos; é o caso de Júlio Dinis, pseudónimo literário de Joaquim Guilherme Gomes Coelho (1839-1871), cujas ligações familiares a Ovar,<sup>1</sup> cidade na qual se situa a sua Casa-Museu, justificam uma alusão meteórica ao rigoroso cerco sanitário de 2020. No plano pessoal, devemos a Júlio Dinis, ao qual dedicámos já alguns ensaios, a predisposição adolescente, na 1ª metade da década de 1970, para uma formação em Letras. Não surpreenderá, portanto, a presença dispersa de conhecimentos médicos na obra narrativa de Dinis,<sup>2</sup> justificando uma investigação

---

<sup>1</sup> "Seu pai, natural de Ovar, era médico-cirurgião pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto. (...) Seus pais, por sua vez, (...) ambos naturais de Ovar, ali conservaram família e ali (...) sempre se mantiveram arreigados. Disso dará testemunho o próprio escritor, que mais tarde voltará ao berço paterno, quanto mais não seja para aí ganhar (...) as poucas forças que a saúde debilitada lhe consente, (...) pois é em Ovar que a sua vocação literária, finalmente ganha fôlego." (Simões, p. 12)

<sup>2</sup> A informação constante da contracapa da biografia assinada por Liberto Cruz reproduz esta relação simbiótica, ao notar: "Formado em Medicina, [Júlio Dinis] foi um médico escrupuloso das almas de diversas personagens romanescas e o cirurgião arguto dos males de natureza política, religiosa e social dos seus contemporâneos." (Cruz, Liberto, n. p.)



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO**  
**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**  
**ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

específica e sistemática que retome e expanda os apontamentos semeados há muito por Egas Moniz<sup>3</sup> e Irwin Stern.<sup>4</sup>

Por sugestão de Ana Rita Soveral Padeira (Universidade Aberta), a quem agradecemos, veja-se a carta de Dinis ao redactor do *Jornal do Porto*, intitulada "A ciência a dar razão aos poetas"(Dinis, "Ciência", pp. 157-175), escrita em 1864, mas apenas publicada em Dezembro de 1879. Nela pode ler-se:

"(...) a nossa época é, por mais que façam, uma época de reconciliação e tolerância. Os homens de ciência e os poetas dão-se finalmente as mãos e fazem concessões mútuas.

Nunca se viram tão amigos e reciprocamente lisonjeiros.

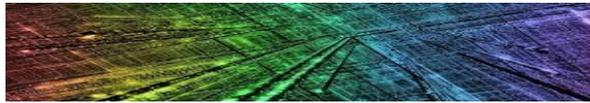
Os poetas celebram em verso teorias que dantes apenas conseguiam ser prosaicamente expostas nas páginas (...) dos livros eruditos."(*Ibidem*, p. 166)

E, logo adiante, "Um professor agregado da universidade de medicina de Paris, [sic] não pôs dúvida nenhuma em tomar para epígrafe de um livro de filosofia médica, [sic] uma quadra de Gérard de Nerval!"(*Ibidem*, p. 167)

---

<sup>3</sup> Cf. o capítulo intitulado "O Médico nos seus romances"(Moniz, pp. 199-224). Na "Advertência", datada de "Avanca, 1946", o nosso Nobel da Medicina atesta "(...) a veneração por um escritor português que ainda hoje, no declinar da vida, me fala ao coração."(*Ibidem*, n. p.)

<sup>4</sup> "Os seus estudos não só o levaram ao contacto com os progressos científicos do século, incluindo as teorias médicas de Claude Bernard [1813-1878] e as ideias de Darwin [1809-1882] sobre a evolução, mas também com os pensamentos sociais e políticos (...) da época (...)"(Stern, p. 47; cf. *ibidem*, p. 67 e p. 228). Jacinto do Prado Coelho evoca, aliás, a seguinte citação de Claude Bernard por Júlio Dinis: "A ciência não contradiz os dados da arte e não se pode admitir que o positivismo científico venha a matar a inspiração (...) Segundo a minha opinião, é o contrário que (...) acontecerá. O artista achará na ciência bases mais estáveis, e o sábio procurará na arte uma intenção mais segura."(Coelho, p. 128)



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO**  
**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**  
**ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

Tendo em vista os objectivos professados no título, comecemos por abordar *As Pupilas do Senhor Reitor* (1867).<sup>5</sup> Além da existência de dois clínicos --- João Semana, o octogenário médico da aldeia, e Daniel das Dornas, de 23 anos, recém-diplomado pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto ---, *PSR* inclui um cirurgião-barbeiro (pp. 79-80); alude a dúvidas e crenças populares no tocante à saúde;<sup>6</sup> e, através dos diálogos entre José das Dornas, pai de Daniel, e João da Esquina (pp. 61-65) e Daniel e o mesmo João da Esquina (pp. 119-125), reflecte as querelas, dúvidas e ansiedades transformistas, evolucionistas e globalmente progressistas do século XIX.<sup>7</sup> O narrador evoca, neste contexto, a figura de Jean Baptiste Monet (1744-1829), mais conhecido por Lamarck:

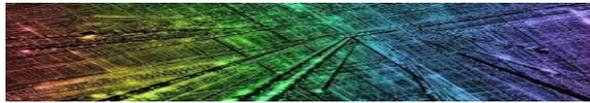
---

<sup>5</sup> Data da publicação em volume, visto que o romance começou por ser publicado, como folhetim, no *Jornal do Porto*, ainda em 1866.

<sup>6</sup> "Um perguntava a Daniel se a grama era mais fresca, do que a cevada; outro qual a razão por que os pimentos de conserva nunca lhe faziam mal, enquanto a salada de alface lhe causava uma irritação de estômago infalível; vinha outro que desejava saber se seria melhor purgar-se no quarto crescente, se no minguante da lua; queixava-se um de uns arrepios, que sentia ao deitar-se (...), e principalmente no inverno; outro do muito que suava no verão; um velho criado da casa, viúvo inconsolável, fez-lhe a história circunstanciada da doença, de que morrera a mulher, havia dez anos, pedindo a Daniel que a diagnosticasse, e lhe expusesse o tratamento que a devia ter salvo; em contraste com esta medicina retrospectiva, vinha uma rapariga perguntar (...) se lhe poderia fazer mal o ir a uma romaria daí a oito dias; José das Dornas também quis saber se o caldo de abóbora era melhor para a saúde, do que o de nabos. Uma velha interrogou Daniel sobre a doença das galinhas, e o próprio Pedro, tentado por este exemplo, fez algumas perguntas sobre a dos perdigueiros.

Daniel via-se em talas para satisfazer a tantas exigências, que não timbravam de racionais, e procurava deslindar-se airosamente delas, com aquele desculpável grau de charlatanismo, mais ou menos correcto e disfarçado, que todas as sociedades do mundo, rústicas e urbanas, são as primeiras a exigir aos médicos. Querem elas que se lhes responda sempre, e com desafogada segurança, às suas interrogações absurdas, preferindo serem iludidas a ficarem sem resposta, a qual muitas vezes, em consciência, medicina alguma do mundo lhes poderia dar." (p. 81)

<sup>7</sup> A propósito deste último diálogo, cabe aqui sublinhar um aspecto relativamente ignorado pela crítica dinisiana (mas veja-se Marchon, pp. 291-294): o sentido do cómico de situação, aqui presente no episódio da prescrição de arsénico a João da Esquina e nas subsequentes discussões conjugais com Teresa.



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO**  
**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**  
**ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

"Para os leitores, alheios a certas noções de ciência (...) devo (...) acrescentar (...), à maneira de nota elucidativa, que (...) as proposições (...) tinham seus fundamentos em várias opiniões e teorias filosóficas, mais ou menos à moda.

Daniel, com o amor do extravagante, natural a quem deixa aos vinte anos os bancos das escolas, afeiçoara-se àquelas proposições (...) mais paradoxais, não hesitando em levar às últimas consequências os princípios sistemáticos de algumas escolas e seitas."(pp. 64-65)

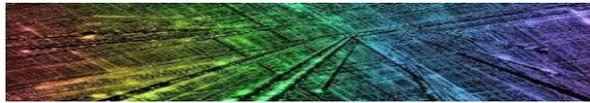
Contrariamente ao que poderia (pres)supor-se, as diferentes idades e formações científicas de João Semana e Daniel das Dornas não correspondem tanto a qualquer oposição entre conhecimentos caducos e ciência de ponta, quanto a uma outra, não menos estrutural: a da teoria vs. a prática:

"A conversa de João Semana com Daniel, não entendida, e por isso admirada pelos circunstantes, versou sobre medicina. As exaltadas crenças teóricas de Daniel, e a casuística inflexível e fria do velho prático acharam-se em conflito.

João Semana era céptico em relação à ciência moderna. Quando Daniel lhe citava um autor em voga, ou se referia a uma descoberta notável, ou a um medicamento novo, João Semana encolhia os ombros, sorrindo.

--- Tudo isso é muito bonito --- dizia ele, com poucas contemplações para com a impaciência do seu jovem colega --- mas não me serve para nada. Era o que me faltava se eu, que mal tenho tempo para dormir, me punha agora a ler essas coisas todas. Que nomes! que moléstias que eu nunca vi em sessenta anos de prática! Sabe você, Daniel? --- eu penso que lá por fora, nessas terras grandes, há fábricas de moléstias novas, que felizmente por lá se gastam também; cá à aldeia não chegam: é o que lhe sei dizer. Você para cá virá, você para cá virá. --- Há-de ver que na prática a coisa reduz-se a muito pouco; mais gástricas e menos gástricas e disse.

Daniel falou em mil assuntos: nos aperfeiçoamentos da análise médica, no microscópio, na electricidade, na química, na anatomia patológica, com um ardor de proselitismo, próprio da idade; chegou a



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA  
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

persuadir-se que a sua eloquência conseguiria, enfim, vencer o indiferentismo teórico do clínico.

Recebeu, portanto, uma impressão desagradável, quando, ao terminar um bem elaborado período em honra da ciência moderna, obteve em resposta a frase do costume:

--- Isso tudo é muito bonito, mas você para cá virá, você para cá virá, e então falaremos.

Nesta parte tornava-se, pois, impossível a conciliação. Era o antagonismo permanente entre a teoria e a prática, revelado em uma das suas complicadíssimas manifestações."(pp. 78-79)<sup>8</sup>

Coincidência ou não, no espaço do romance, Daniel dará apenas duas consultas 'ao domicílio' e ambas em substituição do seu veterano colega: a já mencionada a um João da Esquina muito pouco crente na formação, preparação e competência do jovem clínico,<sup>9</sup> e outra a Álvaro, o velho preceptor de Clara e Margarida; a terceira visita resume-se praticamente à constatação da inevitabilidade, proximidade e ocorrência do óbito, anunciado na deslocação anterior.<sup>10</sup>

As interpretações ou justificações para tão escassa actividade profissional serão sempre um exercício subjectivo, mas não restam dúvidas de que o romântico e

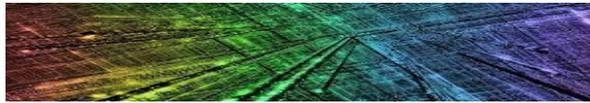
---

<sup>8</sup> Sobre João Semana, imortalizado numa célebre aguarela (1904) de Roque Gameiro (1864-1935), cf. Stern, p. 149 e p. 156, e Moniz, pp. 449-467.

<sup>9</sup> "Assim que o lavrador [José das Dornas] voltou costas, João da Esquina murmurou com os seus botões:

--- Nada, para mim não serve o doutor. Se ele diz que não há doenças, que há-de cá vir fazer? (...) pode pôr-me em dieta de vidro moído e cebola albarrã (...) e mandar-me correr a quatro pelos montes. Nada. Quero-me com o João Semana, que é homem sério, e não tem destas esquisitices da moda."(p. 65)

<sup>10</sup> "O doente era o velho (...) prostrado por uma caquexia, infalivelmente mortal."(p. 115) e "Com os olhos no rosto cadavérico do enfermo, comprimindo-lhe ainda o pulso abatido e descarnado, (...) em vez do médico impassível e atento, que devera ser, já não era senão o estudante de vinte anos, com toda a sua ardente imaginação."(p. 116)



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO**  
**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**  
**ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

galanteador Daniel surge, ao longo de praticamente toda a obra, como uma personagem imatura, impulsiva, irreflectida e volúvel, se bem que capaz de auto-análise e contrição,<sup>11</sup> sobretudo a partir desses momentos epifânicos que constituem as abnegadas acções de Margarida e as admoestações incisivas do reitor; nessa medida, Daniel é objecto de uma quase generalizada reprovação social, profissional e até moral por parte da comunidade aldeã, bem patente no episódio da desfolhada (pp. 171-172). Em contrapartida, o octogenário João Semana, um homem simples e caloroso, amante dos prazeres da mesa, sempre com um gracejo na boca e ainda pleno de vitalidade e energia, constitui um melhor exemplo de disponibilidade, proximidade, caridade e compaixão, como o comprova o relato das suas consultas ambulatoriais (pp. 93-108) e transparece da própria apresentação narrativa:

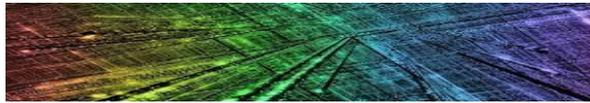
"(...) João Semana, o velho cirurgião, (...) homem rude, franco, jovial (...) apertou expansivamente a mão de Daniel, pondo em exercício uns músculos de oitenta anos, que fariam a vergonha dos dos nossos rapazes de vinte.

Apesar dos seus muitos anos, tinha ainda João Semana hábitos de actividade, a que não sabia fugir.

Erguia-se com estrelas, almoçava com luz e montava a cavalo, para começar o giro clínico, que lhe tomava o dia quase todo; (...)

---

<sup>11</sup> Maria Lúcia Lepecki aponta, no seu estudo, a bondade intrínseca (e mesmo a "excepcionalidade") de larga parte das personagens dinisianas (p. 29), acrescentando: "(...) no plano moral, psicológico ou político-ideológico--- e excepção feita dos jovens primos do Cruzeiro (...) --- não há em Júlio Dinis figuras definitivamente más. Qualquer personagem, ainda de dominância negativa, possui sempre aspecto positivo susceptível de lhe propiciar a ultrapassagem de si mesma e a entrada no espaço do bem. (...) De uma maneira ou de outra, as personagens de Júlio Dinis estão sempre abertas ao bem --- e este traço permite falar de um visceral optimismo estruturador (...) em toda a ficção dinisiana. Ela escreve, substancialmente, uma funda confiança na capacidade de (auto-)regeneração do homem." (*Ibidem*, pp. 64-65). O rastreio, em Júlio Dinis, de eventuais influências iluministas e românticas como as da perfectibilidade humana e de um rousseauísmo terapêutico permanece por fazer.



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA  
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

Dava-se nele uma necessidade de movimento e de agitação, à qual em vão fora resistir. Quem o quisesse ver morto, era condená-lo à inacção, privá-lo daqueles sóis ardentíssimos e chuvas excessivas, a que, havia mais de meio século, andava sujeito.

Viam-o [sic] sempre alegre (...)

Era perdido por anedotas, das quais podia dizer-se um repositório vivo. (...)

Esta bossa anedótica é sempre de grande valor para o facultativo que aspira à vida clínica. Uma história contada a tempo, e com graça, vale bem três récipes, pelo menos.

Cirurgião dos pobres, por encargo oficial, era-o João Semana também, e sê-lo-ia sempre, por impulsos do coração, que lhe não deixava presenciar um infortúnio qualquer, sem simpatizar com o que o sofria, e sem empregar os meios para o aliviar.

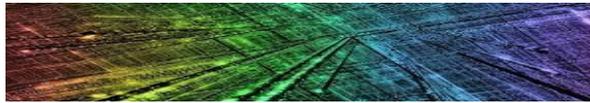
Muitas vezes, na mão, que estendia ao pulso dos seus doentes, ia escondida a esmola, que manifestamente se envergonhava de dar, por aquela repugnância a ostentações de todo o género, que constituía um dos distintivos do seu carácter."(pp. 77-78)

Após tão eloquente exemplo de 'humanidade médica', reiterada por Egas Moniz no capítulo dedicado justamente a João Semana,<sup>12</sup> bem como num breve artigo de Jorge Cruz na Acta Médica Portuguesa,<sup>13</sup> examinemos agora Uma Família Inglesa

---

<sup>12</sup> "Júlio Dinis, que copiou sempre do natural, nunca levou tão longe a perfeição de escritor realista como na descrição desse bondoso cirurgião, cujo nome perpetuou como símbolo do médico de aldeia. Nada teve que alterar; mas nem por isso são menos belas as páginas imorredoiras em que a figura do velho cirurgião perpassa, ora contando anedotas, ora troçando das inovações médicas para que não encontrava aplicação na sua prática clínica, ora elevando a sua arte às alturas de uma religião, sacrificando-se pelos doentes, dando aos pobres o que lhe pagavam os abastados e tendo para todos aquelas palavras de conforto que só os bons sabem dispensar aos desalentados da vida."(Moniz, p. 449)

<sup>13</sup> "(...) a personagem João Semana, uma das mais conhecidas e apreciadas de toda a obra do escritor, não representa um ideal utópico e irrealista, mas foi concebida a partir de clínicos reais inteiramente dedicados ao serviço dos doentes. Numa época em que o tratamento da maioria das enfermidades era muito elementar e pouco eficaz, era ainda mais pertinente o aforismo dos médicos franceses Bérard e Gubler, 'curar por vezes, aliviar muitas vezes,



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO**  
**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**  
**ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

(1868).<sup>14</sup> O enredo decorre nesse mesmo Porto que havia acolhido Daniel, tendo em vista evitar que Coimbra potenciase a natureza, já de si, precocemente namorada de do jovem...<sup>15</sup> Salvaguardadas as devidas diferenças entre Daniel das Dornas e Carlos Whitestone, também este levará uma vida de ociosidade e diversão até se apaixonar por Cecília e se render e converter progressivamente aos prazeres e encantos da vida doméstica, consubstanciados nos serões da família Quintino.

O passo em apreço preenche todo o cap. XXVII (pp. 372-379), significativamente intitulado de "O motivo mais forte". A convalescença e a reabilitação plena de Manuel Quintino é um motivo natural de alegria e celebração<sup>16</sup> e Carlos prepara-se para sair de casa, quando é confrontado com um ataque ou episódio demencial de Kate, a velha ama do pai:

---

consolar sempre'. João Semana reúne as virtudes da generosidade, altruísmo, beneficência e sentido de humor, essenciais na relação médico-doente ao longo da história da humanidade. Tal atitude contrasta com a de alguns clínicos, denunciada em outros clássicos da literatura, de paternalismo arrogante, avidez pelos bens materiais, competição feroz ou ambição desmesurada pelo poder e influência, que tem levado alguns profissionais a sacrificarem a nobre vocação médica no altar da fama, do lucro ou do poder."(Cruz, Jorge, p. 149)

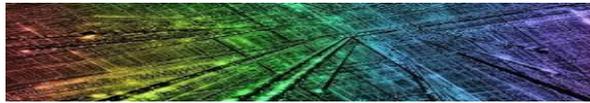
<sup>14</sup> Data da publicação em volume, visto que o romance começou por ser publicado, como folhetim, ainda em 1867, sob o título de Uma Família de Ingleses.

<sup>15</sup> Cf. o seguinte diálogo entre José das Dornas e o Pe. António:

"--- Então quer dizer que o mande para Coimbra?

--- Para Coimbra?... Eu sei?... Homem, a falar a verdade, semente desta em Coimbra é para dar uns frutos por aí além. Para o Porto, onde ele possa estar sob as vistas dos parentes que lá tens, vai muito melhor. Põe-mo a cirurgião. Eles, hoje, dizem que saem de lá como de Coimbra, e olha que é uma boa carreira. O nosso João Semana está velho, e morrendo ele, não temos por aqui mais ninguém. (...) Impõe-me o rapaz daqui para fora, se queres fazer dele alguma coisa de jeito."(p. 29)

<sup>16</sup> "Na véspera [Carlos] havia (...) prometido (...) a Cecília, o que maior força dava ainda à promessa, que não faltaria à festa, disfarçadamente planeada por ela, para celebrar o restabelecimento do velho."(pp. 372-373)



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA  
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

"Ia já a transpor o limiar da porta, quando um súbito rumor de vozes, de passos apressados e gritos agudos, como arrancados por a mais dolorosa tortura, o fizeram parar,  
(...)

Redobrou porém a violência dos gritos e tanta e tão crescente angústia exprimiam que o génio de Carlos não lhe permitiu mais tempo ouvi-los impassível; obedecendo a generoso impulso, subiu apressado as escadas e entrou naquele (...) quarto (...) "(p. 374)

O narrador dinisiano consegue transmitir, com sensibilidade e realismo extremos, as desconexões e intermitências, mentais e verbais, da velha Kate, que crê emocionadamente (re)ver na figura de Carlos a do jovem Richard (Dick) que havia ajudado a criar... Perante este quadro, Carlos abdicará da visita aos Quintino em prol do acompanhamento de Kate nos seus momentos finais de agonia e morte:

"Carlos sentiu que as [mãos] dela começavam a arrefecer, dessa frialdade de gelo, que excita em nós uma repulsão instintiva. Pela primeira vez lhe acudiu a ideia de que podia ser aquela a última noite da pobre mulher.

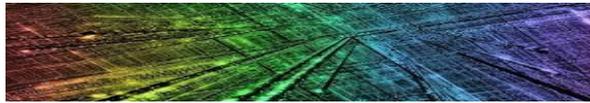
(...)

Deram nove e dez horas e Carlos não saíra de junto da velha criada, que, segura às mãos dele, estremeceu ao menor movimento (...) como receando ser abandonada (...). Era tal o terror que mostrava de ficar só, que tirou o ânimo a Carlos de tentar sequer deixá-la.

Assim, as horas, que ele contava passar na companhia de Cecília, iam-lhe correndo junto desta desgraçada octogenária, que com discursos incoerentes, de mistura com risos (...) igualmente expressivos de desvario, o conservou ali.

(...)

Carlos, poisando-lhe a mão no pulso, mal o pôde já perceber... Tentou sair, para chamar alguém que ministrasse os socorros precisos, mas a contracção com que a velha o segurou, o estremeamento que lhe correu pelo corpo, ao sentir a tentativa de Carlos, obrigaram-no a desistir.



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA  
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

--- E para quê? --- pensava ele --- ninguém já arrebatará esta presa à morte. Pelo menos que seja tranquilo o passamento. Deixá-la morrer em paz.

E ficou, ficou ele só, único espectador daquela cena lúgubre, daquele espectáculo pouco talhado para a sua juventude, para a sua índole e para os vestidos de gala, com que, para bem outros fins, esmeradamente se preparara.

(...)

Dava meia-noite, quando uma respiração mais ampla, após um profundo repouso, fechou o círculo daquela longa existência."(pp. 377-378)<sup>17</sup>

Acrescente-se, a propósito, que esta atitude de Carlos tem ainda o condão de pôr termo ao duplo desagrado paterno, causado pela penhora do relógio oferecido para assinalar os vinte anos do filho e agravado pela indisponibilidade deste para acompanhar o pai e a irmã na visita de cortesia aos Smithfield.

"Foi assim que Carlos faltou à promessa que tinha feito a Cecília, falta que horas antes pensava e dizia não haver motivo tão forte que o levasse a cometer.

Resistiu de facto aos ressentimentos do pai, resistiu --- e mais custoso lhe foi --- às lágrimas da irmã; mas não teve ânimo para resistir à compaixão por uma pobre mulher, velha, demente e moribunda.

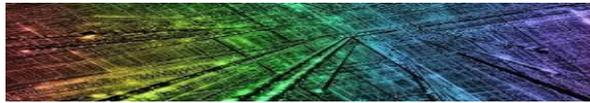
Ficou, para lhe fechar os olhos.

Era assim o carácter de Carlos."(p. 379).<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Cabe aqui notar, de passagem, que a morte constitui um tema frequente nos romances de Júlio Dinis: além dos casos, já citados, de Kate e Álvaro, cf., por exemplo, Ermelinda e Vicente (*A Morgadinha dos Canaviais*) e Berta (*Os Fidalgos da Casa Mourisca*), instaurando como temas cognatos a viuvez e a orfandade.

<sup>18</sup> A interpretação deste gesto por Egas Moniz é consentânea com a sua leitura de Carlos como uma projecção ficcional do jovem médico, ao escrever: "Em nosso entender, não foi apenas a bondade natural do seu carácter que o determinou a ficar. Carlos ficou sobretudo no cumprimento dum dever. É que Carlos é Júlio Dinis e este, descrevendo-se, não afastou de si a qualidade de (...) médico novo, saído talvez nesse mesmo ano da Escola.



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO**  
**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**  
**ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

Tendo em conta estes dois exemplos, entre outros ética e moralmente nobres<sup>19</sup> ficcionalizados por 'um médico nascido romancista',<sup>20</sup> dir-se-ia que, passados cento e cinquenta anos sobre a sua morte prematura (1871), o Dr. Gomes Coelho continua, através do seu pseudónimo literário, a dar-nos lições sobre essa humanidade efectiva e afectiva que os tempos actuais tornam tão mais urgente: uma humanidade solidária e compassiva, de entrega e amor ao próximo, com tudo o que implica de capacidade de sacrifício e de reavaliação, revalorização e reordenação das necessidades e prioridades correntes.

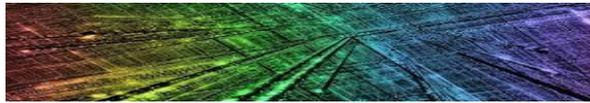
---

Repugnava inconscientemente à sua dignidade profissional, presa estruturalmente à sua personalidade, que Carlos, que o representava, abandonasse uma doente em perigo de vida, sem outra assistência clínica. Ficou como lhe cumpria, a sossegar a velha ama de seu pai e... a observar-lhe o pulso.

O dever e a bondade venceram o coração."(p. 224).

<sup>19</sup> Cristina e Vicente (*A Morgadinha dos Canaviais*), Tomé e Berta da Póvoa (*Os Fidalgos da Casa Mourisca*), a própria Jenny de *Uma Família Inglesa*, etc.

<sup>20</sup> Tomamos aqui como fonte inspiracional o título "Um pintor nascido poeta", dado à 2ª parte de um conhecido ensaio de David Mourão-Ferreira sobre Cesário Verde (1855-1886).



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

MIGUEL ALARCÃO  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA  
ORCID ID: 0000-0002-0831-1941

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

#### **A – Primária:**

DINIS, Júlio. *As Pupilas do Senhor Reitor. Crónica da Aldeia*. Porto: Livraria Civilização-Editora, "Obras Completas de Júlio Dinis", 1990.

---. *Uma Família Inglesa* (Apresentação crítica, notas e sugestões para análise literária de Helena Carvalhão Buescu). Lisboa: Editorial Comunicação, "Textos Literários", nº 43, 1985.

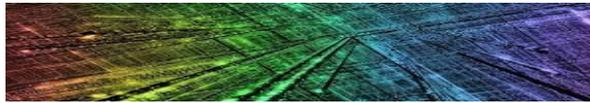
#### **B – Secundária:**

ANÓNIMO, "João José Silveira, médico da vila de Ovar inspirou Júlio Dinis". *OvarNews*, 21 Julho 2020. <<https://www.ovarnews.pt/joao-jose-silveira-medico-da-vila-de-ovar-inspirou-julio-dinis>>. Acesso em 24.04.2021.

COELHO, Jacinto do Prado. "O Monólogo Interior em Júlio Dinis" *in A Letra e o Leitor*. 2ª ed. Lisboa: Moraes Editores, "Temas e Problemas", 1977, pp. 125-137 (1969).

CRUZ, Jorge. "Este Cavalheiro era João Semana". *Acta Médica Portuguesa*. Revista Científica da Ordem dos Médicos. 2014 Jan-Fev, 27 (1), pp. 148-150. <https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/download/5287/3892>. Acesso em 24.04.2021.

CRUZ, Liberto. *Biografia de Júlio Dinis*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO**  
**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**  
**ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

DINIS, Júlio. "A ciência a dar razão aos poetas", in *Cartas e Esboços Literários*. Porto: Livraria Civilização–Editora, "Obras Completas de Júlio Dinis", 1955, pp. 157-175.

LEPECKI, Maria Lúcia. *Romantismo e Realismo na Obra de Júlio Dinis*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, "Biblioteca Breve", nº 39, 1979.

MARCHON, Maria Livia Diana de Araújo. *A Arte de Contar em Júlio Dinis. Alguns Aspectos da sua Técnica Narrativa*. Coimbra: Livraria Almedina, "Novalmedina", nº 38, 1986.

MONIZ, Egas. *Júlio Dinis e a sua obra. Com inéditos do romancista e uma carta-prefácio do Prof. Ricardo Jorge*. 6ª ed. revista e melhorada pelo autor. Porto: Livraria Civilização, [1946].

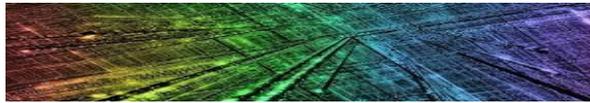
SIMÕES, João Gaspar. *Júlio Dinis*. Lisboa: Editora Arcádia, "A Obra e o Homem", nº 12, s.d. (1964).

STERN, Irwin. *Júlio Dinis e o Romance Português (1860-1870)*. Porto: Lello & Irmão, 1972.

C – Vária:

ALARCÃO, Miguel. "Dedicated Followers of Fashion: do toucador de Belinda ao quarto de Carlos" in *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica/Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas, nº 6 (1997), pp. 7-33.  
<<http://run.unl.pt/handle/10362/15188>>.

---. "Júlio Dinis anglófilo? Interrogações, perplexidades, desafios" in *Revista de Estudos Anglo-Portugueses/Journal of Anglo-Portuguese Studies*. Lisboa: Fundação



## **NARRATIVA(S), MEDICINA(S), HUMANIDADE(S): LIÇÕES DE JÚLIO DINIS**

**MIGUEL ALARCÃO**  
**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**  
**ORCID ID: 0000-0002-0831-1941**

para a Ciência e a Tecnologia/Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, nº 25 (2016), pp. 201-228.

---. "Para uma leitura 'miguelista' de *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1872), de Júlio Dinis (1839-1871)" in *Gaudium Sciendi*. Revista da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: SCUCP, nº 17 (Dezembro de 2019), pp. 77-96.

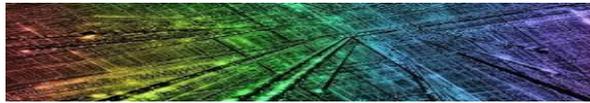
([www2.ucp.pt/resources/Documentos/SCUCP/GaudiumSciendi/GaudiumSciendi\\_N17/10\\_Para%20uma%20leitura%20miguelista.pdf](http://www2.ucp.pt/resources/Documentos/SCUCP/GaudiumSciendi/GaudiumSciendi_N17/10_Para%20uma%20leitura%20miguelista.pdf)).

---. "Literatura e psicanálise: para uma abordagem do(s) sonho(s) nos romances de Júlio Dinis" in Gabriela Gândara Terenas *et alii* (eds.), *Literatura e Ciência. Diálogos Multidisciplinares II*. Lisboa: Universidade Aberta, col. "Ciência e Cultura", nº 1, 2021, pp. 54-67.

MOURÃO-FERREIRA, David. "Notas sobre Cesário Verde", in *Hospital das Letras*. Ensaios. Lisboa: Guimarães Editores, 1966, pp. 97-134.

PIRES, Maria Laura Bettencourt e Maria Alexandre Bettencourt Pires (eds.). *As Humanidades e as Ciências. Dois Modos de Ver o Mundo*. Lisboa: Universidade Católica Editora, "Comunicação e Cultura", 2013.

"Literatura e Medicina". Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <[https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur\\_geral.cur\\_view?pv\\_ano\\_lectivo=2020&pv\\_origem=CUR&pv\\_tipo\\_cur\\_sigla=FL&pv\\_curso\\_id=19662](https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_view?pv_ano_lectivo=2020&pv_origem=CUR&pv_tipo_cur_sigla=FL&pv_curso_id=19662)>. Acesso em 24.04.2021.



## **PESSIMISM AND OPTIMISM**

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**



Figure 1- Giacomo Balla, *Pessimismo e Ottimismo*, 1923. (Public domain US) <sup>1</sup>

*Both optimists and pessimists contribute to society.  
The optimist invents the aeroplane, the pessimist the parachute....*

George Bernard Shaw<sup>2</sup>

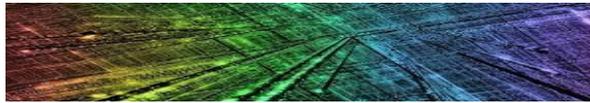
I believe some of the readers, who may know me, will be surprised at my choice of "Pessimism" as the topic of an article for a magazine entitled *Gaudium Sciendi* (The Joy of Knowledge). And indeed, as a matter of fact, I only started considering it after having been reproached by an editor of one my books because I mentioned that teenagers, nowadays, tend to have a pessimistic outlook.

Actually, although some people are genetically predisposed to be more negative than others, we all know that pessimism may not be a conscious choice and that it

---

<sup>1</sup> The original title of this futurist painting by Balla (1871-1958) is *Pessimismo e Ottimismo* and it is on display at Galleria Nazionale d'Arte Moderna e Contemporanea (GNAM) in Rome.

<sup>2</sup> This saying has been attributed to the Irish playwright George Bernard Shaw, *Collected Letters, 1926-1950*, Viking Adult, <sup>1</sup>1988 ISBN-13: [978-0370311302](#)



## **PESSIMISM AND OPTIMISM**

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**

often develops as a result of external circumstances, as was the case with the global pandemic of the coronavirus disease 2019 (COVID-19). It is also general knowledge that the degree of pessimism is often connected to the conditions in which one lives. On the other hand, it may also lead, especially young people, to outperform to face hard situations, as we can say that it has also happened nowadays.

Pessimism<sup>3</sup> has been defined as a tendency to see the worst aspect of things or to believe that the most awful will happen. It may lead one to emphasize or think only of the bad part of a situation rather than consider the good side of it. The degree of pessimism felt by an individual, or group, can often be linked to political and economic conditions in their personal lives and in their society, as I hinted above.

Pessimism is thought of as an exclusively negative stance that inevitably leads to resignation or despair<sup>4</sup>. But, according to some thinkers, there may also be benefits to being a pessimist for, in small doses, pessimism can alert people to threats and, being aware of problem areas in life, they may change harmful behaviors and adopt a healthier and less cynical attitude. Nowadays, certainly due again to the pandemic, as I've said before, there seems to be a widespread sense of cultural pessimism, which is an attitude of hopelessness toward life and survival, coupled with a vague general opinion that pain and evil predominate in the world.

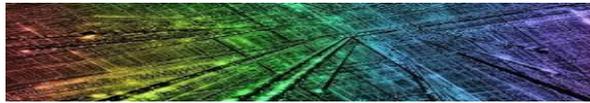
When we consider those who have been designated as "The Patron Saints of Pessimism"<sup>5</sup>, we find names of well-known writers and great literary figures, all over the world, such as Goethe (1749-1832) in Germany, Dostoevsky (1821-1881) in Russia and Baudelaire (1821-1867) in France.

---

<sup>3</sup> Frederick C. Beiser, *Weltschmerz, Pessimism in German Philosophy, 1860–1900*. Oxford: Oxford University Press, 2008, pp. 14–16. [ISBN 978-0198768715](#)

<sup>4</sup> Joshua Foa Dienstag, *Pessimism: Philosophy, Ethic, Spirit*, Princeton, N. J.: Princeton University Press, 2009. [ISBN-13: 978-0691141121](#)

<sup>5</sup> Eugene Thacker, "The Patron Saints of Pessimism: A Writer's Pantheon", *Literary Hub*, July 19, 2018 (<https://lithub.com/the-patron-saints-of-pessimism-a-writers-pantheon/>)



## PESSIMISM AND OPTIMISM

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES  
Universidade Católica Portuguesa  
Orcid Nº 0000-0002-7703-0289  
Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B



Figure 2 - François-Marie Arouet De Voltaire (1694-1778)

However, I think that most of us, if asked the title of a literary work that we deem most representative of pessimism, we would say it is *Candide, ou L' Optimisme*<sup>6</sup>, the satire published in 1759 by Voltaire<sup>7</sup> (1694-1778), the well-known French writer, historian, and philosopher. Indeed, this darkly satirical 18th-century *novella*, or narrative prose fiction, takes aim at human folly, pride and excessive faith in the ability of reason and, therefore, it still talks to us eloquently in this era of the pandemic and of wild conspiracy theories.

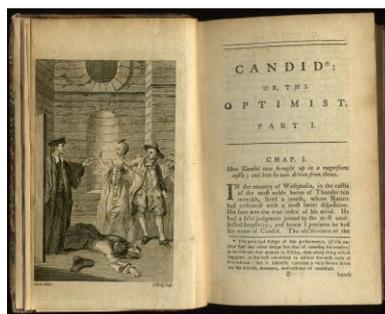
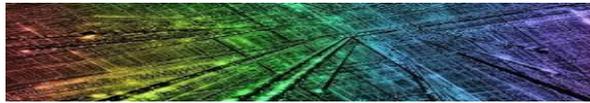


Figure 3 - Frontispiece and the first page of an early English translation by T Smollett *et al.* of Voltaire's *Candide*, 1762. Photo credit: Wikimedia Commons

<sup>6</sup> This "coming-of-age" satire, or *Bildungsroman*, has been widely translated all over the world, with English versions like *Candide: or, All for the Best* (1759); *Candide: or, The Optimist* (1762); and, more recently, *Candide: Optimism* (1947). There was also a musical adaptation of *Candide* on Broadway, in the 1970's.

<sup>7</sup> Born François-Marie Arouet, Voltaire was known in his lifetime in France as the "patriarch" of the Enlightenment.



## PESSIMISM AND OPTIMISM

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES  
Universidade Católica Portuguesa  
Orcid Nº 0000-0002-7703-0289  
Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B

Among Voltaire's numerous works, *Candide, ou L' Optimisme* (1759)<sup>8</sup> is widely recognised as the masterpiece. Candide, the protagonist, is a good-hearted but rather simple lad, whose mentor, Pangloss ("all tongue"), is an exalted Professor of "métaphysico-théologo-cosmolonigologie", who has the happy ability to explain everything that happens, despite appearances, as "for the best".

A number of historical events are frequently referred to in *Candide* and are cited by scholars as reasons for its composition, such as Gottfried Wilhelm Leibniz's publication of his *Monadologie* (1714) and the catastrophes of the Seven Years' War and of the 1755 Lisbon earthquake<sup>9</sup>. As is common knowledge, the earthquake had an effect on the contemporary doctrine of optimism that was founded on Leibniz's theodicy, which insisted on God's benevolence in spite of such events.

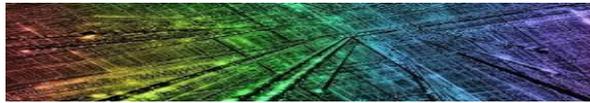


Figure 4- *The Great Lisbon Earthquake of November 1, 1755.*  
Photo credit: Wikimedia Commons

---

<sup>8</sup> Voltaire published *Candide* simultaneously in five countries no later than 15 January 1759, although the exact date is uncertain.

<sup>9</sup> Voltaire also describes the catastrophe as one of the most horrible disasters "in the best of all possible worlds" in the poem that he wrote about it, which is entitled *Poème sur le désastre de Lisbonne* (*Œuvres complètes de Voltaire*, Paris: Garnier, 1877, tome 9, pp. 470-479).



## **PESSIMISM AND OPTIMISM**

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**

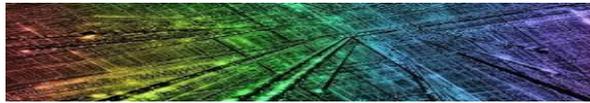
In *Candide*, Voltaire depicts the worst of the world and his pathetic hero's desperate effort to fit it into an optimistic outlook. Thus, flaws in European culture are highlighted and various philosophical and religious theories are criticised, leading many commentators to contend that Voltaire's treatment of evil—specifically the theological problem of its existence—is the focus of the work. In this novel, besides the Lisbon earthquake, disease, and the sinking of ships in storms, he explores, as well extensively, war, thievery, and murder, which are evils of human design, hence having the opportunity to unrelentingly also attacking Leibnizian optimism.

The references made to *Candide* are justified due to the fact that it is the most widely read of Voltaire's many works and it is considered one of the great achievements of Western literature. Its popularity, nowadays, is also the result of having been adapted for the radio anthology program *On Stage*, in 1953, and opened on Broadway as a musical on the 1<sup>st</sup> of December 1956 and the BBC produced a television adaptation in 1973. It was also made into a number of minor films and theatrical adaptations throughout the twentieth century.

In Portugal, among other writers who are pessimists, we have Fernando Pessoa (1888-1935) but, regarding the title of my article, I would certainly distinguish Mário de Sá Carneiro (1890-1916), the well-known poet and writer, who is one of the prominent authors of the "Geração de Orpheu"<sup>10</sup>, and is usually considered their celebrated poet, after Fernando Pessoa, who was his best friend. Sá Carneiro committed suicide in 1916, when he was studying at the university in Paris, and although he was only twenty-six years old, he left an extraordinary body of work, dealing obsessively with the problems of identity, madness and solitude and a rich *corpus* of texts that, in spite of its complexities and paradoxes, is inventive, playful and daring. Most of that work dates from the author's

---

<sup>10</sup> The *Geração de Orpheu* (Orpheus's Generation) or *Grupo de Orfeu* was a Portuguese literary movement, largely responsible for the introduction of Modernism to the arts and letters of Portugal through their tri-monthly publication, *Orpheu* (magazine) (1915).



## **PESSIMISM AND OPTIMISM**

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**

time in Paris, and all bristle, as he says, with his distaste for the banal and the ordinary and his longing for some supreme experience...

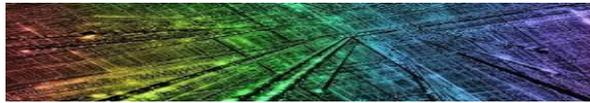
Together with Fernando Pessoa and Almada Negreiros, Mário Sá Carneiro, who has been classified as a cosmopolitan modernist, contributed to what can be deemed as a revolution in Portuguese literature and started the new aesthetic movement of Modernism.



Figure 5 - *Le Cri*, Edvard Munch, 1893, National Gallery and Munch Museum, Oslo, Norway

From a general point of view, when we consider the etymological origin of the word Pessimism, we see that it derives from the Latin *pessimus* (worst) and it denotes a belief that the experienced world is the most awful possible. It describes a general conviction that things are bad, and tend to become worse, or that considers the eventual triumph of evil over good. It contrasts with optimism, the contrary confidence in the goodness and betterment of things, as a rule.

Philosophical pessimism describes a tendency to believe that life has a negative value, or that this world is as bad as it could possibly be. In particular, it is most famously described in the philosophy of Arthur Schopenhauer (1788-1860) - who influenced Nietzsche and Wittgenstein - mainly in his work *Die Welt als Wille und Vorstellung*,



## **PESSIMISM AND OPTIMISM**

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**

(1818/1844)<sup>11</sup>. This famous masterpiece has been described as one of the most important philosophical works of the nineteenth century and is an exemplary manifestation of that type of worldview, or ethic, that seeks to face up to what it considers obnoxious realities of the world and to eliminate irrational hopes and expectations, such as the Idea of Progress and religious faith<sup>12</sup>.

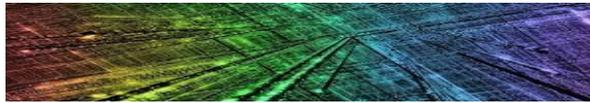
Some analysts consider that defensive pessimism has proven to be a useful cognitive strategy for some people because, if they set their expectations low, they then tend to outperform them by preparing thoroughly for a wide range of negative outcomes in advance. Indeed, this could be applied to the appalling times we are living in today. Those who - like me - defend this idea, tend to think that pessimism can be adaptive, because it alerts people to threats. For instance, pessimism and distrust of others can be negative at work but, being aware of these problem areas, may contribute to change our attitudes towards colleagues and thus promote a better atmosphere.

According to the above-mentioned ideas, we could conclude that - although different from each other - pessimists and optimists become stronger and more effective when they act together. One of the lessons we might learn from the way people reacted to the pandemic, all over the world, is that a mixed group of pessimists and optimists works much better compared to having a group composed of just pessimists or only optimists. Having a miscellaneous set in the field of health care, for instance, may lead to better collaboration and thus give us the best of both worlds in generating new ideas and

---

<sup>11</sup> Schopenhauer's famous work was translated into English with the title *The World as Will and Representation* in 1958 and 1966. A later English translation by Richard E. Aquila and David Carus is entitled *The World as Will and Presentation* (New York: Longman, 2008).

<sup>12</sup> Similar ideas could already be found in ancient texts, such as the "Dialogue of Pessimism", an ancient Mesopotamian literary composition about a humorous chat between a master and a servant, written in Babylon, around 2200 BCE, and "Ecclesiastes", one of the "Wisdom" books of the Christian Old Testament written c. 450–200 BCE.



## PESSIMISM AND OPTIMISM

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES  
Universidade Católica Portuguesa  
Orcid Nº 0000-0002-7703-0289  
Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B

refining them to address problematic predicaments. When they work together efficiently, pessimists and optimists can ensure that processes are both innovative and thorough, thus maximizing success for the long term.

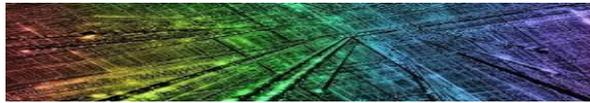
The topic of this article, as I have said, has inspired several famous and well-known writers - besides Voltaire, with his *Candide, ou L' Optimisme*, the amusing satire on the Age of Enlightenment<sup>13</sup> - such as Goethe, with his renowned and sorrowful *Die Leiden des jungen Werthers* (1774) and Dostoevsky, who wrote the short story *A Gentle Creature* (1896), that has, sometimes, also been translated as *The Meek One*, and has the subtitle of "A Fantastic Story", and in which he describes the relationship between a pawnbroker and a girl that frequents his shop. Among others, I would obviously mention Baudelaire and, in his celebrated work concerning the topic, the well-known poem "Le Mauvais Moine", which he published in *Les Fleurs du Mal* (1857).

In Portugal, besides the haunted and dazzling prose of Mário de Sá Carneiro, to which I briefly referred to above, we have Fernando Pessoa's *Livro do Desassossego: Composto por Bernardo Soares* (1998), one of the most renowned works of this world-famous literary genius.

Besides having motivated famous writers, pessimism has, obviously, also been a source of inspiration for well-known composers, like Gustav Mahler (1860-1911) and Shostakovich (1906-1975), who went through pessimistic or despairing phases. Some scholars, however, who are specialists in the field, distinguish Chopin (1810-1849), mainly in his *4th Ballade in F minor, Op. 52* (1843) and in the *Fantaisie-Improvisation* (1834) as well as Schubert's *Winterreise Op. 89* (1828), *Die schöne Müllerin* (1823) and *Der Leiermann* (1827). Wagner, with his *Götterdämmerung* (1876), which is the last in his cycle of four

---

<sup>13</sup> Until 1768 Voltaire signed *Candide* with the pseudonym: "Monsieur le docteur Ralph", or "Doctor Ralph" thus never openly admitting having written the controversial satire, although his authorship of the work was widely well known.



## **PESSIMISM AND OPTIMISM**

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**

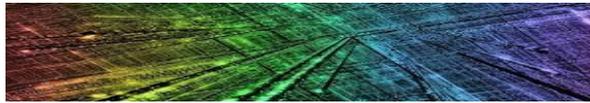
music dramas entitled *Der Ring des Nibelungen*, should also be mentioned for, besides artistic grandeur, there is much pessimistic anguish in his compositions.

Having made some references to writers and musicians who have been motivated by pessimism, I will now mention some painters who were also imbued with the same spirit. Among those who I consider most representative I have selected one from the 19th century and one from the 21st century. The first is Francisco Goya (1746-1828) with the intense and glorified series of fourteen *Black Paintings*, that this Spanish artist painted, between 1819 and 1823, and that reflect both the result of his severe illness and the situation of war in Spain - like, for instance, *The Second of May 1808* (1814) - and that deal with insanity, mental asylums, witches, satanic figures and religious and political corruption.



Figure 6- *The Second of May 1808 (The Charge of the Mamelukes)*, Museo del Prado, Madrid, Spain

Among contemporary painters, whose worldview also dribble with unending pessimism, I have selected Donald Sutton (1951--) and his well-known *Disaster Paintings*, in which he expresses his thought that man is inherently self-destructive, and that whatever is built will be destroyed. This series of his powerful paintings, which date from 1984 to 1990, was on display at the Smithsonian American Art Museum in Washington, D.C., in 2017, and represents bleak industrial landscapes and forest fires and focuses on



## **PESSIMISM AND OPTIMISM**

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**

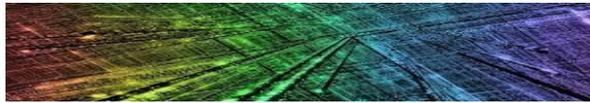
themes of industry, war, and man-made catastrophes that, according to the artist, denote our unsettling world and the bleakness of everyday toxin-belching industrial plants, like, for instance, *Forest Fire Jan 4 1984*, *Polish Landscape*, *Auschwitz 1998* or *Yellowstone Aug 15 1990*, that I include below.



Images courtesy of Smithsonian American Art Museum.

I close my references to pessimism and painting with a quotation from Donald Sutton that I think confirms what I said as it clearly expresses how he sees our world: "The series speaks to the impermanence of all things. The largest cities, the biggest structures, the most powerful empires – everything dies. Man is inherently self-destructive, and whatever is built will eventually be destroyed... That's what the works talk about: life and death."

Besides what I have mentioned about literature and art, nowadays, all over the world, it is widely admitted that we have many reasons to be pessimistic, such as all the problems related to: the pandemic of COVID 19, overpopulation, global warming, rapid deforestation and mass immigration. Some even say that robots are taking over the world and that we are at the "End of History", thus seeming to agree with Arthur



## **PESSIMISM AND OPTIMISM**

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**

Schopenhauer's view of the globe, when he said: "Genuine, lasting happiness cannot be a subject of art."<sup>14</sup>

Those who think like that seem to forget that – as I have already mentioned – we need a mixed group of theorists to give us the best of both worlds in generating new ideas and refining them to address challenging difficulties. They should also realize that, when they work together efficiently, pessimists and optimists can ensure that processes are both innovative and thorough, expanding an organization's success for the long term.

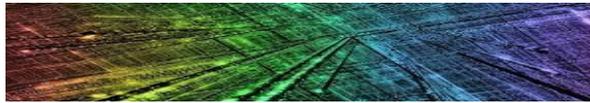
In order to maximize the value that pessimists and optimists can bring to our world, we should help them to work together well, for, as we all know, a cautious pessimism, that some designate as healthy realism, is an attitude that we can practice to our benefit. We should also be conscious that there are doubts whether optimism can be learned by those who – due to their DNA and their environment - only see the downside of things, tending thus to bemoan the glass half-empty while the others, who look on the bright side, see the same glass as half-full.



Besides all those well-known names I have mentioned above, Winston Churchill (1874-1965), who is undoubtedly one of the 20th century's most charismatic and controversial figures, has also emitted an opinion on our subject when he said that a pessimist sees the difficulty in every opportunity, while an optimist sees the opportunity

---

<sup>14</sup> Arthur Schopenhauer, *The World as Will and Representation* (1859), Volume I, Book IV, § 58.



## **PESSIMISM AND OPTIMISM**

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**

in every difficulty<sup>15</sup>. And, indeed, as we all have verified in our difficult times, Churchill was right, for there are two different strategies for coping with a complex and unpredictable world and there is not one single solution to life's challenges and we have to develop our own method to subsist with them. Some researchers even think that an excessive optimism about our life – as when we are ill, for instance – may eventually prevent our efforts to face emergency. Therefore, they consider that a certain degree of pessimism can help us survive in our world by preventing us to be too confident or dependable, thus giving us a cautionary attitude when it is needed.

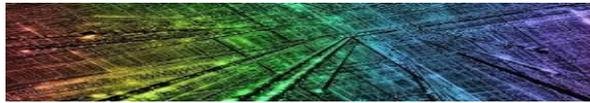
This view of life will remind us the most pessimistic 19<sup>th</sup> century philosopher, Arthur Schopenhauer, that I mentioned above, who thought that Will was above Reason as the motivating strength of human conduct and that our daily life was only suffering.

On the other hand, among the most famous optimists, who think we live in the best of all possible worlds, we have the German scholar and rationalist Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), who was a prominent figure in both the history of philosophy and the history of mathematics, and considered that we lived in the best possible universe God could have created, thus reminding us the popular French saying: "*Tout est pour le mieux dans le meilleur des mondes possibles*". Leibniz's ideas were obviously criticised by Voltaire, who – as mentioned above - thought that optimism is the madness of insisting that all is well when we are miserable.

We can, thus, conclude that whether we are essentially optimists or pessimists may indeed be a question of our genes, and opinions differ as to whether optimism can be

---

<sup>15</sup> The historian Richard M. Langworth placed the saying in an appendix titled "Red Herrings: False Attributions" in his book *Churchill By Himself*, New York: Public Affairs, U S, 2011  
[ISBN13 9781586489571](#)



## **PESSIMISM AND OPTIMISM**

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**

learned but, as George Bernard Shaw so wisely told us the exercise of healthy realism – or cautious pessimism – is something we might all practice to our benefit.

There are also those who proactively prepare for emergencies, including natural disasters, as well as disruptions to social, political, or economic order, as we have experienced in our days, and that are often colloquially designated as "preppers". A "prepper" is someone who believes a catastrophic disaster, or emergency, is likely to occur in the near future and therefore makes active preparations for it, such as stockpiling food and other supplies, thus practicing what he considers survivalist techniques. The crisis we have been living through since 2020 seems to support some of what has been designated as their post-apocalyptic and doomsday "prepping" beliefs. On the other hand, it has also demonstrated that their pessimistic worldview is somewhat wrong for, as we saw, all over the world, people were cooperative when a disaster was imminent<sup>16</sup>.

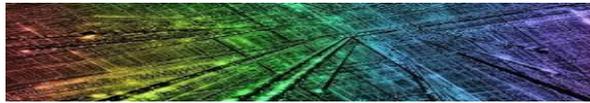
The topic of Pessimism, as we have seen, has inspired an impressive number of publications by famous writers, like Rousseau, Schopenhauer, Nietzsche, Freud, Camus, and Foucault and it has also been seen as a bad attitude and an unhappy psychological state. Some scholars consider it an exclusively negative stance that inevitably leads to resignation or despair and others as a necessary corrective to excessive optimism or faith in progress. Those who think like that agree with Schopenhauer who said: "Against the palpably sophistical proofs of Leibniz that this is the best of all possible worlds, we may even oppose seriously and honestly the proof that it is the worst of all possible worlds."<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Scrivner, C., Johnson, J. A., Kjeldgaard-Christiansen, J., & Clasen, M. (2021). Pandemic practice: Horror fans and morbidly curious individuals are more psychologically resilient during the COVID-19 pandemic. *Personality and Individual Differences*, p. 168.

<https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110397>

<sup>17</sup> Arthur Schopenhauer, *The World as Will and Representation*, Vol. II, Dover Publications, 1966, p. 583. ISBN-13: 978-0486217628



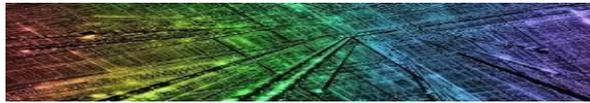
## **PESSIMISM AND OPTIMISM**

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**

I conclude this essay with a reference to what I mentioned at the beginning when I said that I started considering its topic due to a somewhat negative judgment that was passed to an allusion I made about the pessimistic view of the world that our young people seem to have nowadays. Consequently, I have done some research on the subject and concluded that, all over the developed globe, there have been significant changes in the educational and labour market experiences of the younger generation that are often regarded as having led to shifts in their viewpoints and values.

Given the greater unpredictability and insecurity of the conditions of life for them nowadays, some authors, who are specialists on the theme, think that a generational shift has taken place in which the modern age group has developed new perspectives towards life and work. These processes of social change have affected the orientations of young people and, consequently, they have pessimistic attitudes and social disconnection. Some scholars even think that, as a result of those changes, young people have become less focused on work and develop hedonistic life styles in which leisure and consumption are prioritized, as we all notice everywhere. Young people facing the future perceive their occupational world as insecure and they have a poor sense of belonging for their social and economic life has changed and the predictabilities that shaped the lives of the previous generation have been eroded.

Therefore, there is evidence of a feeling of disconnection that suggests the emergence of a new relationship between the individual and society in which previous social contracts have been undermined. Young people have a keen awareness of the constraints they face, and they are not optimistic about the future of an individualized society characterized by disconnection from collective life and all these processes are reflected in a weak sense of belonging and a lack of trust.



## PESSIMISM AND OPTIMISM

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES  
Universidade Católica Portuguesa  
Orcid Nº 0000-0002-7703-0289  
Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B

As I have made some references to the fact that pessimism, besides inspiring writers and painters, has also motivated composers of classical music, I will now mention that it is similarly evident in the type of popular music that young people listen to and appreciate nowadays and that it, furthermore, reveals the way they see their depressing world. Indeed, when we reflect on the words of some of the most well liked songs by the younger generation, we see that they are mostly about melancholic subjects, like being vulnerable and hurt, and often centered on heartache and bitterness. Among many others that I could quote to justify my statements above, I have chosen Juice Wrld's<sup>18</sup> most prized song entitled *Empty*, from his album *Death Race for Love* (2019) where he says:

*From the unknown  
I ran away, I don't think I'm coming back home  
Whoa-whoa-whoa-whoa-whoa-whoa  
Like a crawlspace, it's a dark place I roam  
Ain't no right way, just the wrong way I know  
I problem solve with Styrofoam  
My world revolves around a black hole  
The same black hole that's in place of my soul, uh  
Empty, I feel so goddamn empty*

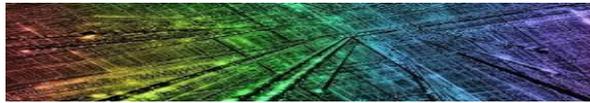
The lyrics of the rap artist Tom Odell's<sup>19</sup> song entitled *Another Love*, that I quote below, are also quite representative of what I have said about young people's pessimism nowadays.

*And I'd sing a song, that'd be just ours  
But I sang 'em all to another heart  
And I wanna cry, I wanna learn to love  
But all my tears have been used up*

---

<sup>18</sup> Jarad Anthony Higgins (1998–2019), known professionally as Juice Wrld, was an American rapper, singer, and songwriter from Chicago.

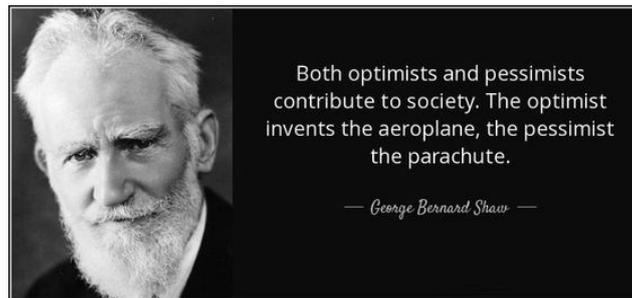
<sup>19</sup> Thomas Peter Odell (1990--) is an English singer-songwriter, whose *Songs from Another Love* was so popular that it won the BRITs Critics' Choice Award in 2013.



## PESSIMISM AND OPTIMISM

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES  
Universidade Católica Portuguesa  
Orcid Nº 0000-0002-7703-0289  
Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B

*On another love, another love  
All my tears have been used up*



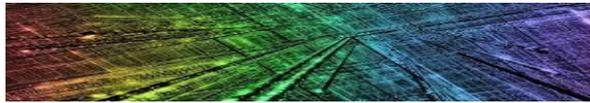
I conclude my text as I have started it invoking George Bernard Shaw<sup>20</sup>, who told us that both optimists and pessimists, with their views of the universe as dreamers and worriers, and with their inventions and improvements, influence our world.

### BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- ALEXANDER, J. C. and Smelser, N. J., *Diversity and Its Discontents. Cultural Conflict and Common Ground in Contemporary American Society*, Princeton: Princeton University Press, 1999. ISBN: 9780691004372
- BEISER, Frederick C., *Weltschmerz, Pessimism in German Philosophy, 1860–1900*. Oxford: Oxford University Press, 2008. pp. 14–16. ISBN 978-0198768715
- CÔTÉ, J., *Arrested Adulthood. The Changing Nature of Maturity and Identity*, New York: New York University Press, 2000. ISBN-13: 978-0814715987
- CAUCHI, Francesca, "Nietzsche and pessimism: The metaphysic hypostatised", *History of European Ideas*, Volume 13, 1991 - Issue 3, pp. 253-267. Published online: 3 Jan. 2012.
- DIENSTAG, Joshua Foa, *Pessimism: Philosophy, Ethic, Spirit*, Princeton, N. J.: Princeton University Press, 2009. ISBN 10 0691141126

---

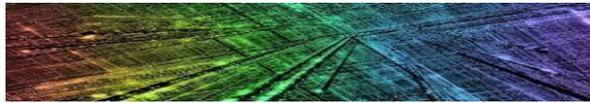
<sup>20</sup> This saying has also been attributed to the English author Gladys Bronwyn Stern (1890-1973) and to W. H. H. MacKellar of Peekskill, who wrote about it in a short article published in *The Rotarian* in May 1939.



## PESSIMISM AND OPTIMISM

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES  
Universidade Católica Portuguesa  
Orcid Nº 0000-0002-7703-0289  
Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B

- FURLONG, A. and Cartmel, F., *Young People and Social Change. New Perspectives*, Maidenhead, Open University Press, 2007. ISBN-13: 978-0335218684
- LERNER, R.M. and Steinberg L., (dir.), *Handbook of Adolescent Psychology*, Hoboken: Wiley, 2004, pp. 429–450. ISBN: 978-0-471-69044-3
- MONTAGU, Judy, "In My Own Write: Positively negative", *Jerusalem Post*, November 3, 2015 (Accessed [jpost.com](http://jpost.com) on May 26, 2021).
- NUSSBAUM, M. C., *Sex and Social Justice*, New York: Oxford University Press, 1999 . ISBN-13: 978-0195112108
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Die Welt als Wille und Vorstellung*, Berlin: Edition Holzinger, 2016, ISBN-13: 978-1495375200
- , *The World as Will and Representation*. Translated by R. B. Haldane and J. Kemp; E. F. J, London: Routledge Paul, 1883-1886. Volume I, ISBN 0-48621761-2. Volume II, ISBN 0-486-21762-0
- SCRIVNER, C., Johnson, J. A., Kjeldgaard-Christiansen, J., & Clasen, M. (2021). Pandemic practice: Horror fans and morbidly curious individuals are more psychologically resilient during the COVID-19 pandemic. *Personality and Individual Differences*, p. 168. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110397>
- TAYLOR, C., *Modern Social Imaginaries*, Durha: Duke University Press, 2004. ISBN: 978-0-8223-3293-0
- THACKER, Eugene, "The Patron Saints of Pessimism: A Writer's Pantheon. *Emil Cioran, Friedrich Nietzsche, and Other Funsters*", *Literary Hub*, July 19, 2018, (<https://lithub.com/the-patron-saints-of-pessimism-a-writers-pantheon/>)
- VOLTAIRE, *Candide, ou l'Optimisme*, Paris: Larousse, 2011, ISBN-10: 9782035866011
- , *Poème sur le désastre de Lisbonne (Œuvres complètes de Voltaire*, Paris: Garnier, 1877, tome 9, (pp. 470-479). ISBN-13: 978-0259192329

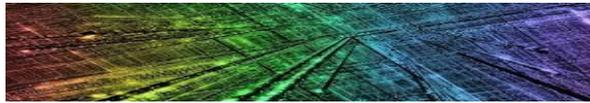


## **PESSIMISM AND OPTIMISM**

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**

### **BIO NOTE OF THE AUTHOR**

Maria Laura Bettencourt Pires is Full Professor of English and American Studies, Senior Researcher of the Center of Communication and Culture Studies, Chief Editor of *Gaudium Sciendi*, the electronic magazine of the Scientific Society of the Catholic University, President of the Board of Directors of "Fulbrighters Portugal-Alumni Association" and member of the Board of the European Project "Educating for Global Peace", Honorary Doctor of Letters, Biographical institute of Cambridge. Among her academic activities there are: tuition and coordination (PhD, Master and Post-Graduation, Section of Social Sciences of the Scientific Society and Research Projects). She also taught courses and coordinated research projects at Universidade Nova and at Universidade Aberta. In the USA, she was "Gulbenkian Fellow", "John Carter Brown\National Endowment for the Humanities Research Fellow", "Fulbright Scholar" and "Visiting Researcher" and taught at Georgetown University and at Fairfield University. She organized international conferences, gave lectures and published as coordinator: *Programa Fulbright–Volume Comemorativo* (2019), *As Humanidades e as Ciências–Dois Modos de Ver o Mundo* (2013); *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship* (2011); *Nova Iorque-De Topos a Utopos* (2009) and *Landscapes of Memory* (2004) and as author: *Intelectuais Públicas Portuguesas - As Musas Inquietantes* (2010), *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação* (2007), *Teorias da Cultura* (<sup>3</sup>2011,<sup>2</sup>2006, <sup>1</sup>2004), *Ensaio-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1981), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), as well as, editorials, prefaces and articles in *Festschriften*, magazines, newspapers and encyclopaedias.



## **PESSIMISM AND OPTIMISM**

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**

### **ABSTRACT**

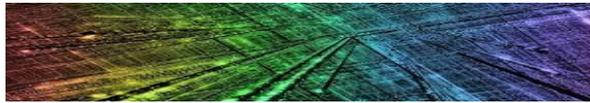
Pessimism is a view of the world that is connected to life conditions and a propensity to see the worst aspect of things that, inevitably, leads to despair. It can, however, also alert people to threats thus helping them to survive, although Schopenhauer, with his philosophical pessimism, wanted to eliminate expectations. In the difficult times we are living in today, I think it has been demonstrated that pessimists and optimists become stronger and more effective when they work together. The topic of pessimism and optimism has motivated writers, painters and musicians all over the world. Among famous writers, like Goethe, Dostoevsky, Baudelaire and Sá Carneiro, who have been considered the "Patron Saints of Pessimism", I distinguish Voltaire with his masterpiece *Candide, ou L'Optimisme*. Well-known musicians, such as Mahler, Shostakovich and Chopin, and painters, like Goya and Donald Sutton, were also inspired by the theme. Although there are also eminent optimists, like Leibniz, young people, nowadays, who see their future as insecure, seem to have a pessimistic view of the world as is evident in the lyrics of so many of the most popular songs that they so much appreciate. I conclude my text, quoting George Bernard Shaw who said "Both optimists and pessimists contribute to society. The optimist invents the aeroplane, the pessimist the parachute."

### **KEY WORDS**

Pessimism; Patron Saints of Pessimism; Voltaire; Young generation

### **RESUMO**

Pessimismo é uma visão do mundo que está ligada às condições de vida e uma tendência para ver o pior aspecto das coisas, atitude essa que, inevitavelmente, leva ao desespero. Pode, contudo, também fazer com que as pessoas se acautelem de ameaças, ajudando-as assim a sobreviver, embora Schopenhauer, com o seu pessimismo filosófico, quisesse eliminar a esperança. Nos tempos difíceis em que hoje vivemos, creio que ficou demonstrado que tanto os pessimistas como os optimistas se tornam mais fortes e mais eficientes quando trabalham juntos. O tema do pessimismo e do optimismo inspirou escritores, pintores e músicos em todo mundo. Entre os escritores mais famosos, como Goethe, Dostoevsky, Baudelaire e Sá Carneiro, que já foram considerados os "Santos Padroeiros do Pessimismo", distingo Voltaire com a sua obra de arte *Candide, ou L'Optimisme*. Músicos célebres, como Mahler, Shostakovich e Chopin, e pintores, como Goya e Donald Sutton, também foram inspirados pelo tema. Embora também haja optimistas eminentes, como Leibniz, os jovens, actualmente, ao verem o seu futuro tão incerto, parecem ter uma visão pessimista do mundo, como é evidente nas letras de inúmeras das mais populares canções que eles tanto apreciam. Concluo o meu artigo com uma citação de George Bernard Shaw, que disse: "Tanto os optimistas como os pessimistas contribuem para a sociedade. O optimista inventa o avião e o pessimista o paraquedas."



## ***PESSIMISM AND OPTIMISM***

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Orcid Nº 0000-0002-7703-0289**  
**Ciência Vitae ID No: 8111-7881-CF7B**

### **PALAVRAS-CHAVE**

**Pessimismo; escritores, pintores e músicos pessimistas; Voltaire; Juventude e pessimismo**

Informações



## INFORMAÇÕES SOBRE *GAUDIUM SCIENDI*

DIRECTORA: Maria Laura Bettencourt Pires

CONTACTOS:

Revista *Gaudium Sciendi*, Sociedade Científica, Palma de Cima 1649-023 Lisboa, Portugal

Telefone: +351 217 214 136; e-mail: [gaudiumsciendi@ucp.pt](mailto:gaudiumsciendi@ucp.pt)

INTERNATIONAL STANDARD SERIAL NUMBER: ISSN 2182-7605

*Gaudium Sciendi* é uma revista electrónica da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa publicada desde 2012 com periodicidade semestral e acesso gratuito. Foi concebida para ser vista em formato digital num computador, num *tablet* ou outro dispositivo móvel. A publicação da *Gaudium Sciendi* através da Internet permite chegar a leitores em todo o mundo. Cria também novas oportunidades que incluem poder ser lida a qualquer hora e local e tanto em bibliotecas nacionais como estrangeiras.

Cada número poderá, obviamente, também - se o leitor assim preferir - ser impresso e encadernado e lido como um livro.

### POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

A Revista *Gaudium Sciendi* oferece acesso livre e imediato ao seu conteúdo. Segue, assim, o princípio de que disponibilizar gratuitamente a informação científica ao público-leitor lhe proporciona a "alegria do saber" que está, aliás, implícita no seu título e contribui para uma maior democratização do conhecimento. Apesar disso, segue a directiva de privacidade em relação aos endereços e contactos dos autores.

### OBJECTIVOS DA *GAUDIUM SCIENDI*

A actividade editorial da revista rege-se por princípios que visam assegurar a liberdade de iniciativa e de cooperação e, por isso, a *Gaudium Sciendi* aceita e incentiva a colaboração de todos os Associados da Sociedade Científica assim como a de académicos da Universidade Católica e de outras instituições, nacionais e estrangeiras, vocacionadas para a investigação, para o ensino e para a cultura, desde que pretendam servir os mesmos objectivos e valores que a norteiam, procurando assim motivar o intercâmbio interinstitucional.

A *Gaudium Sciendi* pretende ser um instrumento de divulgação dos objectivos e dos valores da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (SCUCP). Segue uma política editorial que tem também como um dos seus objectivos actuar como um constante vector de promoção do encontro entre investigadores, autores, estudantes e leitores, nos diversos momentos da sua vida científica e de formação académica. Outro dos seus propósitos é promover oportunidades para uma reflexão crítica e um diálogo sobre os temas apresentados e proporcionar ocasiões de debate intelectual e de cooperação académica, numa perspectiva interdisciplinar, que contribuam para desenvolver a formação e o interesse pela investigação científica dos seus leitores, sobretudo dos mais jovens. Para atingir essa meta, gostaria de contar com contribuições regulares dos associados das diferentes "Secções" da SCUCP, que incluem áreas tão variadas como: Ciências das Artes, Filosofia, Direito, História, Economia, Ciências do Ambiente, Literatura e Linguística, Educação, Teologia, Ciências Exactas e Naturais, Ciências Aplicadas e Engenharia, Ciências e Tecnologia da Saúde, Ciências Sociais e Políticas e Ciências da Comunicação e Informação. A revista aceita igualmente - e acolhe com muito gosto - colaborações de académicos de outras instituições, desde que sigam as políticas directivas da *Gaudium Sciendi* e as normas de submissão de artigos.

Outra das missões da *Gaudium Sciendi* é contribuir para manter os seus leitores - quer sejam associados da SCUCP, professores, actuais ou antigos estudantes ou

investigadores da Universidade Católica - ligados à sua *alma mater*. Essa ligação pode fazer-se não apenas através da leitura regular mas também enviando artigos para a revista ou, de forma mais intervencionista, textos mais breves para as Secções "Debate", "Cartas à Directora" e "Entrevistas".

A revista pretende ainda, dentro das suas possibilidades, contribuir para demonstrar publicamente – através das colaborações que recebe - que todos os que estão associados tanto à Sociedade Científica como à Universidade Católica têm orgulho de pertencer a estas instituições. Ao manter os leitores informados sobre resultados de investigações científicas em curso ou sobre o sucesso profissional de antigos alunos ou investigadores, assim como com a publicação de textos relacionados com eventos organizados pela Sociedade Científica e pela Universidade Católica, a *Gaudium Sciendi* pretende também contribuir para demonstrar como ambas as instituições têm influência na academia tanto em Portugal como no estrangeiro.

### NÚMEROS TEMÁTICOS

Embora a revista esteja direccionada para a divulgação de trabalhos académicos, sendo portanto, regra geral, os temas livres, têm havido também alguns números temáticos que focam um tópico central, como "A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia" (Janeiro 2013), "Direito" (Julho 2013) e "O Conceito de Alma – Do Antigo Egipto ao Mundo de *Matrix*" (Junho 2014).

### SECÇÕES

No âmbito da *Gaudium Sciendi* há várias secções, tais como Editorial, Artigos, Debates, Poesia, Recensões críticas e Entrevista.

### INFORMAÇÕES AOS LEITORES

Convidamos os nossos leitores a enviarem-nos comentários sobre a revista em geral ou sobre algum dos artigos publicados. Poderão também inscreverem-se no serviço de notificação de publicação da revista, bastando para tal que nos enviem um *e-mail* nesse sentido. Essa inscrição permitirá ao leitor receber via *e-mail* um aviso da publicação de um novo número da *Gaudium Sciendi* assim como o sumário de cada nova edição. De acordo com a Política de Privacidade, a revista assegura aos leitores que os seus nomes e endereços informáticos não serão utilizados para outros fins.

### INFORMAÇÕES PARA OS COLABORADORES

A revista aceita propostas de artigos para publicação sobre um amplo leque de tópicos em diversas áreas científicas. Quanto à Norma Ortográfica, a Direcção respeita a decisão pessoal dos autores relativamente à regra ortográfica da língua portuguesa que seguem nos seus textos. Relativamente às ilustrações, todas as imagens incluídas nos artigos da *Gaudium Sciendi* são da responsabilidade da Direcção a menos que os autores as tenham escolhido, sendo, nesse caso, indicado em nota.

### INFORMAÇÃO PARA BIBLIOTECÁRIOS

Convidamos as bibliotecas a incluir a *Gaudium Sciendi*, assim como outras revistas de acesso livre, nos seus catálogos de revistas electrónicas. Este sistema de publicação é desenvolvido também para ser operado por bibliotecas universitárias, como a Biblioteca Universitária João Paulo II da Universidade Católica, dando assim apoio ao trabalho de publicação das revistas do seu corpo académico.

## NORMAS DE SUBMISSÃO DE ARTIGOS

- Os artigos devem ser submetidos à *Gaudium Sciendi*, Revista *on-line* da Sociedade Científica, em formato electrónico, para o seguinte endereço: [gaudiumsciendi@ucp.pt](mailto:gaudiumsciendi@ucp.pt)
- Os textos devem incluir, em nota de rodapé, um C.V. do autor com aproximadamente 1.720 caracteres incluído os espaços.
- Os artigos podem ser submetidos em Português, Inglês, Francês e Espanhol.
- As publicações devem conter, obrigatoriamente, um resumo em português e em língua estrangeira com cerca de 2.620 caracteres com espaço, seguido de palavras-chave, no máximo de cinco.
- Os ensaios não deverão exceder 52.360 caracteres com espaço (c. 20 pp. A4), incluindo os resumos, palavras-chave e bibliografia.
- As resenhas críticas não deverão ter mais de 7.854 caracteres com espaço (c. 3 pp. A4). Os colaboradores devem conservar em seu poder um duplicado de todo o material enviado para a *Gaudium Sciendi*.

### FORMATAÇÃO

- **FORMATAÇÃO:** Word ou RTF, letra Calibri 12, alinhamento justificado, espaçamento entre linhas 1,5. Citações com mais de 3 linhas—espaçamento entre linhas 1.
- **TÍTULO:** Além do título do artigo, deve incluir o nome e a universidade do autor.
- **EPÍGRAFE** ou citação inicial (se houver): alinhada à direita, seguida de uma linha em branco.
- **PARÁGRAFO NORMAL:** justificado, indentação: esquerda: 0 cm, direita: 0 cm, primeira linha: 0,7cm.
- **CITAÇÕES COM MAIS DE TRÊS LINHAS:** separadas do texto por uma linha em branco, indentação: esquerda e direita 1 cm.
- **ASPAS E PARÊNTESES:** Devem ser sempre usadas aspas rectas "" e não curvas como «» e "" e parênteses curvos (...) em vez de rectos [...], excepto na indicação da data da 1ª edição nas bibliografias.
- **NOTAS:** Devem ser usadas notas de rodapé e não notas no fim do artigo.
- **VÍRGULAS E PONTOS FINAIS NAS CITAÇÕES:** Devem ser incluídos depois das aspas. Dois pontos e ponto e vírgula também devem ser colocados depois das aspas.
- **NÚMERO SOBRE ELEVADO (SUPERSCRIPT) INDICATIVO DAS NOTAS:** deve ser colocado depois do ponto final ou vírgula, dois pontos ou ponto e vírgula.
- **USO DE MAIÚSCULAS NOS TÍTULOS:** Devem ser seguidas as normas internacionais, incluindo o uso de maiúscula na primeira palavra do subtítulo depois dos dois pontos. Exemplo: *As Humanidades e as Ciências: Dois Modos de Ver o Mundo*.
- **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:** Tanto no texto, como nas notas de rodapé assim como nas referências bibliográficas no final dos artigos, devem ser seguidas as normas internacionais de *The Chicago Manual Style*.
- **IMAGENS:** Se os autores incluírem nos seus textos ilustrações, tabelas ou longas citações que tenham sido previamente publicadas noutra local são responsáveis pela obtenção dos respectivos direitos de autor, devendo comprová-lo à Direcção.



## CONSELHO EDITORIAL



Os Conselhos Editoriais são uma antiga tradição em todas as revistas. Actualmente, embora não detenham o poder decisório de outros tempos, têm ainda um papel importante nas análises críticas que fazem de todos os materiais, sendo de sua responsabilidade zelar pelo conteúdo científico e pela imagem das publicações.

O Conselho Editorial da *Gaudium Sciendi* é o sector responsável pela edição e publicação da Revista, que tem por objectivo ser um veículo de difusão científica semestral e interdisciplinar de artigos de autores da Sociedade Científica da Universidade Católica e de outras instituições académicas que queiram ter seus trabalhos publicados e difundidos no país e no estrangeiro. Tem também como objectivo contribuir para a divulgação do pensamento crítico e da pesquisa. Uma das competências do Conselho é estabelecer a política editorial da publicação relativamente às suas diferentes Secções de Artigos, Recensões Críticas, Poesia e Cartas à Directora, colaborando, assim, directamente, com a Directora, que, por sua vez, articula com a Presidência da Sociedade.

O Conselho Editorial da *Gaudium Sciendi* é composto por três membros da Sociedade Científica, que são professoras da Universidade Católica e especialistas em diferentes áreas científicas. Na sua constituição, procurou-se a diversidade tanto nas áreas de ensino como nos níveis de senioridade.

### COMPOSIÇÃO

O Conselho Editorial é constituído por professores doutorados que representam várias áreas do conhecimento e, actualmente, é composto pelos seguintes membros:

- Prof. Doutora Maria Laura Bettencourt Pires, Directora da *Gaudium Sciendi* e Investigadora Sénior do CECC.
- Prof. Doutora Ana Costa Lopes, Docente e Investigadora Sénior do CEPCEP e do CECC.
- Prof. Doutora Marília Lopes dos Santos, Docente e Investigadora Sénior do CECC.

### COMPETÊNCIAS

O Conselho Editorial tem por finalidade principal viabilizar a publicação da revista electrónica *Gaudium Sciendi*, onde serão difundidos textos originais resultantes de actividades de investigação e ensino e cujo valor técnico, científico, artístico e literário tenha sido assegurado pelo Conselho de Avaliação (*Blind Peer Review*) da revista. Além de promover e divulgar a produção científica multidisciplinar da comunidade universitária em

que se integra, a revista edita também artigos de autores nacionais e estrangeiros de outras instituições, desde que se articulem com a sua política editorial. O Conselho deve igualmente ter o propósito de difundir novas ideias e, através da atenção prestada ao conteúdo e à técnica, apostar no desenvolvimento de um projecto editorial e de um *design* gráfico diferenciados, seguindo a tendência do actual mercado editorial universitário.

#### **FUNCIONAMENTO**

O Conselho Editorial reunirá, ordinariamente, de três em três meses, e extraordinariamente, quando convocado pelo Presidente da Sociedade Científica, pela Directora da revista ou pela maioria de seus membros.

## CONSELHO CONSULTIVO



O Conselho Consultivo da *Gaudium Sciendi* é uma comissão externa permanente de aconselhamento científico que actua como órgão de consulta, apoio e participação na definição das linhas gerais de actuação da Directora da revista.

### CONSTITUIÇÃO

O Conselho Consultivo é composto por académicos, investigadores e personalidades de reconhecido mérito e gabarito científico, tanto portugueses como estrangeiros, convidados pela Directora por serem especialistas nas matérias publicadas pela revista.

### DECISÕES

As decisões do Conselho Consultivo são tomadas por maioria simples e não são vinculativas.

### CANDIDATURAS

Os candidatos a membros do Conselho Consultivo são propostos pela Directora da *Gaudium Sciendi* ao Presidente da Direcção da Sociedade Científica, a quem cabe aceitar ou recusar a candidatura.

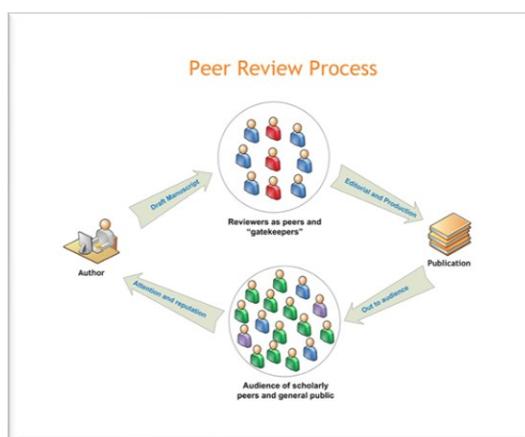
É uma honra e um aval científico para a *Gaudium Sciendi* que o seu Conselho Consultivo inclua nomes de académicos de tão grande prestígio internacional como os de:

- Luísa Leal de Faria (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Molefi Asante (Temple University), EUA
- Pedro Louzada da Fonseca (Universidade Federal de Goiás), Brasil
- Ian Campbell (University of Edinburgh), UK
- Dália Guerreiro (Universidade de Évora), Portugal
- Leonídio Ferreira (Direcção Diário de Notícias) Portugal
- Georges Rousseau (Oxford University), UK
- Ana Paula Machado (Universidade Aberta), Portugal
- Catarina Burnay (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Gerald Bär (Universidade Aberta), Portugal



## CONSELHO DE AVALIAÇÃO

O êxito editorial da publicação depende da qualidade dos artigos publicados, que é, obviamente, assegurada pelos autores mas também pelo Conselho de Avaliação. Pertencendo, contudo, à Directora a última palavra no que se refere à edição pois é da sua responsabilidade assegurar a qualidade, a correcção e a variedade do conteúdo científico, que deverá, tanto quanto possível, ser interactivo.



Os textos enviados para a *Gaudium Sciendi*, desde que sejam adequados à linha editorial previamente estabelecida e não tenham sido publicados antes, serão avaliados pela Directora e revistos segundo o sistema de *Blind Peer Review* e submetidos, em regime de anonimato, ao parecer de especialistas da respectiva área científica, sendo o autor notificado da decisão do Conselho de Avaliação. O artigo não deverá conter qualquer indicação de autoria ou vínculo institucional, para que o material seja analisado de maneira absolutamente impessoal.

Nesse processo, os nomes dos avaliadores permanecem em sigilo, sendo também junto deles mantido o anonimato dos articulistas. Os dados relacionados à titulação e à afiliação institucional e profissional devem ser inseridos apenas num dos exemplares enviados. Caso sejam necessárias informações adicionais que vinculem o texto ao autor, as mesmas serão mencionadas na versão final para publicação.

Dos pareceres emitidos, podem constar sugestões de alterações, acréscimos ou adaptações necessárias ao aprimoramento do texto examinado, a serem efectuadas com a concordância do autor. Após a aprovação dos textos, os autores são informados e feitos os necessários ajustes dos trabalhos de acordo com as normas de submissão de artigos da *Gaudium Sciendi*. Ao contrário do que sucede em algumas revistas universitárias, trata-se de um método de revisão que deve funcionar como um estímulo e não como um ataque e cujo objectivo principal é assegurar a qualidade e o mérito científico da publicação para benefício tantos dos leitores como dos autores.





**About us**



## ABOUT US

### CONTACTS

EDITOR: Maria Laura Bettencourt Pires

ADDRESS: *Gaudium Sciendi*, Sociedade Científica, Universidade Católica, Palma de Cima, 1649-023, Lisboa Portugal e-mail: [gaudiumsciendi@ucp.pt](mailto:gaudiumsciendi@ucp.pt)

INTERNATIONAL STANDARD SERIAL NUMBER: ISSN 2182-7605

*Gaudium Sciendi* is a bi-annual, open and free access online magazine published since 2012 by the Scientific Society of the Portuguese Catholic University. It has been conceived to be read online on a computer, a tablet or any other mobile device. The publication of *Gaudium Sciendi* on the Net reaches readers all over the world and creates new opportunities that include being accessible at any time and place, in Portuguese as well as in foreign libraries. It can also, if the reader prefers, be printed and read as a book.

### OPEN ACCESS POLICY

The magazine offers freely to its readers the type of scientific information that gives them "the joy of knowing", as implicit in its title *Gaudium Sciendi* thus contributing to a better democratization of knowledge. Although following a policy of open access, the contacts of the authors will be kept private.

### OBJECTIVES OF GAUDIUM SCIENDI

The editorial activity of the magazine follows principles aimed at assuring the freedom of initiative and cooperation and, therefore, *Gaudium Sciendi* accepts and encourages the collaboration of all the members of Sociedade Científica as well as of academics of the Catholic University and other Portuguese and foreign institutions who are interested in research, tuition and culture, if they want to attain the same objectives and values, thus trying to motivate inter-institutional interchange.

*Gaudium Sciendi* follows an editorial policy that also aims at establishing contacts and providing occasions for meetings and debates of researchers, authors, students and readers, in the different moments of their scientific career and academic education. Another of its purposes is to promote opportunities for a critical reflection and for a dialogue about the themes presented in the magazine and to provide occasions for an intellectual debate and for academic cooperation, in an interdisciplinary perspective, that contribute to develop the formation and the interest for scientific research among its readers, primarily the younger ones. To attain this goal, it would be good to have regular contributions of the associates of all the different "Sections" of SCUCP. The magazine also gladly accepts collaborations of academics of other institutions, if they follow the directives of *Gaudium Sciendi* and the rules for the submission of articles. *Gaudium Sciendi* also wants to contribute to keep its readers – whether they are SCUCP associates or professors, actual or former students or researchers at Universidade Católica – connected to their *alma mater*. That connection can be made not only by regularly reading the magazine but also by sending articles or, in a more intervening way, by writing short texts to the Sections "Debate", "Letters to the Editor" and "Interviews".

The magazine also wants, within the scope of its possibilities, to contribute to publicly demonstrate, through all the collaborations that it gets, that all those who are connected

either to the Sociedade Científica or to Universidade Católica are proud to belong to those institutions. By keeping our readers informed about the results of undergoing scientific research or about the professional success of former students or researchers as well as with the publication of texts, which are related with events organized by Sociedade Científica and by Universidade Católica, *Gaudium Sciendi* also aims at contributing to demonstrate how both institutions are important in Portugal and abroad.

#### **THEMATIC NUMBERS**

Although one of the aims of *Gaudium Sciendi* is to publish of academic articles, whose themes are free, there are also some thematic numbers that focus a central topic, such as " The Linguistic-Cultural Transversability of the Bible" (January 2013), "The Law" (July 2013) and "The Concept of Soul – From Ancient Egypt to the World of Matrix" (June 2014).

#### **INFORMATION FOR THE AUTHORS**

We welcome contributions about a wide range of subjects from different research and scientific areas. The Editor is responsible for all the images included in the articles unless the authors have chosen the illustrations themselves and, in that case, it will be mentioned in a note.

#### **BLIND PEER REVIEW**

The articles will be anonymously submitted to blind peer-review by recognized scholarly experts on the theme.

#### **SECTIONS**

There are several sections in the magazine, such as the Editorial, Articles, Debates, Critical Reviews, Poetry, Interviews and Letters to the Editor.

## RULES FOR PUBLICATION

1. The articles for publication, which should not have been printed previously, should be submitted to *Gaudium Sciendi*, the *on-line magazine* of Sociedade Científica, by e-mail to the following address: [gaudiumsciendi@ucp.pt](mailto:gaudiumsciendi@ucp.pt)
2. The texts should include a footnote with a C. V. of the author of around 1720 characters including spaces.
3. The articles can be written either in Portuguese, English, French or Spanish.
4. The essays must include an abstract in Portuguese and in a foreign language with c. 2620 characters with spaces, followed by no more than five key-words.
5. The texts should not have more than 52.360 characters with spaces (20 pp. A4), including the abstracts, key-words and bibliography.
6. Book reviews should not have more than 7854 characters with spaces (3 pp. A4).
7. Format: Word or RTF, Size A4, font Calibri 12, Bold, justified, space between lines 1,5.
8. The authors should keep a duplicate of all the materials sent to *Gaudium Sciendi*.
9. Footnotes, bibliographical citations as well as bibliographical references at the end of the articles, should follow the international rules of *The Chicago Manual Style*.



## EDITORIAL BOARD



Editorial Boards are a longstanding tradition in every newspaper. Nowadays, although they no longer have the deciding power they used to have, they still have an important role in the critical analysis they make of every material presented for publication, and it is their responsibility to watch over the scientific content and the public image of the publications.

The Editorial Board of *Gaudium Sciendi* is responsible for the edition and the publication of the magazine, which is published twice a year and whose objective is to be a means of transmission of scientific interdisciplinary articles written by members of Sociedade Científica of Universidade Católica and of other academic institutions who want to have their work published and acknowledged at home and abroad. It also has the objective of contributing to the knowledge and the disclosure of critical reflections and research. One of the capacities of the Board is the establishment of the editorial policy of the magazine regarding its different Sections such as Articles, Book Reviews, Poetry, and Interviews and, thus directly collaborating with the Director, who, on the other hand, is the link with the President of the Society.

The recently created Editorial Board of *Gaudium Sciendi* is composed by three members of Sociedade Científica, who are Professors at Universidade Católica Portuguesa and reknown scholars in different research areas. Both the diversity in the tuition fields and the levels of seniority were taken into account for the constitution of the Board.

### ORGANIZATION

The Editorial Board is constituted by PhD Professors who represent several fields of knowledge and, nowadays, its members are:

- Professor Maria Laura Bettencourt Pires, Chief Editor of *Gaudium Sciendi* and Senior Researcher of the Research Center for Communication and Culture.
- Professor Ana Costa Lopes, Executive Editor and Senior Researcher of the Research Center for Portuguese Culture and of the Research Center for Communication and Culture.
- Professor Marília dos Santos Lopes, Executive Editor and Senior Researcher of the Research Center for Communication and Culture.
-

### **DUTIES AND OBLIGATIONS**

The main objective of the Editorial Board is to assure the publication of the on-line magazine *Gaudium Sciendi*, thus making known original texts that result both from teaching and research activities and are mainly produced by members of Sociedade Científica of Universidade Católica Portuguesa – once their technical, scientific, artistic and literary value have been assured by the *Blind Peer Review*. Besides promoting and publicizing the multidisciplinary scientific production of the academic community in which it is integrated, the magazine also publishes articles written by Portuguese and foreign authors from other institutions, if they follow the editorial policy. The Board must also aim at diffusing new ideas and - due to its care for the content and technological aspects – contributing to the development of an editorial project and search for a graphical *design* that is distinct from others, thus following the tendencies of our days academic editorial market.

### **MEETINGS**

The Editorial Board will meet, as a rule, every three months and extraordinarily, whenever convoked by the President of Sociedade Científica, by the Director of the magazine or by the majority of its members.

## ADVISORY BOARD

The Advisory Board of *Gaudium Sciendi* is an external permanent committee that gives scientific advice and support to the Director and participates in the definition of general editorial directives. It is constituted by Portuguese and international academics, researchers and other personalities, who, being well known for their merit and scientific level, are considered experts on the topics published by *Gaudium Sciendi*. The members are invited by the Director, who proposes their names to the President of the Society. The decisions of the Advisory Board are not mandatory.

The Advisory Board of *Gaudium Sciendi* is currently constituted by:

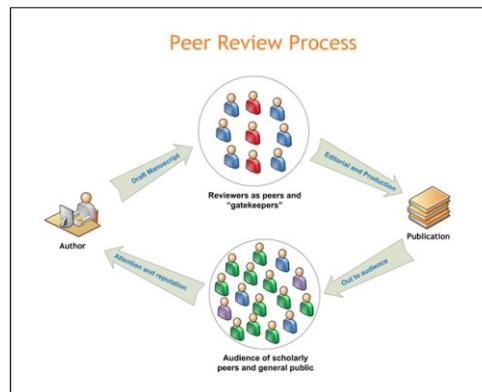
- Luísa Leal de Faria (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Molefi Asante (Temple University), EUA
- Pedro Louzada da Fonseca (Universidade Federal de Goiás), Brasil
- Ian Campbell (University of Edinburgh), UK
- Dália Guerreiro (Universidade de Évora), Portugal
- Leonídio Ferreira (Direcção Diário de Notícias) Portugal
- Georges Rousseau (Oxford University), UK
- Ana Paula Machado (Universidade Aberta), Portugal
- Catarina Burnay (Universidade Católica Portuguesa), Portugal
- Gerald Bär (Universidade Aberta), Portugal



---

## BLIND PEER REVIEW

The editorial success of the magazine depends on the scientific quality of the articles, which is, obviously assured by the authors but it also depends on the Blind Peer Review Process of evaluation. The Editor, being responsible for the quality, the correction and the variety of the scientific material published in the magazine, has, however, the last word.



The texts sent to *Gaudium Sciendi*, which should not have been published previously, will be evaluated by the Editor and then reviewed according to the *Blind Peer Review Process*. The names of the members of the Blind Peer Review Board as well as those of the authors, whose texts they evaluate, are kept secret. The writers will be informed of the evaluation of their texts and also of any required correction.